



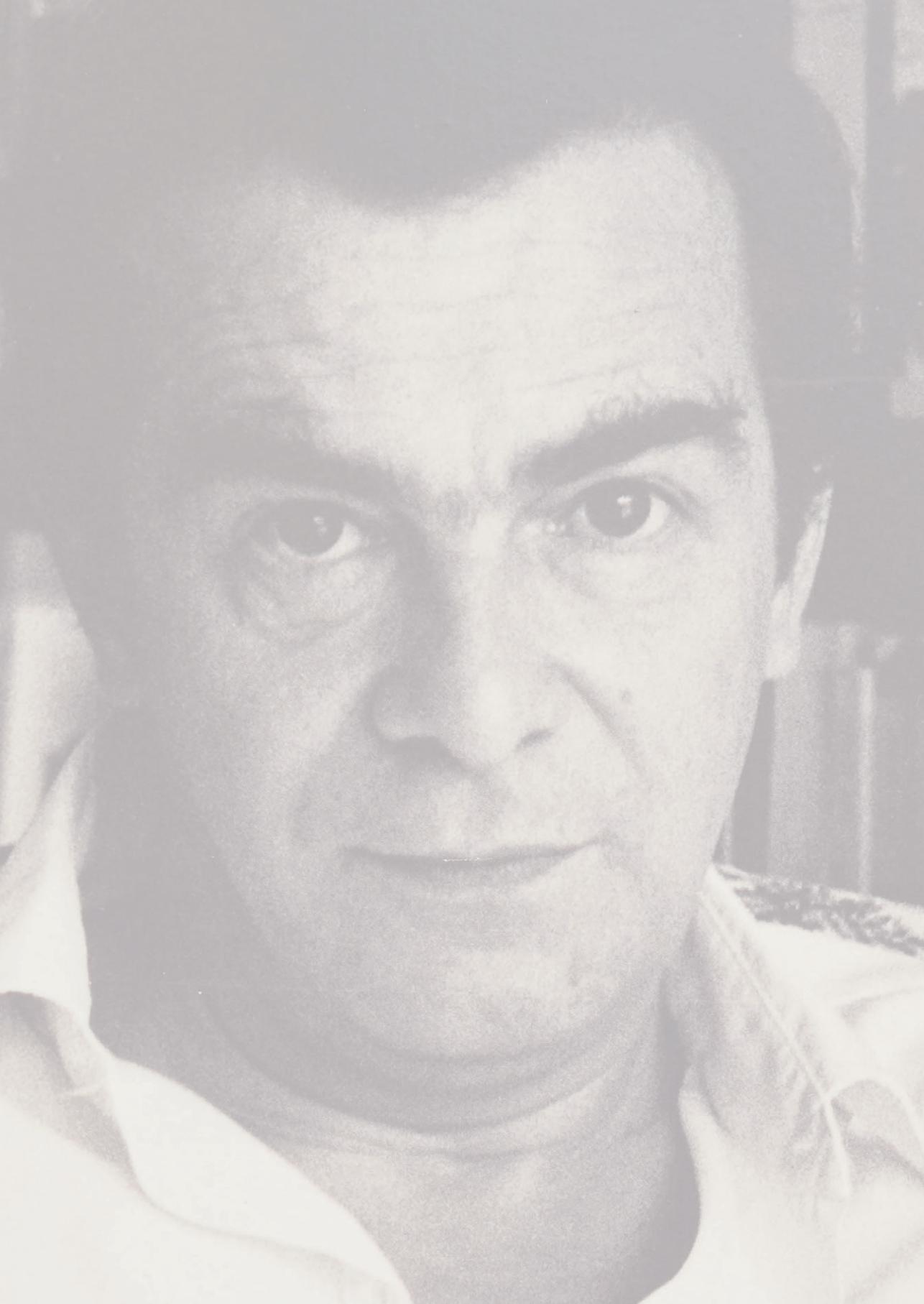
Luiz Síveres
Joaquim Alberto Andrade Silva
Idalberto José das Neves Júnior
Organizadores

Diálogos com *Darcy Ribeiro* Educação e Democracia



Universidade
Católica de Brasília

Cátedra UNESCO de Juventude,
Educação e Sociedade



Luiz Síveres
Joaquim Alberto Andrade Silva
Idalberto José Das Neves Júnior
Organizadores

Diálogos com
Dancy Ribeiro
Educação e Democracia



unesco
Cátedra



Universidade
Católica de Brasília
Cátedra UNESCO de Juventude,
Educação e Sociedade

Brasília | 2023

D537 Diálogos com Darcy Ribeiro [recurso eletrônico] : educação e democracia / Luiz Síveres, Joaquim Alberto Andrade Silva, Idalberto José das Neves Júnior, organizadores. – Brasília, DF : Universidade Católica de Brasília, 2023.

Modo de acesso: <<https://ucb.catolica.edu.br>>.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-65-87629-12-4

1. Educação. 2. Democracia. 3. Formação cultural. 4. Ensino superior.
I. Ribeiro, Darcy. II. Síveres, Luiz. III. Silva, Joaquim Alberto Andrade. IV. Neves Júnior, Idalberto José das.

CDU 37

Eu, lá de longe, estarei vendo, feliz.
Darcy Ribeiro

Sumário

PREFÁCIO	09
APRESENTAÇÃO	13
A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL - UM DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO.....	17
Luiz Síveres	
CALAMIDADES EDUCACIONAIS ATUALIZADAS	29
Igor Adolfo Assaf Mendes	
Joaquim Alberto Andrade Silva	
Vitor Biral Bazucco	
O BOM PROFESSOR NA UNIVERSIDADE: UMA EDUCAÇÃO ECOSISTÊMICA CRIANDO POSSIBILIDADES PARA A INOVAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	39
Idalberto José das Neves Júnior	
Letícia da Costa e Silva Mourão	
DIÁLOGOS COM DARCY RIBEIRO: DESVELANDO A ESTRUTURA RACISTA NO BRASIL.....	59
Maria de Lourdes de Almeida Silva	
José Ivaldo Araújo de Lucena	
Vanildes Gonçalves dos Santos	
A EDUCAÇÃO COMO PRIORIDADE: UM DIÁLOGO DE INQUIETAÇÕES	73
Maria do Socorro da Silva de Jesus	
Marli Dias Ribeiro	
Edney Gomes Raminho	

A UNIVERSIDADE NECESSÁRIA: UM DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO.....	87
Lucicleide Araújo	
Edney Gomes Raminho	
Luiz Síveres	
JUSTIÇA SOCIAL, RESISTÊNCIA E O DISCURSO DE DARCY RIBEIRO PARA UMA UNIVERSIDADE NECESSÁRIA NO BRASIL	105
Vânia Batista dos Santos	
Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira	
Andrea Karla Ferreira Nunes	
EDUCAÇÃO DEVE SER UMA PRIORIDADE UM DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO.....	117
Rita de Cássia de Almeida Rezende	
Luiz Henrique Alves dos Santos	
DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO E SUAS OBVIDADES.....	127
Celita Fernandes de Oliveira e Silva	
Juliana de Andrade Boel Neves	
Maria Madalena dos Santos	
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	139
Vasti Ribeiro de Sousa Soares	
A EDUCAÇÃO NECESSÁRIA	153
Airton Rodrigues Gonçalves de Paiva	
Marilene Nogueira da Silva	

Prefácio

Darcy para os “Gerais”

Inicio este diálogo a partir de um jogo de palavras no nome do estado do nosso homenageando a partir da obra “Diálogos com Darcy Ribeiro”, no ano do seu centenário de nascimento. A tarefa desafiadora me foi confiada pelos colegas da Universidade Católica de Brasília, em particular, o Grupo de Pesquisa – Diálogo: um processo pedagógico transversal.

O jogo de palavras remete exatamente ao que foi Darcy e o que perseguem aqui os autores desta empreitada grandiosa – rememorar o que seria hoje uma boa prosa com Darcy –, que adorava uma conversa, e, principalmente, falar do Brasil e do seu povo brasileiro, numa linguagem bem coloquial e direta como ele gostava de fazer.

Portanto, uso a expressão os “Gerais”, pois foi o nome que a coroa portuguesa agregou a Minas no século XVIII, não mais se referindo às minas de ouro, mas de uma série de outros minerais ali descobertos. E talvez a expressão que mais se aplique a esta denominação seja exatamente a cidade em que nasce Darcy, a ensolarada Montes Claros. Ela talvez seja a expressão mais contundente do que foi a tentativa de Darcy de explicar o Brasil a partir do seu povo.

As Minas, sinal de riqueza e poder, se encontravam distantes dessa porção do território mineiro que nos deu Darcy, um profundo conhecedor do Brasil, a partir do que ele melhor sabia fazer, descrever o seu povo. As Minas tinham dono e é esta a expressão que vai demarcar todo o seu legado na área da educação, quando, se utilizando do vasto conhecimento, explicava que as elites no Brasil sempre cultivaram o atraso para os “gerais”, como forma de manter a desigualdade, ou como ele afirmou certa vez “[...] trata o povo como carvão para queimar”. Ou seja, não tinham interesse em educar o seu povo.

Não tenho dúvida de que o interesse pela antropologia em Darcy tem relação, desde a sua origem, com os indígenas da tribo Xakriabá, que habitava extensas porções do norte de Minas, ora margeando o rio São Francisco, ou o rio Itacarambi. É a única tribo genuinamente das Gerais, que durante anos lutou pela demarcação das suas terras e hoje está na busca da sua relevante representatividade.

Retomando a obra dos autores do Grupo de Pesquisa – Diálogo: um processo pedagógico transversal, seu guia condutor perpassa as principais obras de Darcy Ribeiro reunidas na publicação que agora chega ao público, denominada “Diálogos com Darcy Ribeiro – Educação e Democracia”. Todos os capítulos trazem ao leitor um diálogo com os títulos consagrados da sua bibliografia e o fazem a partir de uma conversa atual sobre os temas que foram objeto da sua trajetória. O leitor, às vezes, será tomado pela impressão de que de fato Darcy está novamente entre nós, tal é a atualidade com que os temas são abordados pelos autores, que tiveram o cuidado de situar, no resgate de cada um dos títulos, elementos centrais da obra darcyniana.

Darcy, como ele mesmo se apresentava, não era alguém da educação. Foi tragado para dentro dela. Nisso, por várias vezes ao longo da sua vida, fez questão de destacar que o seu engajamento na educação se deu por obra de Anísio Teixeira, com quem teve profícua colaboração. Desde os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, vinculados ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que foram resultado do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), no qual Darcy teve a oportunidade de colocar em prática o seu conhecimento sobre o Brasil, a partir de diversos estudos que conduziu sobre a realidade brasileira, e que foram divulgados pela Revista de Ciências Sociais, do CBPE.

Foi a partir destes estudos ao longo dos anos que Darcy, primeiro no CBPE, e depois, juntamente com Anísio, realiza a tentativa de construir uma universidade nova para o Brasil, à qual denominou de Universidade-Semente. Esta expressão surge quando recebe o título de Doutor Honoris Causa, conferido pela Universidade de Paris, em 1978. No projeto da Universidade de Brasília, vai firmando seu pensamento sobre a educação brasileira e se interroga sobre as dificuldades que temos em afirmar um projeto de educação para o nosso povo.

É nesse momento que elabora a célebre frase das suas tentativas: “Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu”. No capítulo que alude a esta passagem, ao comentarem a formulação de Darcy, os autores elaboraram um capítulo espetacular sobre as características do “bom professor” na universidade-semente, que seguramente marcará os desafios que temos pela frente na formação dos novos professores na era da interdisciplinaridade.

Um ano antes, durante a 29^a Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ocorrida em julho de 1977, junto à PUC de São Paulo, Darcy, retornado do exílio, fazia uma

constatação dos vários projetos em que estivera envolvido e em nenhum deles conseguira ter êxito. Chamado de obviedades, que dá o nome a um livro que irá publicar com este discurso, antecipa em um ano o que diria também junto à Universidade de Sorbonne. Sua célebre afirmação, que tem relação direta com tudo aquilo que formularia daí em diante, é a seguinte: A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto. Esta frase é problematizada num dos capítulos da presente obra, denominado de diálogo com as obviedades.

Não por menos, Darcy não se dá por vencido. Nos anos seguintes da sua trajetória, particularmente nos 15 anos finais da sua vida entre nós, empreende no governo do Rio de Janeiro o seu projeto mais audacioso, a construção dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), sua obra mais contundente sobre educação pública, com a criação de 500 unidades, e que vão demarcar o que pensa sobre a educação para o povo. E este aspecto não passa despercebido pelos autores, que dedicam um capítulo essencial à tentativa de demonstrar que Darcy estava de fato empenhado em demonstrar que havia projeto para o país, e ele estava centrado na educação de qualidade e de tempo integral.

Como senador da República, Darcy foi responsável pelo projeto atual da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Os autores também discorrem sobre mais este “fazimento”, como ele rotulava seus projetos. No projeto de LDB, Darcy coloca em ação seu pragmatismo, às vezes incompreendido pelos educadores, mas necessário, diante do que era o seu conhecimento sobre a realidade educacional brasileira. Na essência, diríamos que ele, diante das reiteradas críticas que recebera, repetiria o que aprendera no convívio com Anísio, quando afirmara, após o primeiro projeto da Lei da Educação, em 1961: “meia vitória, mas vitória”.

Neste breve apanhado, digo aos leitores que terão pela frente uma cabal demonstração do que foi Darcy. Um incansável pensador sobre os problemas do Brasil e um profundo admirador dos “gerais”, das pessoas comuns que construíram e constroem o Brasil, apesar de nem sempre terem a sua disposição as melhores condições de fazê-lo. Vale a pena continuar a perseguir o sonho de Darcy.

Remi Castioni
Professor Titular da Faculdade de Educação da UnB
Brasília, primavera de 2022.

Apresentação

O Grupo de Pesquisa – Diálogo: um processo pedagógico transversal, na continuidade dos seus processos reflexivos e propositivos assumiu, durante este ano, o compromisso de celebrar o centenário de nascimento de Darcy Ribeiro (1922-2022). E a forma mais adequada para comemorar tal acontecimento seria recordar a contribuição de sua vida e de sua obra, fazendo um mergulho coletivo na vastidão e profundidade de seus escritos, para perceber as dinâmicas culturais, bem como as contradições sociais que influenciaram e continuam influenciando a constituição do povo brasileiro.

A percepção da formação cultural e o sentido do povo brasileiro foram sendo desenhados, por Darcy Ribeiro, com os traços oriundos das abordagens antropológica, etnológica, política e educacional. E apesar dessa diversidade de competências, destacava-se a capacidade de pensar o Brasil como a sua causa, e, por isso, projetou a educação para o patamar das grandes opções institucionais e constitucionais, caracterizando-a como a energia privilegiada das mudanças sociais e o motor do desenvolvimento e da transformação nacional.

E com o objetivo de contribuir com esse projeto, a educação deveria ser a expressão de uma dinâmica inspiradora antropológica e filosófica, deveria efetivar-se como a casa, o centro e o coração da consciência e da cultura brasileira e, assim, constituir-se numa energia formadora e transformadora da sociedade. Tal procedimento tinha como pressuposto romper com a proposta de uma educação transplantada, tendo em vista a caracterização de instituições mais autônomas e que pudesse configurar-se como sementeiras da cultura brasileira e da floração de um projeto de país.

Para compor a diversidade de tonalidades florais, vários livros de Darcy Ribeiro foram analisados e, com base nos mesmos, foi feita a contextualização de cada obra, seja na conjuntura temporal ou na proposta organizacional. E, a partir disso, estabeleceu-se um diálogo simulado com o autor, objetivando acolher a sua proposta e buscando atualizar a mesma para a realidade educacional contemporânea. Portanto, o livro “Diálogos com Darcy Ribeiro – Educação e Democracia” deseja constituir-se uma contribuição à educação, tendo como princípio a perspectiva da democracia.

Assim, o primeiro artigo, escrito por Luiz Síveres, aborda o tema da “Formação e o sentido do Brasil – um diálogo com Darcy Ribeiro”, tendo como referência a obra “O povo brasileiro”. Com base na reflexão e no diálogo simulado, chegou-se a indicar que a educação deveria

ser uma sementeira na qual pudesse florescer a cultura brasileira, e que o seu constante florescimento poderia contribuir com novas florações, por meio do fazimento da cultura brasileira e do fazimento de um povo-nação.

O segundo texto elaborado por Igor Adolfo Assaf Mendes, Joaquim Alberto Andrade Silva e Vitor Biral Bazucco denominado “Calamidades Educacionais Atualizadas” aprofunda no decorrer de sua concepção reflexões acerca da obra de Darcy Ribeiro “Minha Escola é uma Calamidade”. Conteúdo que apresenta reflexões dialógicas sobre o pensamento de Darcy Ribeiro e a conjuntura contemporânea da educação brasileira.

O artigo de Idalberto José das Neves Júnior e Letícia da Costa e Silva Mourão, tem como título “O bom professor na universidade: uma educação ecossistêmica criando possibilidades para a inovação e o desenvolvimento social”, reflete sobre a educação brasileira e a atuação docente dialogando com a metáfora de Darcy Ribeiro da universidade-fruto e universidade-semente.

O texto elaborado por Maria de Lourdes de Almeida Silva, José Ivaldo Araújo de Lucena e Vanildes Gonçalves dos Santos, denominado “Diálogos com Darcy Ribeiro: desvelando a estrutura racista no Brasil”, tem como enfoque as análises do pensamento de Darcy Ribeiro presentes na obra “O povo brasileiro” e problematiza olhares sobre as conjunturas racistas existentes na sociedade.

“A educação como prioridade: um diálogo de inquietações” é o título do artigo elaborado pelas educadoras e pesquisadoras Maria do Socorro da Silva de Jesus, Marli Dias Ribeiro, Edney Gomes Raminho, tendo como base a obra de Darcy Ribeiro “Educação como prioridade”. O texto apresenta reflexões sobre os caminhos que precisam ser trilhados para a efetiva prioridade da educação para o povo.

O artigo de Lucicleide Araújo, Edney Gomes Raminho e Luiz Síveres tem como pressuposto o livro “A Universidade Necessária”, de Darcy Ribeiro. O escrito possui como título “A universidade necessária: um diálogo com Darcy Ribeiro” e considera à luz do espírito de semeadura a obra produzidas por Darcy para indicar caminhos para o Ensino Superior em território nacional.

O texto “Justiça social, resistência e o discurso de Darcy Ribeiro para uma universidade necessária no Brasil” elaborado por Vânia Batista dos Santos, Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira e Andrea Karla Ferreira Nunes é embasado no pensamento de Darcy Ribeiro presente na obra “A Universidade Necessária” e os contextos nos quais o país está inserido nos entornos da segunda década do século XXI.

O artigo de Rita Rezende e Luiz Henrique Alves dos Santos tem como título “Educação deve ser uma prioridade um diálogo com Darcy Ribeiro”, possui como referência a obra

“Educação como prioridade”, organizada por Lúcia Velloso a partir dos textos do saudoso Darcy Ribeiro. O diálogo com o autor e o aprofundamento a partir dos aportes dos textos levam em consideração um conjunto de marcos da educação brasileira com a instituição de universidades e leis que regem a educação até o presente momento.

“Diálogo com Darcy Ribeiro e suas obviedades” é o título do artigo elaborado por Celita Fernandes de Oliveira e Silva, Juliana de Andrade Boel Neves e Maria Madalena dos Santos. O escrito possui apresenta olhares e diálogos acerca do pensamento de Darcy Ribeiro e da necessidade de encontrar soluções na educação para a construção de um mundo melhor. O artigo de Vasti Ribeiro de Sousa Soares, possui como título “Educação e desenvolvimento” e é embasado na obra “UnB: invenção e descaminho”, de Darcy Ribeiro. O texto aprofunda as reflexões de Darcy Ribeiro no que diz respeito ao seu ambicioso projeto do “Nascimento da Universidade de Brasília”.

“A educação necessária” é o título do escrito de Airton Rodrigues Gonçalves de Paiva e Marilene Nogueira da Silva, escrito concebido a partir da obra “A universidade necessária”, de Darcy Ribeiro. Publicação em que o autor reafirma aspectos para o desenvolvimento de uma educação que colabore com a transformação da sociedade. Texto apresenta luzes sobre os projetos utópicos e idealizados por Darcy Ribeiro.

Além da diversidade de abordagens textuais, de distintas formas de estabelecer um diálogo com Darcy Ribeiro bem como sugerir encaminhamentos para a educação contemporânea, ao final de cada artigo insere-se um vídeo como uma forma sintética e imagética de partilhar a educação como um princípio democrático. Desejamos uma excelente leitura!

Organizadores

Assista a
Introdução



A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL

UM DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO

Luiz Síveres¹

Na comemoração do centenário de nascimento de Darcy Ribeiro, em 26 de outubro de 2022, é oportuno retomar a sua história de vida, marcada por uma infinidade de vocações e missões e, dentre as quais, ele mesmo, e de forma poética, apresenta-nos, destacando-se as funções de etnólogo, educador, político, romancista e poeta, por meio da poesia “Lanças” (RIBEIRO, 1998, p. 21).

LANÇAS

Pus uma lança na lua, bem cravada:
A de etnólogo, doutor de indianidades.
Uma segunda lança lancei. Lá está,
Trêmula, pregada na primeira: a de educador.
Outra lança, ousada, atirei, valha-me Deus,
Acertou: a de político reformador.
Louco, mais uma lança atirei aos céus,
Querendo glória. Lá está vibrando: romancista sou.
Agora, temerário, essa quinta lança disparo
Para voar, querendo acertar: a de poeta.

A recordação poética das principais “lanças” projetadas pelo seu dinamismo existencial pode ser ampliada com a própria percepção dos caminhos que percorreu, e, segundo seu depoimento, se fossem de pedra, daria para construir “uma muralha chinesa”. Além dessa apresentação mais quantitativa, percebe-se, também, uma experiência qualitativa ao declarar que “uma vida inteira me sendo. Insaciável” (RIBEIRO, 1998, p. 33). Portanto, a diversidade numérica e a intensidade existencial poderiam ser as características mais expressivas para compreender a vida e a obra de Darcy Ribeiro e, por causa disso, justificase celebrar, com um espírito de reconhecimento, o centenário de seu nascimento, iniciado em Montes Claros - MG.

¹ Pós-doutorado em Educação e Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. luiz.siveres@gmail.com.

Da mesma forma, na obra poética “Eros e Tanatos” encontra-se um depoimento de Moacyr Félix, dentre muitos, para testemunhar que Darcy Ribeiro foi uma das genialidades mais criativas, e, por isso, contribuiu com “nossa ensino universitário, em nossos movimentos políticos, em nossos deveres para com os remanescentes dos nossos antepassados indígenas, em nossas ciências humanas, em nossa literatura, em nossa história como um todo” (RIBEIRO, 1998, p. 171). Portanto, além da expressão singularizada do próprio Darcy, bem como do seu amigo Moacyr, que representa a coletividade, percebem-se traços comuns da história de um dos grandes intelectuais do Brasil e do povo brasileiro.

Essas características pessoais e coletivas podem ser enriquecidas com a minha experiência, durante o meu percurso de doutoramento, quando pesquisei os princípios político-filosóficos de uma universidade comprometida com a sociedade, e ao referenciar Darcy Ribeiro pude entrevistar a senhora Vera Brant (2002), que escreveu o livro intitulado “Darcy”. Por essa ocasião ela me presenteou um exemplar, e na dedicatória escreveu: *Ao professor Luiz, o Darcy que amamos: sábio, irreverente, ousado, criativo, genial.* Essas são, nesse caso, as qualidades que continuam ressoando, porém, num universo mais amplo e numa mentalidade mais iluminada, além dos lances pessoais e das trajetórias sociais.

E no prefácio da referida obra, Mauro Santayana descreveu Darcy Ribeiro como um menino e que, “talvez por isso ele fosse tão sério e tão consequente em suas ideias e em sua atividade política” (BRANT, 2002, p. 5). Dentre a diversidade de atitudes e de ações desse menino, pode-se destacar o compromisso com a universidade, compreendida como uma instituição que não se propõe, apenas, a preparar profissionais, mas, também, a desenvolver a consciência da responsabilidade social, principalmente, num país deformado pela desigualdade social e cultural.

Porém, o agrupamento social mais atingido por essa cultura da desigualdade, segundo sua percepção, eram os indígenas, porém, “no fundo ele queria aprender como os índios brincavam de viver e, assim brincando, pudessem levar a vida tão a sério” (BRANT, 2002, p. 5). Nessa brincadeira existencial, por um lado, Darcy só pode ser desenhado “com as cores do afeto, a memória do afeto”, e, por outro, “ fingia-se enlouquecido, na tentativa de reendereçar o mundo. Essa busca de justiça é a mais consistente prova de lucidez” (BRANT, 2002, p. 5). Portanto, a complementariedade do afeto e o compromisso com a justiça fizeram desse brasileiro um representante ilustre do Brasil.

E ao final de sua vida, já acometido de um câncer, morreu em Brasília, no dia 17 de fevereiro de 1997, sob a ressonância poética de “Mim” (RIBEIRO, 1998, p. 41).

O tempo transcorre em mim celeremente.
Tão afoito que finda.
Acho que sei, afinal, a que vim.
E já me vou. Uma pena.
Não há mais tempo para mim.
Volto à silente matéria cósmica.
Que em mim, um dia, se organizou para me ser.
Uma vez, uma vez semente.

É no contexto dessa sementeira que será compreendido “O povo brasileiro”, e, na sequência, irá se estabelecer um diálogo simulado com Darcy Ribeiro sobre a obra e, finalmente, indicar algumas sugestões que poderiam contribuir com possíveis perspectivas educacionais, na realidade contemporânea.

1. O contexto da obra “O povo brasileiro”

O livro “O povo brasileiro” faz parte do conjunto de obras dos intérpretes do Brasil que, mediante distintas percepções, procuraram compreender, cada um sob a sua ótica, um aspecto da história e da cultura brasileira. No caso específico, Darcy Ribeiro (1995) procurou lançar seu olhar sobre a “formação e o sentido do Brasil”, o que, para o autor, foi o maior desafio de sua vida, e que durou aproximadamente 30 anos para ser escrito.

Com o objetivo de demarcar um ponto de vista, ou a vista de um ponto, Darcy Ribeiro procurou se posicionar no território nacional e pensar o Brasil a partir dessa realidade, fato que o fez desconsiderar as demais teorias explicativas da cultura brasileira porque, na sua maioria, eram oriundas da Europa. Isto é, havia uma colonização interpretativa da história brasileira, fato que o levou a se posicionar a partir de uma opção decolonial, tendo em vista construir uma teoria do Brasil que fosse, necessariamente, brasileira e latino-americana.

Sob tal ponto de vista, o tema central do livro foi o de “reconstruir o processo de formação dos povos americanos, num esforço para explicar as causas do seu desenvolvimento desigual” (RIBEIRO, 1995, p. 15), e, para isso, seria necessário uma teoria com uma base empírica das classes sociais, uma teoria sobre as formas do exercício do poder e da militância política, e uma teoria da cultura que fosse capaz de dar conta da realidade brasileira. Por isso, tal obra, conforme o autor, não se propõe a ser apenas uma produção

explicativa, mas, muito mais, um projeto para um Brasil decente e que teria a capacidade de se encontrar consigo mesmo.

A formação do povo brasileiro e o sentido do Brasil se deram, principalmente, pela confluência de portugueses, africanos e indígenas, configurando uma cultura mestiça que se revelou numa nova cultura, porque a mesma era formada pela singularidade de cada expressão e pela sincronicidade do conjunto dessas culturas. Essa cultura era nova, segundo Ribeiro (1995), porque estava inaugurando uma nova forma de organização social e econômica, porque a velha estrutura estava baseada no escravismo e na servidão, para sustentar o mercado mundial. E, apesar dessa situação degradante promovida pela velha cultura, era nova pela manifestação de alegria e felicidade, características capazes de mover e comover os brasileiros.

Portanto, a formação do povo brasileiro advém de múltiplas ancestralidades e de distintos sincretismos, manifestando, por um lado, uma formação singular e, por outro, um processo de mestiçagem. Segundo Ribeiro (1995), tal desenho se deu, principalmente, pelas diferentes paisagens ecológicas, pelas formas distintas de produção econômica, e pelas diversas etnias, tais como a europeia, árabe e japonesa, que vieram para compor a cultura brasileira. Apesar dessa variação, o povo brasileiro vai se configurando como uma etnia nacional, por meio de um idioma único e de um movimento de integração econômica.

Apesar desse movimento horizontal mais integrado, existe uma dinâmica vertical que separa as classes dominantes do povo, isto é, existe um projeto abissal que cria um abismo entre os grupos privilegiados e a maioria da população. E o mais impressionante, porém, sob a análise de Ribeiro (1995), é que essa disfunção se cristalizou e se tornou o *modus vivendi* da população brasileira e, para reverter tal tendência, que é histórica, seria necessária muita lucidez, aspecto que o autor considera como a contribuição mais significativa do livro “O povo brasileiro”.

A reflexão teórica dessa obra buscou entender, no entanto, as razões da primazia do lucro sobre a necessidade, a prosperidade empresarial com base na penúria generalizada, exacerbando, dessa forma, a polarização ideológica assentada na estratificação das classes sociais. Depreende-se, no entanto, que o modo de ordenação da sociedade, na qual se privilegia uma pequena classe dominante, à custa da exploração da maior parte da população, fazendo com que os brasileiros sejam um povo impedido de serem brasileiros. Isso demonstra que, ao contrário de outros países, o povo brasileiro não existe para si, mas para os outros, principalmente para uma elite minoritária, nacional e internacional.

Apesar dessa tendência, que é majoritária, segundo Ribeiro, “nós fizemos um povo-nação, englobando todas aquelas províncias ecológicas numa só entidade cívica e política” (RIBEIRO, 1995, p. 273), principalmente pela configuração da mestiçagem que integra o corpo, a alma e o espírito. Existe, assim, um desejo de ser Brasil por meio do fazimento da cultura brasileira e do fazimento de um povo-nação.

2. Diálogos com Darcy Ribeiro

A dinâmica do “O povo brasileiro” seguiu, praticamente, dois fluxos: um mais histórico, no qual o autor procurou reconstruir o percurso singular da formação do povo, e o outro, mais antropológico, no qual percebeu que os processos de construção cultural se deram, praticamente, de forma similar a outras formações, ou naquilo que o autor chamou de processo de fazimento do povo brasileiro. Portanto, é sob esse pressuposto que será simulado um diálogo com Darcy Ribeiro, sob a ótica de um educador, tendo como interlocutor o autor deste texto.

Luiz: Na sua argumentação sobre o “fazimento” do Brasil, quais foram as forças dominantes para que tal empreendimento pudesse ter sido realizado?

Darcy: Do conjunto de protagonistas, merece destaque o dos colonos, preocupados com a ampliação dos seus negócios, e, por outro, os religiosos que tinham por missão proclamar a era do Espírito, capaz de instalar o milênio do amor e da alegria no novo mundo. Inicialmente, ambos estavam na mesma caravela, porém, no decorrer da história os próprios religiosos foram obrigados a cumprir um projeto colonial, expandindo-se por meio de uma guerra genocida contra os indígenas, e os colonos, em dar um suporte econômico à matriz portuguesa.

Luiz: Além de revelar um projeto expansionista, por que ele se configurou, também, como um processo de dominação?

Darcy: O projeto expansionista estava assentado sobre os princípios da civilização ocidental e cristã e, para ampliar seu poder de dominação, utilizou-se da inteligência nos negócios e da evangelização de cristandade. A somatória desses movimentos era para forçar “aquelha indianidade inativa a viver um destino mais conforme com a vontade de Deus e a natureza dos homens. O colono se enriquecia e os trabalhadores se salvavam para a vida eterna” (RIBEIRO, 1995, p. 71). Esse movimento tinha, por assim dizer, o objetivo de aniquilar os

povos indígenas e de fortalecer a regência colonial portuguesa, principalmente, por meio da atuação dos conquistadores e missionários.

Luiz: Além da indianidade, quase que desfigurada de seu perfil indígena, que outro grupo social foi importante para manter o domínio colonial?

Darcy: Juntamente com os indígenas, pode se incorporar os negros africanos que vieram como escravos e, como tal aqui foram considerados. Esse contingente humano não foi pensado para se adaptar à realidade brasileira, mas para ser escravizado e, portanto, colocado a serviço das vontades externas, pela qual os homens eram as bestas de carga e as mulheres as fêmeas animais. É possível afirmar, sobre os africanos, que “a mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre a cicatriz do torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista” (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Luiz: Além dos indígenas e africanos, os portugueses, desde o início foram uma presença constante no território brasileiro, mas quando e por que houve uma segunda onda migratória?

Darcy: Realmente, os portugueses aportaram no território brasileiro em 1500, mas, em torno de 1800, houve uma segunda invasão de portugueses, propiciada, principalmente, porque Napoleão estava invadindo Portugal e, assim, o rei, juntamente com aquilo que havia de melhor na burocracia portuguesa, aportou em Salvador e no Rio de Janeiro. Diferente da primeira onda, que era mais invasora, esta é composta por dirigentes competentes que ajudaram nos processos de governança, contribuindo, a partir desse período, para que “a formação do povo brasileiro e sua incorporação a uma nacionalidade étnica e economicamente integrada” (RIBEIRO, 1995, p. 159) pudesse ser viabilizada, caracterizando-se pelo expansionismo econômico, embora continuasse a ser um componente marginal da economia agrário-mercantil.

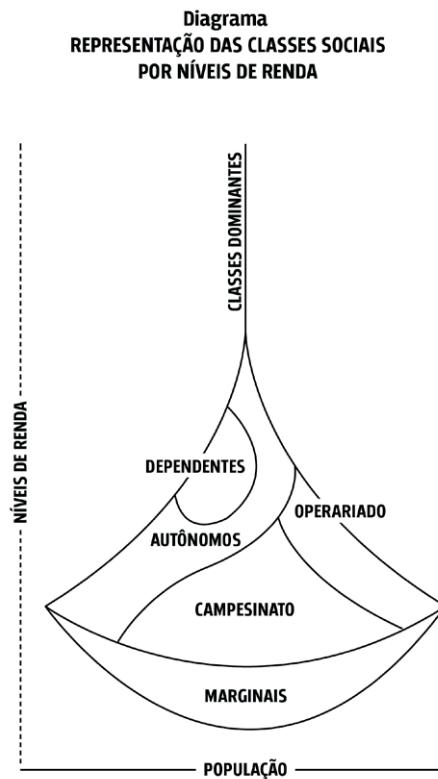
Luiz: A conjugação desses movimentos étnicos, constituídos como grupo social decorrente de um processo de miscigenação, que tipologia de classe social estava sendo construída?

Darcy: Apesar da formação do povo brasileiro se constituir por meio da mestiçagem, existem na pirâmide social dois organismos identificados pelo patronato (exploração econômica) e pelo patriciado (desempenho social) que, embora tendo sido antagônicos, foram, ao mesmo tempo, complementares e, no decorrer da história, a essa dualidade do poder se integrou o estamento gerencial das empresas estrangeiras. Logo abaixo desse grupo dominante se configurou uma classe intermediária (pequenos oficiais, profissionais

liberais, professores, policiais e o baixo clero), cuja função principal era a de sustentar a classe dominante. E abaixo dessa classe foi se constituindo a classe subalterna (operários e pequenos proprietários), e na base de todo o sistema, a massa de oprimidos e explorados (empregadas domésticas, boias-frias, prostitutas, moradores das favelas). Tal sistema foi incorporado, portanto, à cultura brasileira e, segundo o autor, sua mudança se daria somente ao se “desfazer a sociedade para refazê-la” (RIBEIRO, 1995, p. 209).

Luiz: Qual seria a probabilidade para se desfazer desse modelo social?

Darcy: Mais do que uma pirâmide social, a configuração da sociedade brasileira teria as características de um funil invertido, conforme Diagrama abaixo (RIBEIRO, 1995, p. 213), no qual formatações apenas mudam de tamanho, dependendo de sua localização geográfica.



(RIBEIRO, 1995, p. 213)

E na dinâmica relacional das classes dominantes, em relação às dominadas, pode-se extrair duas condutas: uma de cordialidade e a outra de descaso, porém, ambas têm como missão manter a estrutura social hierárquica e impedir qualquer organização democrática. Esse perfil reforça um ordenamento oligárquico que somente se mantém, de forma repressiva, por meio da condenação da população ao atraso e à pobreza, bem como à discriminação de negros, índios e mulatos. Isso revela que a sociedade oligárquica nunca fez nada para a população empobrecida e, em relação à resistência indígena e à fuga dos negros para os quilombos, a aristocracia brasileira buscou o excedente da força de trabalho da Europa. Nesse caso, e, diante desse cenário, torna-se quase impossível desfazer-se desse modelo civilizacional.

Luiz: Considerando, portanto, a impotência para se desfazer desse protótipo social, haveria alguma possibilidade de refazê-la por meio de alternativas distintas?

Darcy: O patronato tinha como função coordenar as atividades produtivas, e o patriciado, a vida social, e os mesmos se enrijeceram para preservar a unidade social diante das iniciativas dissociativas. Nesse projeto colonial, fortalecido até os tempos atuais, talvez a possibilidade que restaria seria o de um procedimento anárquico. Esse processo não é interventivo, porém, inventivo, e, segundo o autor, “hoje somos, apesar dos lusos e dos seus colonizadores, mas também graças ao que eles aqui nos juntaram, tanto os tijolos birraciais como as argamassas socioculturais com que o Brasil vem se fazendo” (RIBEIRO, 1995, p. 246). Isto é, a alternativa estaria num processo de fazimento, na medida em que um povo étnico, nacional e culturalmente unificado pudesse ser sujeito da sua historicidade, em contraposição a um patronato empresarial e a um patriciado social que buscavam manter uma economia colonial e uma cultura assistencial.

Luiz: Embora o modelo colonial brasileiro continue prevalecendo, em detrimento de uma possibilidade para refazê-lo, que sugestão você daria para a continuidade de nossa reflexão?

Darcy: Apesar de todos os processos de vassalagem instituídos pelos colonizadores, o povo brasileiro ainda é melhor porque sua história foi “lavada em sangue negro e sangue índio, cujo papel, doravante, menos que absorver europeidades, será ensinar o mundo a viver mais alegre e mais feliz” (RIBEIRO, 1995, p. 265). Esse sentimento e ensinamento emergem da experiência de mestiçagem e da fusão das distintas culturas, razões pelas quais se pode intuir que os brasileiros são o povo mais homogêneo, seja sob o ponto de vista linguístico, cultural e social. Por essa razão, era preciso, no entanto, que tal energia pudesse influenciar os demais países do continente, com o objetivo de formar uma grande nação latino-americana.

Luiz: Enfim, após percorrer a história de vários séculos do Brasil e de compreender, por várias décadas, a formação e o sentido do Brasil, que sentimento de esperança pode emergir da obra “O povo brasileiro”?

Darcy: O Brasil é uma tessitura de vários brasis e o sentido do Brasil é formado, principalmente, por um processo de mestiçagem de etnias, raças e culturas. Por isso, finalizo a minha obra com uma inspiração, quase que poética ao assegurar que “estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra” (RIBEIRO, 1995, p. 449). Enfim, é com base nessa percepção e nessa proposição que se poderia afirmar que o sentido do Brasil seria o sentido de humanidade e, por isso, recomenda-se instituir uma nova cultura, na qual possa florescer uma nova civilização tropical, mestiça e brasileira.

3. Perspectivas educacionais

Embora “O povo brasileiro” seja uma obra analítica para compreender a formação e o sentido do Brasil, tendo como pressuposto teórico uma percepção mais antropológica, podem-se sugerir algumas perspectivas educacionais para a realidade contemporânea. Tal encaminhamento não pretende indicar para uma simples transposição dos fenômenos históricos para os atuais processos educacionais, mas sugerir perspectivas educacionais que pudessem subsidiar a ressignificação de alguns procedimentos de ensino e aprendizagem.

Uma perspectiva primordial seria a compreensão do processo de aculturação indígena e africana, pelo qual índios e negros foram compondo “O povo brasileiro”, porém, não abdicaram do vínculo com as suas ancestralidades, seja por meio das manifestações rituais, musicais e gastronômicas. Para a dinâmica educativa é oportuno sugerir uma relação entre o verniz, caracterizado pela aculturação, e o cerne, manifestado pela cultura ancestral, ou em outras palavras, articular a casca com a semente.

E, embora aculturados e escravizados, os indígenas e africanos não perderam as suas origens, seja pela sua cultura ou pelo seu espírito, fato que contribuiu, não com a somatória de culturas para formar a brasileira, mas com o objetivo de criar uma nova

cultura, caracterizada pelo processo de mestiçagem. Nessa perspectiva, a educação não deveria ser uma justaposição ou somatória de conhecimentos, mas uma sinergia que emerge das diversas possibilidades de ensinar e aprender.

Para justificar tal percepção, Darcy introduz uma narrativa sobre o frei Vicente do Salvador, um frade franciscano que assumiu a postura da decolonialidade, ao afirmar que “o surgimento do brasileiro, construído por si mesmo, já plenamente ciente de que era uma gente nova e única, se não hostil pelo menos desconfiada de todas as outras” (RIBEIRO, 1995, p. 140). Sob esse argumento, é oportuno perceber que a educação, mesmo considerando a universalidade dos conhecimentos, deveria revelar a fisionomia da cultura nacional.

Nessa cultura nacional existe, também, uma dinâmica social que procura perpetuar um sistema de desigualdade social, demarcado por estruturas de poder que, no conjunto de sua organização, busca atender as necessidades e os desejos daqueles que se encontram no topo da pirâmide social. E, de forma predominante, a educação justificou esse sistema, fato que vai exigir, ainda mais, um novo sistema educacional, pautado no protagonismo do educando e do educador, bem como distintos processos pedagógicos, mais críticos e criativos.

Esse desafio se torna ainda mais urgente, na medida em que se tem a percepção, segundo Ribeiro, de que “a estratificação social gerada historicamente tem também como característica a racionalidade resultante de sua montagem como negócio que a uns privilegia e enobrece, fazendo-os donos da vida, e aos demais subjuga e degrada, como objeto de enriquecimento alheio” (RIBEIRO, 1995, p. 212). Esse processo contribuiu para que a sociedade brasileira estivesse mais próxima da feitoria e mais distante da cidadania, fato que postula a necessidade de implementar outros princípios educacionais, pautados nos princípios da cooperação, da justiça e da solidariedade.

Ainda, a mestiçagem étnica foi influenciada pela dinâmica ecológica, pela qual as condições do meio ambiente obrigaram a fazer algumas adaptações regionais, principalmente a econômica, por meio de diferenciadas maneiras de produção, capitaneada, inicialmente pelos contingentes europeus, árabes e japoneses e, na sequência, pela constituição de fisionomias mais rústicas de brasileiros, expressas nos semblantes dos sertanejos, caboclos, crioulos, caipiras e gaúchos, caracterizando, assim, a regionalização de cada uma dessas identidades populacionais. Essa múltipla configuração cultural exige, por sua vez, uma educação pluricultural, na qual os processos de inclusão das diversidades seja uma qualidade dos sistemas educativos.

E, por fim, pode-se retomar uma manifestação existencial de Darcy Ribeiro, ao partilhar que “amar é meu modo de viver. No amor floresço. Sem amor murcho. Falo de amor inteiro, carnal e sentimental” (RIBEIRO, 1998, p. 62). O amor é, nessa analogia, o florescimento de uma semente nascida do chão brasileiro, bem como de sementes trazidas, principalmente, da Europa e da África. Enfim, na sementeira brasileira poderia florescer uma cultura em constante florescimento e, com essa floração, estaria contribuindo com a formação e o sentido do Brasil.

Referências

BRANT, V. **Darcy**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

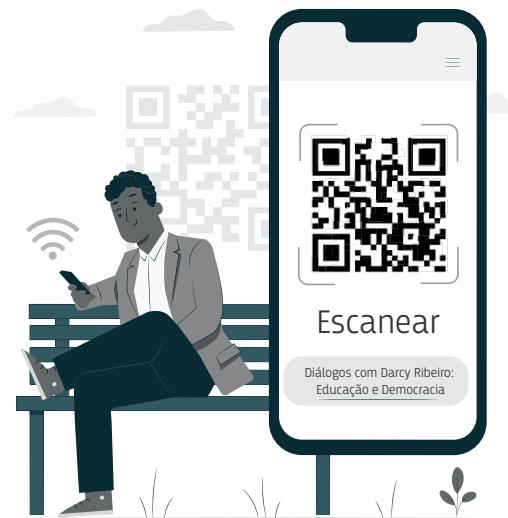
RIBEIRO, D. **Eros e Tanatos**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

A Formação e o Sentido do Brasil - Um Diálogo com Darcy Ribeiro

Luiz Síveres

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



CALAMIDADES EDUCACIONAIS ATUALIZADAS

Igor Adolfo Assaf Mendes ²
Joaquim Alberto Andrade Silva ³
Vitor Biral Bazucco ⁴

1. Começo de conversa

A educação cumpre uma função pública vital e indispensável.
Darcy Ribeiro

Um texto provocador, crítico e de uma lucidez incomensurável. Estas são algumas das características da obra “Nossa escola é uma calamidade”, do saudoso Darcy Ribeiro, publicada originalmente em 1984 e com profundas abordagens, reflexões e questionamentos acerca da conjuntura que permeia a educação básica brasileira, no livro tratada como educação primária.

Para favorecer uma reflexão contundente sobre a educação básica, Darcy apresenta dados educacionais no âmbito federal, localizados no estado do Rio de Janeiro, assim como informações de alguns países. Trata-se de uma abordagem que permeia a publicação e que comparada com a atualidade provoca a necessidade da continuidade de estudo e análise sobre a afirmação que intitula a obra.

O presente escrito almeja dialogar com Darcy tendo em vista seus olhares que reafirmam que a escola brasileira é uma calamidade. Porém, almejamos nesta prosa com o autor, falar de sua obra, trazer suas abordagens sobre a calamitosa situação da educação brasileira, assim como também compartilhar a relação de calamidade de meados da década de 80 para a atualidade, depois de 38 anos da publicação do livro.

No que diz respeito à organização da publicação, ao longo de seus capítulos, o escritor mescla o contexto conjuntural e os problemas existentes, uma reflexão objetiva e ainda muito atual. Apresenta a relação Estado e educação, a compreensão de uma escola primária elitista, menciona a deterioração da rede pública e seus descalabros. Discorre,

² Graduado em Ciências Sociais, mestre em Sociologia e doutor em Educação. E-mail: assaf.igor@gmail.com.

³ Graduado em Comunicação Social, mestre em Educação e doutorando em Educação. E-mail: joaquimaasilva@gmail.com.

⁴ Graduado em Filosofia, mestrandando em Filosofia. E-mail: vitor.bazucco@gmail.com.

ainda, sobre as possíveis causas profundas, a irresponsabilidade da política brasileira, as culpas e os desafios culturais existentes na dinâmica da educação brasileira.

Como mencionado, a obra cita e reflete em alguns momentos dados das realidades da época, assim como também conta com a possibilidade de apontar caminhos ou ainda compartilhar construções imprescindíveis a serem desenvolvidas, em vista de tornar a escola um espaço que não seja permeado por desigualdades e incongruências.

Com estas informações iniciais queremos convidar você, caro/a leitor/a, para que dialogue conosco e com Darcy Ribeiro. Em uma caminhada dialógica que ecoa na memória e no legado de Darcy Ribeiro com três educadores apaixonados pela vida, pela educação e pela esperança. Um percurso de reflexão e partilha de olhares educacionais, que possam fomentar e contribuir com sua prática educativa, sua atuação como educador/a que busca contribuir com a transformação da sociedade por meio da educação.

Na continuidade do presente texto, queremos dialogar com Darcy sobre alguns dos aspectos que julgamos pertinentes para a reflexão ora partilhada. São apenas abordagens que se destacam na publicação e podem nos ajudar a compreender os motivos pelos quais ele afirma que a escola é uma calamidade. Concluiremos o texto com a necessidade *sine qua non* de dialogar com a reflexão de Darcy e a conjuntura contemporânea da educação brasileira.

2. Prosa com o mestre Darcy Ribeiro

Joaquim: Querido Darcy, uma honra poder dialogar com você, mesmo que de modo metafórico. Sua memória ecoa em seus escritos e olhares. A publicação que ora apresentamos foi publicada quando eu tinha apenas dois anos de idade, período que ainda não frequentava escola. Porém, como fruto de uma experiência educacional primária pública, gostaria que falasse um pouco das motivações de afirmar que a escola é uma calamidade?

Darcy: Obrigado Joaquim, Igor e Vitor pelo convite. Eu tive algumas causas durante a vida e, como costumo dizer, fracassei em todas as minhas tentativas de produzir mudança. Tentei alfabetizar crianças, tentei salvar os índios e tentei fazer uma universidade séria e verdadeiramente brasileira e fracassei todas as vezes. E sou feliz com meus projetos ainda que fracassados, pois me entristece quem venceu. A educação brasileira, Joaquim, é um desses projetos falsos dos mandatários de nossa nação. Ela não educa, nem quer educar. No livro eu demonstrei isso com números. A situação da educação primária ou básica como

a chamam hoje, é absolutamente calamitosa e é propositalmente assim. A minha intenção foi denunciar essa situação e provocar outros educadores a fazer algo pelo nosso povo.

Igor: Darcy, a partir de sua reflexão, o que seria uma “pequena utopia” para a realidade da educação brasileira?

Darcy: Uma utopia é algo ideal que queremos alcançar, que almejamos. Erroneamente compreendida como algo que não existe e é inalcançável, a utopia é na verdade aquilo que queremos construir. O que chamo de pequena utopia é o desenvolvimento social de todo o povo brasileiro, num patamar semelhante ao de países que apresentam o mesmo desenvolvimento econômico que o nosso. Um país em que as famílias têm o que comer todos os dias, as crianças estão todas cursando o ensino básico, em que haja emprego para quem procura e todas as consequências deste cenário.

Vitor: Mestre, mesmo tratando-se de uma educação pública, temos uma escola primária elitista?

Darcy: Essa é uma boa pergunta, Vitor. Para o senso comum, a escola pública é para o povo pobre. Esta é uma compreensão de quem não entende nada sobre o sistema de ensino. Eu, assim como outros autores, brasileiros ou estrangeiros, demonstrei como a escola é hostil ao povo. Os estudantes não se enxergam pertencendo àquele ambiente. A escola é estruturada para atender a cultura de uma minoria. Além do problema da identificação, o que se espera de resultado, a forma que o ensino se apresenta por meio do currículo e da prática docente, não considera a verdadeira situação das famílias da periferia brasileira.

Joaquim: Meu caro Darcy, na continuidade do tema sobre uma escola elitista, gostaria que comentasse um pouco sobre os caminhos de uma “modernização do nosso sistema educacional” (RIBEIRO, 1984, p. 33)?

Darcy: Este é um dos temas que demonstra como a escola pública brasileira vive em estado de profunda calamidade, com propostas políticas de governantes e gestores que não almejam educar o povo. Com lideranças que não reconhecem que a modernização de um sistema educacional passa primeiro pela valorização e reconhecimento da atuação de educadores primários. Com isto, não quero afirmar que contribuições da modernidade não seriam bem-vindas, entretanto é necessário afirmar que qualquer estratégia pedagógica necessita incondicionalmente potencializar o papel, a carreira e o processo educativo do magistério. Assim como, antes de qualquer passo de modernização, deve-se oferecer o mínimo de condições para que escola funcione com qualidade.

Igor: Em relação às razões que contribuem para que a educação brasileira seja uma calamidade, você menciona algumas causas profundas, poderia compartilhar conosco algumas destas abordagens?

Darcy: Existe um discurso equivocado, desde a minha época, que o problema da escola pública era, em grande medida, o volume de estudantes que recebe. O sistema não estaria pronto para receber tal volume e, portanto, foi impedido de oferecer serviço de qualidade. A urbanização da população brasileira e a industrialização criaram necessidades que foram atendidas de forma improvisada pelo nosso sistema. Mas isso é um descalabro e eu denunciei isso lá no meu livro. Se essa tese fosse verdade, o ensino público brasileiro teria sido bom antes da urbanização e da industrialização. O Brasil é um país que historicamente não considera a educação um projeto válido. Como Colônia, como Império ou como República. Houve algum avanço a partir da década de 30 do século XX, com o movimento escolanovista, porém não se sustentou a não ser em alguns casos. E o nosso atraso escolar é uma profunda sequela do escravismo. Talvez não haja nenhum outro fenômeno social que explique tão bem o caráter geral da cultura brasileira do que os quase 400 anos de escravismo. Ele nos levou a viver desigualdades sociais como nenhum outro país da nossa magnitude e envergadura econômica. A nossa classe dominante de hoje, cultivada nesses anos, vê a classe trabalhadora dominada da mesma forma que a classe antiga via os escravos. A eles não interessa a gente comum, os trabalhadores são somente mão de obra a ser explorada e não dignificada. A escravidão é, portanto, a raiz mais profunda dos nossos males sociais. A escola se torna uma calamidade em consequência disso.

Vitor: Falou de causa, mas também abarca olhares relacionados com culpados acerca desta conjuntura educacional catastrófica. Poderia partilhar sobre as eventuais culpas?

Darcy: Meu caro Vitor, além das questões que permeiam a resposta da pergunta anterior feita por Igor, necessitamos reconhecer inúmeras culpas em nossos processos educativos. Sem o intuito de apontar que aquela pessoa ou comunidade educativa seja culpada por certo contexto, é imperativo que reconheçamos que ainda somos parte de um sistema educativo autoritário, excludente, elitista e que por muitas vezes culpabiliza o estudante pelo fracasso do processo escolar. Somos culpados por termos uma escola que rejeita e não deseja ter em suas salas a criança, o adolescente, o jovem pobre, de periferia, o estudante negro. De modo cego e conformista, a escola acaba por responsabilizar (culpabilizar) o sujeito que vive em contextos socioeconômicos de profunda exclusão, pelo seu fracasso educativo. Neste sentido, necessitamos construir uma escola que não seja antipopular, mas uma escola que esteja comprometida com a vida do povo, em especial com os mais empobrecidos.

Joaquim: Darcy, o que seriam as pedagogias desvairadas e em que poderiam contribuir no contexto de escola em estado de calamidade?

Darcy: No livro aponto dez exemplos de abordagens e metodologias desvariadas que se materializam no cotidiano de nossas escolas. São antipedagogias, como o verbalismo, a decoreba, o mandonismo, entre outros, que não favorecem a autonomia e a consciência crítica dos estudantes. São propostas que respondem a um sistema educativo que não leva a educação a sério e que promovem um descalabro educacional. Felizmente temos alguns professores que rompem com estas práticas e favorecem um processo significativo de ensino e aprendizagem que possa contribuir de modo efetivo com a vida dos estudantes.

Igor: Muitos são os desafios educacionais apresentados em sua obra, assim como em tantas outras reflexões partilhadas por você, mas também por outros pensadores da educação. Dentre os inúmeros contextos provocadores, quais seriam os desafios culturais que necessitam ser superados e/ou cuidados de modo a contribuir com a educação brasileira?

Darcy: Antes de tudo, Igor, temos que estabelecer qual é a solução para resolvemos essa calamidade: levar a educação a sério. Para isso, temos que pensar numa educação que atenda sua clientela real. Temos casos espalhados pelo Brasil, mas não há esforço consciente do poder público para garantir esse cenário. A evasão reduziu, mas ainda é um problema. E por que isso acontece? A criança de origem popular tem martelado na sua cabeça desde o início que aquele não é lugar para ela, que ela é inadequada. Inadequada é nossa educação! Como contornamos isso? Com uma proposta de educação popular, com material didático feito sob medida e com professores que são formados para atender a esse público. A integração social dos filhos da classe dominada só se dará efetivamente com essa mudança cultural, que envolve também outros setores culturais, como a mídia de massa e a indústria cultural. As crianças ainda são bombardeadas com compreensões consumistas e individualistas, elas não são integradas às suas comunidades, tampouco à sociedade. Os críticos dizem que tais mudanças no sistema educativo são caras. Porém, é humanisticamente mais caro arcarmos com a deterioração da condição de vida da população, continuamente despida de sua dignidade diante de tantos contextos de exclusão social. Se continuar dessa forma, o povo brasileiro nunca será um povo que atingirá todo seu potencial.

Darcy, muito agradecido pelo diálogo acerca desta sua importante obra. A partir de suas inspirações seguiremos nosso escrito apresentando algumas perspectivas e abordagens contemporâneas.

3. Perspectivas (In)Conclusivas

Darcy Ribeiro levou a educação a sério. Tanto no campo das ideias quanto no campo da ação. Não podemos deixar de destacar que o esforço de Darcy Ribeiro para levar a educação a sério foi além da produção acadêmica. Foi o primeiro reitor da Universidade de Brasília (UnB), após ajudar na sua concepção junto com o educador Anísio Teixeira. Também atuou no campo político, em que ganhou destaque pelos projetos em defesa da educação. Era ministro da Casa Civil de João Goulart quando teve que ir para o exílio. Anos depois, após retorno do exílio, participou do governo estadual do Rio de Janeiro e propôs uma reforma educacional, em parte proposta no livro em questão. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 foi decorrente de um projeto de lei com o qual colaborou como senador.

O professor Darcy Ribeiro, tanto em sua obra quanto em sua vida, nos legou uma série de reflexões pertinentes sobre aspectos constitutivos do povo e da cultura brasileira, que produziram realidades sociais que vivenciamos até hoje. Aprendemos com ele que a situação de exploração da população dominada no Brasil só irá mudar se reconhecermos a relevância da escravidão para nosso processo sócio-histórico e resgatarmos a centralidade da nossa própria cultura, do trabalho e do ser social (a coletividade), para a construção de um Brasil ressignificado, que encare as contradições do passado, as aceite e construa algo novo.

Da mesma forma a educação. Por mais nobre que sejam as declarações manifestas de políticos e de membros da classe dominante, a escola brasileira atende a interesses e necessidades desses grupos. Para levarmos a educação a sério, como propõe o professor, devemos aceitar o passado de contradições para combatê-las.

“Nossa escola é uma calamidade” foi escrito há quase quarenta anos, porém continua relevante, pertinente e com aspectos que ecoam profundamente em nossa atualidade. É necessário contextualizar as afirmações do texto para a atualidade, pois quando o livro foi publicado, a situação da educação brasileira era consideravelmente pior, como podemos verificar comparando os dados apresentados no livro com informações contemporâneas.

Houve avanços na educação pública, como a determinação da educação infantil e do ensino médio como etapas obrigatórias de escolarização, o que aumentou a responsabilidade do Estado no provimento da educação. O analfabetismo apresentou queda constante ao longo dos anos após a redemocratização e hoje há uma taxa inferior a 7% de pessoas com mais de 15 anos que declararam não saber ler. Isso após sistemáticas medidas para garantir a permanência e conclusão dos alunos em sala, como o programa de transferência de renda

condicionada (Bolsa Família) ou a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém, ainda há gargalos como o Ensino Médio: menos da metade da população brasileira com 25 anos ou mais, concluiu essa etapa de ensino⁵. Então, a educação no país ainda não é levada a sério.

Ainda que não se filiasse a alguma corrente de pensamento da sociologia da educação, é interessante destacar como a perspectiva proposta no livro sobre o caráter elitista do sistema de educação brasileiro se aproxima do paradigma da reprodução, representado por sociólogos como o francês Pierre Bourdieu e o britânico Basil Bernstein. Segundo esse paradigma, a escola é estruturada a partir da cultura da classe dominante⁶ e transmitida de forma a se tornar legítima para toda a população. Desta forma o sistema escolar reduz as chances de êxito dos filhos das classes dominadas, ao mesmo tempo em que legitima o sucesso que os filhos da classe dominante obtêm, como afirma Darcy Ribeiro ao denunciar o caráter elitista de nossa escola primária:

Uma explicação mais plausível assevera que nossa escola primária é hostil à sua verdadeira clientela. Estamos diante do fato espantoso de que a escola pública brasileira de primeiro grau não acolheu, ainda, nem reconheceu, como sua clientela, as crianças oriundas das camadas populares. [...] nossa escola funciona como se sua clientela fosse só a classe média [...]. (RIBEIRO, 1984, p. 20).

A partir dessa perspectiva calamitosa nos propomos, ao longo do texto, problematizar as afirmações deste pensador da educação nacional no cenário contemporâneo. Como não acreditamos ser possível vaticinar uma única conclusão, convidamos você, leitor, a continuar o diálogo conosco a partir da sua realidade e inserção no meio educacional, respondendo às questões propostas a seguir, além de outras que vierem à tona após sua leitura.

- » A educação é levada a sério?
- » A escola continua uma calamidade?
- » Como podemos superar as contradições contidas nos nossos discursos de valorização do sistema educacional, a partir da nossa prática cotidiana?

⁵ Segundo dados da PNAD 2019. Dados disponíveis em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=Isto%20representa%20uma%20taxa%20aproximadamente,mulheres%2C%206%2C3%25>.

⁶ “A maneira pela qual uma sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia o conhecimento educacional que considera público, reflete tanto a distribuição de poder quanto os princípios de controle social”. (BERNSTEIN apud GADOTTI, 2002, p. 192).

Referências

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

RIBEIRO, D. **Nossa escola é uma calamidade**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

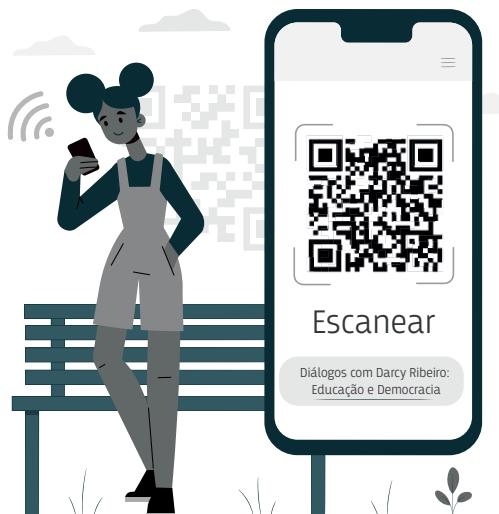
Calamidades Educacionais Atualizadas

Igor Adolfo Assaf Mendes

Joaquim Alberto Andrade Silva

Vitor Biral Bazucco

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



O BOM PROFESSOR NA UNIVERSIDADE: UMA EDUCAÇÃO ECOSSISTÊMICA CRIANDO POSSIBILIDADES PARA A INOVAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Idalberto José das Neves Júnior ⁷

Letícia da Costa e Silva Mourão ⁸

1. Considerações iniciais

O bom professor na universidade pode contribuir para a criação e/ou desenvolvimento de uma educação superior com possibilidades para empreender ações voltadas para a inovação e o desenvolvimento social.

Essa universidade pode, na visão de Darcy Ribeiro, ser a reprodução do que se tem na sociedade, em termos de criação e desenvolvimento social (universidade-fruto), ou pode promover esse desenvolvimento (universidade-semente), estimulando e criando possibilidades para a inovação.

Diante dessas ideias, Darcy Ribeiro, em seu discurso no recebimento do Título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Paris, apresentou a metáfora da universidade-fruto e universidade-semente.

Nessa ocasião, Darcy Ribeiro, um dos fundadores da Universidade de Brasília (UnB), citou um de seus maiores fracassos, a tentativa de refazer a UnB para que, ao invés de ser mais uma universidade-fruto, que cria e mantém o desenvolvimento social, fosse uma universidade-semente, destinada a promover esse desenvolvimento.

O bom professor na universidade-fruto é aquele que desenvolve suas atividades educativas com ênfase no ensino para criar e manter o desenvolvimento social de sua sociedade, o seu *status quo*, os frutos dessa sociedade.

⁷ Doutorado em Educação, na Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: idalbertoneves@gmail.com.

⁸ Doutorado em Gestão – Ciência Aplicada à Decisão, na Universidade de Coimbra – Portugal. E-mail: lelscs@yahoo.com.br.

O bom professor na universidade-semente é aquele que promove o desenvolvimento, enfatizando a aprendizagem e o ensinar a pensar, estimulando e criando possibilidades para a inovação, de forma a configurar um espaço de aprendizagem para o desenvolvimento social.

O bom professor na universidade-fruto produz, reproduz e mantém o desenvolvimento social, o seu *status quo*, enquanto o bom professor na universidade-semente está destinado a promover e alavancar esse desenvolvimento.

Esse bom professor pode ser considerado um professor inesquecível (exemplar) que marcou, de forma positiva, a vivência acadêmica dos estudantes em sala de aula, por sua capacidade de estimular o processo de aprendizagem, de integrar teorias e práticas, de desenvolver habilidades essenciais para a resolução de problemas, e de serem lembrados pelo legado de produção autopoética e coletiva de conhecimentos em uma forma peculiar de se relacionar com seus alunos em tramas de espaços de ensino e de aprendizagem (NEVES JÚNIOR, 2019; NEVES JÚNIOR; SÍVERES, 2021).

Entendemos que o bom professor é aquele que apresenta as características da universidade-fruto e da universidade-semente, que por meio do ensinar a pensar e do domínio dos saberes, estabelece um espaço de aprendizagem propício à inovação do desenvolvimento social da sociedade, não negligenciando a importância da produção e reprodução desses saberes.

O bom professor na universidade-fruto e universidade-semente é aquele que da mente ao coração está comprometido em contribuir com a inovação e o desenvolvimento da sociedade, em uma educação ecossistêmica e transformadora.

Esse bom professor, conforme estudos de Neves Júnior (2019) e Neves Júnior e Síveres (2021), sob os preceitos do binômio estímulo intelectual e relacionamento interpessoal de Lowman (2004) e do pensamento ecossistêmico de Moraes (2004), diante da possibilidade do exercício de uma educação com fundamentos transversais, estruturas conectadas e molduras sistêmicas, pode ser descrito pelos elementos apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – 20 Desritores do Bom Professor para uma universidade brasileira

Acessível	Didático	Exigente	Motivador
Amigável	Dinâmico	Inspirador	Organizado
Atencioso	Disponível	Inteligente	Paciente
Claro	Empático	Interessado	Preparado
Conhecedor	Encorajador	Justo	Prestativo

Fonte: Neves Júnior (2019) e Neves Júnior e Síveres (2021).

O Quadro 1 apresenta descritores de um bom professor na universidade, fundado em preceitos ecossistêmicos, que podem contribuir para uma universidade de excelência que busca a inovação e o desenvolvimento social. Temos o entendimento de que não se faz uma universidade de excelência sem bons professores.

Diante dessa explanação, de forma a materializar esse constructo teórico, vamos estabelecer a simbologia da casa como um ecossistema para a formação de um bom professor na universidade.

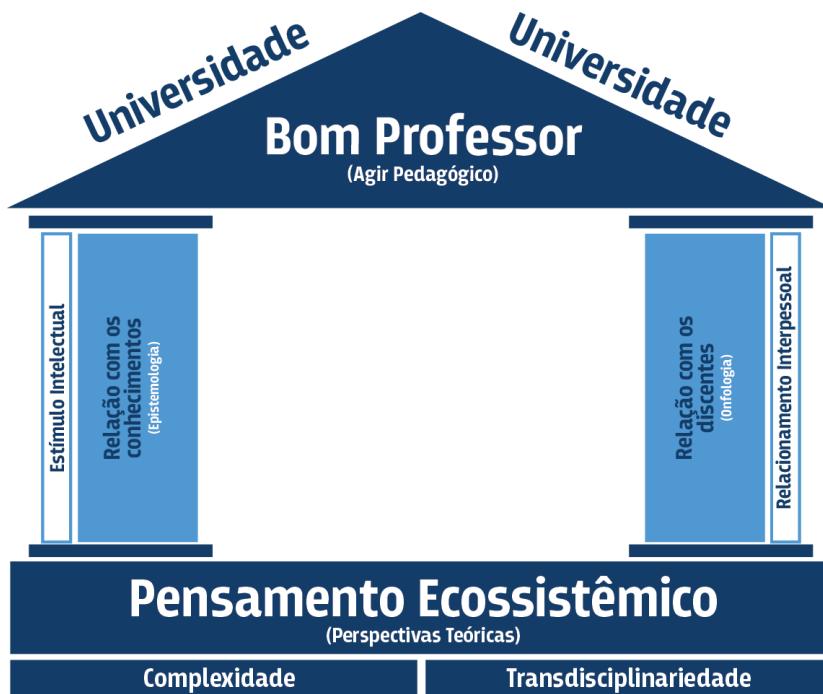
O termo ecossistêmico vem de *oikos*, uma palavra de origem grega que pode ser traduzida para o português como casa, ambiente habitado pelas relações que a ocupam. Então, ecossistêmico tem tudo a ver com a casa como aspecto de morada e as relações dos moradores.

O Pensamento Ecossistêmico reconhece as interações mútuas, simultâneas e recorrentes entre aprendizes e meio (moradores e morada), entre usuários e seus sistemas, entre aprendizes e docentes, indivíduos e contextos, razão e emoção. Nesse pensamento há o reconhecimento da existência de um dinamismo relacional entre os indivíduos, entre indivíduos e instrumentos da cultura, entre indivíduos e seus sistemas de crenças, suas organizações e seus modos de pensar e de fazer (MORAES, 2004). Esse pensamento, pautado na complexidade e na transdisciplinaridade, pode ser caracterizado como um pensamento relacional e dialógico, em que tudo está conectado e interligado.

Portanto, não tem casa que não tenha morador, a não ser que esteja abandonada. De forma análoga, o abandono das universidades pode prejudicar a inovação e o desenvolvimento social de uma comunidade, de um povo, de uma região, de um estado, de um país, de uma nação.

Entendemos que o agir pedagógico do bom professor poderia potencializar a criação de uma universidade de excelência, que pressupõe a inovação e o desenvolvimento social, a partir dos fundamentos do Pensamento Ecossistêmico na Educação, com o uso da simbologia da casa, como apresentado na Figura 1.

Figura 1 – O Bom Professor na Universidade



Fonte: Adaptado de Neves Júnior (2019) e de Neves Júnior e Síveres (2021).

Na base dessa casa teríamos as perspectivas teóricas do Pensamento Ecossistêmico pautado na Complexidade e na Transdisciplinariedade.

Como pilares de sustentação têm-se as relações que ocupam essa casa: a relação com os conhecimentos, o que chamamos de estímulo intelectual, e a relação com os discentes, o que denominamos relacionamento interpessoal.

No teto dessa casa encontramos a figura do bom professor dotado de um agir pedagógico que marca, de forma positiva, a vivência acadêmica dos estudantes em sala de aula, por sua capacidade de estimular o processo de aprendizagem, de integrar teorias e práticas, de desenvolver habilidades essenciais para o desenvolvimento da sociedade.

Essa casa, que poderia ser chamada de universidade, um espaço de aprendizagem, uma expressão de amorosidade e fraternidade, favoreceria a inovação, o desenvolvimento humano e social de seus estudantes e da sociedade.

Segundo Darcy, o Brasil precisava de uma universidade que se dedicasse ao domínio de todo o saber humano promovendo a convivência entre as mais diversas áreas a fim de cultivar uma criatividade científica cultural não para culto da vaidade acadêmica e erudita, mas sim para pensar no país.

Essa visão da educação no Brasil, refletida também em outras obras literárias da época, tem como idealizadores Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Esses autores traziam muitas semelhanças em seus princípios: “a educação como possibilidade de mudança social, a importância do pensamento reflexivo e problematizador, e a proposta de uma educação com inspiração democrática” (GUSTIN, 2012, p. 164).

Anos mais tarde, falando de direito educacional, Boaventura (2004) afirma que a educação é um direito fundamental que deveria ajudar não apenas o indivíduo, mas também o desenvolvimento de um país, sua importância vai além do aumento da renda individual ou das chances de se obter um emprego. Por meio da educação, garantimos nosso desenvolvimento social, econômico e cultural.

Com relação à possibilidade de mudança social e desenvolvimento, Schumpeter (1988), enquanto pai da inovação, consegue ver que o desenvolvimento econômico e regional de um país tem relação com a geração de riqueza e desenvolvimento social. Nesse sentido, o que podemos ver como um dos pontos convergentes com as ideias de Darcy é o pensamento de que a UnB deveria ser uma fonte de desenvolvimento do país, de uma educação libertadora, integradora e até mesmo inovadora, frente a sua preocupação latente: a falta de desenvolvimento e a pobreza que ronda o Brasil.

Schumpeter (1988) estava centrado em um ambiente corporativo de inovação, porém, esse conceito pode ser visto em um universo ampliado com o decorrer dos estudos, por meio do conceito de inovação aberta de *Chesbrough e Bogers* (2014). Esse conceito considera a interação entre empresas, academias e consumidores, em uma dinâmica de cocriação, ampliando o enfoque tradicional da pesquisa e desenvolvimento para a conectividade e o desenvolvimento. Essa interação pode ser relacionada ao pensamento ecossistêmico no qual a complexidade e a transdisciplinaridade trazem elementos de conexão e sinergia capazes de desenvolver talentos e a sociedade.

Esse desenvolvimento da sociedade é um conceito difuso e controverso, segundo *Scatolin* (1989); conceitos como progresso, crescimento, industrialização, transformação, modernização, são frequentemente utilizados como sinônimos de desenvolvimento.

No entanto, eles carregam toda uma compreensão específica dos fenômenos e constituem verdadeiros diagnósticos da realidade, indicando em que se deverá atuar para alcançar o desenvolvimento.

Para Rodrigues (1993, p. 20), “o crescimento econômico carece de sentido, se não consegue promover, em última instância, o desenvolvimento social, entendido como a realização (ou satisfação) pessoal dos indivíduos de um país/região”. Dessa forma, para atingir o desenvolvimento humano, é necessário reduzir a exclusão social, caracterizada pela pobreza e pela desigualdade. Esse pensamento é corroborado por Darcy, que defendia a necessidade do rompimento da estrutura legal que estrangulava o Brasil por meio de suas leis, viabilizando uma “rota que abra a sociedade brasileira à participação, criando uma estrutura social mais voltada para a satisfação das necessidades do povo do que para a otimização dos lucros” (RIBEIRO, 1985, p. 27).

Diante desse contexto, pergunta-se, a título de reflexão: que contribuição o bom professor da educação superior, pautado no pensamento ecossistêmico, pode oferecer para a universidade visando à inovação e o desenvolvimento social?

Dessa forma, este estudo pode contribuir, na forma de uma proposta pedagógica para o desenvolvimento de uma educação contemporânea, em uma possibilidade do uso da metáfora de universidade-fruto e universidade-semente (RIBEIRO, 1986), sob os preceitos do pensamento ecossistêmico (MORAES, 2004), potencializar a criação ou desenvolvimento de uma universidade, visando à evidenciação de fatores que possam alavancar a inovação e o desenvolvimento social, a partir da figura de um bom professor.

Sendo assim, o objetivo principal deste estudo é indicar fatores que poderiam constituir uma proposta para a área da educação, a partir da metáfora universidade-fruto e universidade-semente, sob a égide do pensamento ecossistêmico.

2. Universidade para que: uma conversa com Darcy Ribeiro

A metáfora da universidade-fruto e universidade-semente apresentada por Darcy Ribeiro (1986) permite reflexões sobre a utopia de universidade que promova a inovação e o desenvolvimento social, a partir do contexto vivenciando por esse autor enquanto reitor da Universidade de Brasília (UnB). Essa vivência experimentada de que estamos falando é aquela que nos passa o que nos acontece e o que nos toca (LAROSSA, 2002).

Nesse sentido, este estudo selecionou experiências relatadas por Ribeiro (1986), que, trabalhadas à luz do pensamento ecossistêmico de Moraes (2004) e do bom professor (NEVES JÚNIOR, 2019; NEVES JÚNIOR; SÍVERES, 2021), evidenciam perspectivas relevantes para a criação ou desenvolvimento de uma universidade, quanto aos aspectos de inovação e desenvolvimento social, que serão utilizados para a discussão e construção de uma proposta para a área de educação.

Dadas as considerações apresentadas, simulamos uma entrevista com Darcy Ribeiro, a partir do livro “Universidade para quê?” publicado em 1986. Este livro relembra o contexto do nascimento da Universidade de Brasília (UnB), em que estava vivo o sonho de ela ser desprovida de padrões estruturais ou modelos operativos, com ousadia, liberdade e coragem de pensar. “Nós nos recusávamos a aceitar a universidade de mentira que se cultivava no país, tão insciente de si como contente consigo mesma” (RIBEIRO, 1986, p. 4).

Dessa forma, os autores deste artigo, Idalberto e Letícia, como se fossem entrevistadores, a partir das experiências selecionadas para este trabalho, elaboraram quatro perguntas direcionadas para Darcy Ribeiro e que pudessem, por meio da ótica dos autores deste estudo, evidenciar elementos importantes a respeito de uma universidade. Para essa entrevista, sob o ponto de vista metodológico, optou-se, a cada questão, por apresentar um contexto, uma pergunta e uma resposta, tendo por referência Ribeiro (1986), como segue.

Universidade necessária

Idalberto: A universidade necessária é, nesses termos, aquela que está à altura da rebeldia que o tempo histórico nos demanda. Um tempo que é preciso saber enfrentar, ao modo de Darcy Ribeiro, com a marca da ousadia, olhando para a utopia e aprendendo com a vida presente, tal como ensinou o nosso fundador. Nesse contexto, como o senhor vê a validade das ideias em uma universidade?

Darcy Ribeiro: Eu estava cheio de certezas e não conseguia entender a afirmação de Anísio Teixeira de que ele não tinha compromissos com as suas ideias. Demorei a compreender de que a única certeza que temos é o compromisso com a busca da verdade. Entendo que tudo é discutível, provisório, em especial, numa universidade. E foi assim que a UnB foi pensada, como o espírito de Anísio Teixeira.

Vocação da UnB

Letícia: O senhor se preocupou em identificar uma cultura nacional do povo brasileiro que não anulasse e nem separasse nenhuma das culturas presentes em nosso território, como em caixas de classificação, segmentando as diferentes culturas. Pensando na diversidade de culturas, qual seria o papel da UnB?

Darcy Ribeiro: Uma universidade que tivesse inteiro domínio do saber humano, que não tivesse vaidade acadêmica e não se configurasse como um auto de fruição erudita. Que fosse uma universidade concebida por esse saber e pensasse nos problemas brasileiros. Este é um desafio permanente, de hoje, agora e de amanhã, que a UnB enfrentará. Com esse propósito, tantas vezes, estávamos reunidos e Anísio Teixeira sempre estava lá, presente, discutindo e polemizando. Ele dizia hoje e amanhã o contrário, e era uma beleza, porque nos obrigava a pensar, a repensar, a nos justificar, a fundamentar. A mente sendo usada para questionar cada proposição. É com esta postura, de questionamento livre e ardente, que a UnB foi implantada e reimplantada.

UnB como a casa, o centro e o coração

Idalberto: Sua visão de educação foi influenciada pelo movimento Escola Nova, que procurava renovar a educação opondo-se aos métodos tradicionais de ensino e tornando a escola instrumento de combate às desigualdades sociais. Compartilhava, portanto, muitos princípios e da amizade de Anísio Teixeira. Diante dessa circunstância, da utopia de transformação da UnB, de universidade-fruto para universidade-semente, que alegrias e tristezas poderia apresentar?

Darcy Ribeiro: Inicialmente gostaria de lembrar de uma alegria: o dia da posse de Cristovam Buarque, um dia de rito de passagem, um dia de renascimento da UnB. Uma universidade morre – a que era indigna desse nome – morre como a íbis, a ave que se queima. Nasce a nossa universidade, a UnB. Por outro lado, sinto o dever de comunicar uma tristeza, o dia do avassalamento, falo do dia e da hora em que 210 professores daqui saíram, compelidos pela mão dos que vieram apossar-se da UnB. Eu trouxe para cá 210 mestres que vieram com suas famílias, tinham aqui morada, algo que não existia em lugar nenhum no mundo, profissionais que largaram tudo e ficaram leais à UnB. Não foram coniventes com a humilhação, destruição da UnB, no que ela tinha que ser: a casa, o centro, o coração da consciência e da cultura brasileira. Uma universidade autônoma com o desejo e a liberdade de pensar, de pesquisar e de ensinar.

Reflexões sobre a UnB: Para quê? Para quem?

Letícia: No Brasil, o saber é utilizado como arma de repressão e legitimação da classe dominante. É mais uma forma para produzir, acumular e exportar lucros. Diante dessa afirmativa, o senhor teria alguma observação sobre o papel dos universitários e o atraso do povo brasileiro?

Darcy Ribeiro: Os universitários têm tido um papel de conivência com o atraso do povo brasileiro e, além disso, muitas vezes embasam pensamentos absurdos como o de que o atraso do povo brasileiro se dá por sermos católicos e não protestantes, por ser um país penosamente pobre, ou relativamente jovem, ou de que o erro está no nosso plano cultural. A universidade brasileira tem garantido a existência do discurso das classes dominantes como mecanismo de manutenção do Brasil na miséria e no atraso.

A partir da entrevista realizada com Darcy Ribeiro, um diálogo tendo como suporte o seu livro “Universidade para quê?”, são evidenciados descritores que poderiam caracterizar o sonho de Ribeiro (1986) a respeito da concepção da UnB, com possibilidade de ser estendido para as demais universidades brasileiras.

Em uma tentativa de apresentar os elementos-chave dessa caracterização, tendo por referência o recorte realizado neste tópico, foi possível evidenciar os seguintes aspectos: ousadia de fazer algo que poucos fariam; tudo é discutível, não há compromisso com as ideias, tudo é provisório; discutir e polemizar, de forma dialógica, buscando alternativas para a superação dos problemas; domínio do saber humano em uma atitude permanente de absorver e processar informações; pensar, repensar, justificar e fundamentar as discussões; o exercício de um questionamento livre e ardente em busca de alternativas para o desenvolvimento humano e social; uma educação opondo-se aos métodos tradicionais de ensino; uma escola como instrumento de combate às desigualdades sociais; ter a consciência da cultura brasileira; ter autonomia e liberdade de pensar, de pesquisar e de ensinar; a não aceitação do saber como arma de repressão e legitimação da classe dominante; a não legitimação do discurso das classes dominantes como mecanismo de manutenção do Brasil na miséria e no atraso.

Esses descritores, obtidos a partir da leitura dos argumentos de Darcy Ribeiro, parecem indicar a necessidade de uma reformulação do pensamento, de um repensar da universidade como alavanca da inovação e do desenvolvimento social, forçando-nos a buscar novas perspectivas teóricas que possam dar conta dessa crise paradigmática, que partindo da concepção ecossistêmica, apoiada pela complexidade e transdisciplinaridade, poderia possibilitar o desenvolvimento de um novo pensamento para a área da educação.

3. Pensamento ecossistêmico na educação

Para responder a essa crise paradigmática, de um pensamento que recorta e fragmenta o conhecimento, que separa o sujeito do objeto, que prejudica a reflexão crítica e o agir das pessoas, que pouco considera os aspectos ontológicos, parece-nos essencial uma base epistemológica que desenvolva um pensamento relacional e dialógico, que se apresente com fundamentos transversais, estruturas conectadas e molduras sistêmicas.

Diante dessa situação, da necessidade de reformulação desse pensamento, está o pensamento ecossistêmico, concebido por Moraes (2004), que apresenta perspectivas teóricas que abordam, de forma complementar, aspectos epistemológicos, ontológicos e metodológicos.

Esse pensamento ecossistêmico, tendo a complexidade e a transdisciplinaridade como princípios epistemológicos fundamentais, se apoia no princípio/conceito da complexidade; o pensamento complexo é muito mais vasto e mais amplo que o próprio pensamento ecossistêmico. Para Moraes (2004, p. 154) o pensamento ecossistêmico é

um pensamento ecológico-sistêmico é, portanto, um pensamento relacional, dialógico, interligado, indicando que tudo que existe coexiste e que nada existe fora de suas conexões e relações. É um pensamento que se estende além da ecologia natural, englobando a cultura, a sociedade, a mente e o indivíduo. Revela também a interdependência existente entre os diferentes domínios na natureza, a existência de relações intersistêmicas que acontecem entre seres, indivíduos e contextos, docentes e discentes. O pensamento ecológico é, portanto, relacional, aberto e traz consigo a ideia de movimento, de fluxo energético, de processos auto-organizadores, auto-reguladores e autopoiéticos, sinalizando a existência de um dinamismo intrínseco que traduz a natureza cíclica e fluída desses processos. Ele nos fala de relações entre totalidades e partes e das partes entre si. Assim, pensar de modo ecossistêmico é pensar de maneira complexa, dialógica e transformadora).

Assim, educar, a partir do pensamento ecossistêmico, é

configurar um espaço de convivência desejável para que as atividades se desenvolvam. É ser capaz de construir um espaço amoroso e não competitivo, um local agradável e emocionalmente sadio não apenas para si, mas também para os outros, de forma que eu e o outro possamos fluir em nosso viver/conviver de maneira mais harmoniosa possível. (MORAES, 2004, p. 292).

De acordo com Moraes (2004, 2020), essas perspectivas podem ser caracterizadas como de Desenvolvimento Humano, Dialógica, Ecológica e Relacional, Interdisciplinar e Transdisciplinar, Multirreferencial, Solidariedade, Alteridade e Inclusão, Coevolução, Parceria e Religação, Ética e Emergência e Transcendência. O Quadro 2 apresenta um recorte de 20 descritores que poderiam descrever essas perspectivas e sua relação com as experiências vivenciadas por Ribeiro (1986).

Quadro 2 – Pensamento ecossistêmico

Perspectivas Teóricas		Descritores das perspectivas teóricas
1	Desenvolvimento humano	<ol style="list-style-type: none">1. É o ser que pensa sobre o seu pensar.2. Construção da própria identidade, com liberdade e autonomia.3. Leva ao autoconhecimento.
2	Dialógica	<ol style="list-style-type: none">4. Está sempre em processo, algo inacabado (espiral).5. Intercâmbios, simbioses e retroações, em uma dinâmica da vida.6. Diálogo como possibilidade de vínculo relacional, que reconhece o outro em seu legítimo outro (aceitação do outro).

3	Ecológica e relacional	<p>7. Saber que emerge das interconexões, das interdependências e dos intercâmbios entre sujeito e objeto, sujeito e meio.</p> <p>8. Contexto da formação é um cenário psicossocial, afetivo, cultural e ecológico, em transformação e interação de inúmeros atores e fatores.</p> <p>9. Problemas e soluções emergem a todo o momento.</p> <p>10. Espaços de aprendizagem em uma ecologia libertadora de ideias, pensamentos, sentimentos e ações.</p>
4	Interdisciplinar e transdisciplinar	<p>11. Processo de construção do conhecimento e da aprendizagem nas perspectivas interdisciplinar e transdisciplinar.</p> <p>12. Complementariedade de processos que favorecem o desenvolvimento de metodologias inter e transdisciplinares.</p>
5	Multirreferencial	<p>13. Pluralidade de enfoques, olhares e compreensões.</p> <p>14. Prática curricular que deve considerar a pluralidade de referências, as múltiplas leituras e óticas diferentes.</p>
6	Solidariedade, alteridade e inclusão	<p>15. Abertura às ideias, imagens, opiniões e aos pontos de vista do outro.</p> <p>16. O homem tem uma relação de interação e dependência com o outro.</p>
7	Coevolução, parceria e religação	<p>17. A evolução é sempre relacional, ecológica, dinâmica, implicada e interdependente no sentido mais amplo.</p>

8	Ética	18. Ética capaz de suportar os riscos do desconhecido, que esteja atenta aos desafios que a incerteza, as contradições e as dificuldades trazem consigo.
9	Emergência e transcendência	19. Aquilo que transcende, que atinge um novo estágio evolutivo, não permitindo, pela dinâmica processual de autoecoorganização, retornar a ser o que era antes. 20. Emergência decorrente da capacidade de autotranscedência dos organismos vivos, significando a capacidade de um sistema ir além de sua realidade anterior, de chegar mais adiante e de introduzir algo inovador em sua estrutura.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Moraes (2004, 2020).

A partir do Quadro 2, o tópico a seguir, em uma tentativa de aproximação entre os descritores das caracterizações do pensamento ecossistêmico, de um bom professor na universidade, busca-se, de forma predominante, registrar aspectos da universidade-fruto e da universidade-semente, de forma a contribuir para a construção de fatores que poderiam trazer uma proposta para a área de educação, visando ao exercício da inovação e o desenvolvimento social.

4. Universidades de bons professores sob a perspectiva ecossistêmica

Retornando às experiências de Ribeiro (1986), descritas no tópico 2 deste artigo, buscou-se a possibilidade de trazer elementos-chave de um bom professor, sob os preceitos do pensamento ecossistêmico na educação, para aplicação na universidade-fruto e universidade-semente. O Quadro 3 evidencia, tendo por base as perspectivas teóricas do pensamento ecossistêmico, os elementos-chave voltados para a inovação e desenvolvimento social.

Quadro 3 – Universidade de bons professores na perspectiva ecossistêmica

Universidade para a Inovação e o Desenvolvimento Social	Bom Professor na Educação Superior	Pensamento Ecossistêmico	Perspectiva teórica/descritores	UF e US
Ousadia em ter coragem de fazer algo que poucos fariam; Tudo é discutível, não há compromisso com as ideias, tudo é provisório; Discutir e polemizar, de forma dialógica, buscando alternativas para a superação dos problemas; Domínio do saber humano em uma atitude permanente de absorver e processar informações; Pensar, repensar, justificar e fundamentar as discussões; O exercício de um questionamento livre e ardente em busca de alternativas para o desenvolvimento humano e social; Uma educação opondo-se aos métodos tradicionais de ensino; Uma escola como instrumento de combate às desigualdades sociais; Ter a consciência da cultura brasileira; Ter autonomia e liberdade de pensar, de pesquisar e de ensinar; A não aceitação do saber como arma de repressão e legitimação da classe dominante; A não legitimação do discurso das classes dominantes como mecanismo de manutenção do Brasil na miséria e no atraso.	Acessível; Amigável; Atencioso; Claro; Conhecedor; Didático; Dinâmico; Disponível; Empático; Encorajador; Exigente; Inspirador; Inteligente; Interessado; Justo; Motivador; Organizado; Paciente; Preparado; Prestativo.	Desenvolvimento humano Dialógica Ecológica e relacional Interdisciplinar e transdisciplinar	<p>É o ser que pensa sobre o seu pensar.</p> <p>Construção da própria identidade, com liberdade e autonomia.</p> <p>Leva ao autoconhecimento.</p> <p>Está sempre em processo, algo inacabado (espiral). Intercâmbios, simbiose e retroações, em uma dinâmica da vida.</p> <p>Diálogo como possibilidade de vínculo relacional que reconhece o outro em seu legítimo outro (aceitação do outro).</p> <p>Saber que emerge das interconexões, das interdependências e dos intercâmbios entre sujeito e objeto, sujeito e meio.</p> <p>Contexto de formação é um cenário psicosocial, afetivo, cultural e ecológico, em transformação e interação de inúmeros atores e fatores.</p> <p>Problemas e soluções emergem a todo momento.</p> <p>Espaços de aprendizagem em uma ecologia libertadora de ideias, pensamentos, sentimentos e ações.</p> <p>Processo de construção do conhecimento e da aprendizagem nas perspectivas interdisciplinar e transdisciplinar.</p> <p>Complementariedade de processos que favorecem o desenvolvimento de metodologias inter e transdisciplinares.</p>	Universidade-Fruto (UF) e Universidade-Semente (US)

		Multirreferencial	Pluralidade de enfoques, de olhares e compreensões. Prática curricular que deve considerar a pluralidade de referências, as múltiplas leituras e óticas diferentes.	
		Solidariedade, alteridade e inclusão	Abertura às ideias, às imagens, às opiniões e aos pontos de vista do outro. O homem tem uma relação de interação e dependência com o outro.	
		Coevolução, parceria e religação	A evolução é sempre relacional, ecológica, dinâmica, implicada e interdependente, no sentido mais amplo.	
		Ética	Ética capaz de suportar os riscos do desconhecido, que esteja atenta aos desafios que a incerteza, as contradições e as dificuldades trazem consigo.	
		Emergência e transcendência	Aquilo que transcende atinge um novo estágio evolutivo, não permitindo, pela dinâmica processual de autoeorganização, retornar a ser o que era antes. Emergência decorrente da capacidade de autotranscendência dos organismos vivos, significando a capacidade de um sistema ir além de sua realidade anterior, de chegar mais adiante e de introduzir algo inovador em sua estrutura.	
(RIBEIRO, 1986)	(NEVES JÚNIOR, 2019; NEVES JÚNIOR e SÍVERES, 2021)	(MORAES, 2004)	(RIBEIRO, 1986)	

Fonte: Elaboração própria, a partir de Ribeiro (1986), Neves Júnior (2019), Neves Júnior e Síveres (2021) e Moraes (2004, 2020).

Ao analisar o Quadro 3, é possível evidenciar o quanto a metáfora da universidade-fruto e universidade-semente está aderente aos preceitos das perspectivas teóricas do pensamento ecossistêmico. É possível destacar, pelas experiências de Ribeiro (1986), apresentadas neste artigo, o quanto foi predominante a identificação de elementos-chave nas perspectivas do pensamento ecossistêmico.

Os descritores do pensamento ecossistêmico e do bom professor podem contribuir para a construção de pistas essenciais a uma proposta de educação, a partir da contemporaneidade pela busca de uma universidade que prioriza a inovação e o desenvolvimento social, permitindo evidenciar, de forma não exaustiva, o quanto o pensamento ecossistêmico e a figura do bom professor são importantes para a construção de uma universidade sob a égide da inovação e do desenvolvimento social.

Parece-nos coerente afirmar que uma universidade com bons professores, de atitude transdisciplinar e ecossistêmica, pode ser um caminho para a formação de uma educação superior que valoriza a inovação e o desenvolvimento social, o que poderia alavancar as ideias de Ribeiro (1986) em “Universidade para quê?”.

Talvez, o principal achado deste estudo seja o constructo teórico que permite construir bases para a demonstração do quanto o pensamento ecossistêmico na educação pode favorecer a ideia da atuação de uma universidade, que de forma disruptiva, a partir do agir pedagógico de bons professores, pode fazer a diferença para o desenvolvimento social de uma nação.

5. Considerações finais e proposta para a área da educação

O exercício da vocação da UnB em seu surgimento, de ser casa, centro e coração (RIBEIRO, 1986) de uma sociedade carente de desenvolvimento social, econômico e humano, é possível por meio do exercício do bom professor. Ele é personificação da universidade-fruto e da universidade-semente, pois por meio do ensino e promoção do pensamento, do domínio dos saberes, estabelece uma universidade aberta à inovação e desenvolvimento social mediada por uma educação ecossistêmica e transformadora.

Nesse contexto, apresentamos algumas propostas para a educação superior: a) Conscientização da necessidade de ser uma universidade-fruto e universidade-semente concomitantemente; b) Formação de professores em torno da integralidade do estudo, abertura à inovação e ao desenvolvimento social; c) Fortalecimento do ensino dos saberes,

visando profissionais altamente qualificados, capazes de gerar valor em suas atividades profissionais; d) Fortalecimento dos projetos de extensão voltados para o desenvolvimento social; e) Desenvolvimento das atividades de pesquisa integradas ao desenvolvimento da sociedade; f) Internacionalização do estudo por meio de professores estrangeiros voltados à inovação e desenvolvimento social.

Para finalizar, cabe destacar que apesar de o texto de Darcy ser de três décadas passadas e falar do surgimento da universidade em 1960 e da pobreza no Brasil, ele se mostra atual. Hoje, depois de 60 anos, o Brasil tem um maior número de pessoas escolarizadas, porém ainda nos deparamos com muita desigualdade social e falta de desenvolvimento social e econômico. Precisamos urgentemente de uma educação superior capaz não apenas de libertar o indivíduo, ensiná-lo a pensar, mas principalmente de capacitá-lo a trabalhar pelo nosso país.

Referências

- BOAVENTURA, E. M. **Introdução ao Direito Educacional**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 2004.
- CHESBROUGH, H.; BOGERS, M. Explicating open innovation: Clarifying an emerging paradigm for understanding innovation. In: **New Frontiers in Open Innovation**. Oxford: Oxford University Press, Forthcoming, p. 3-28, 2014. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199682461.003.0001>.
- LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 30 abr. 2002. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- LOWMAN, J. **Dominando as Técnicas de Ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.
- MORAES, M. C. **Pensamento ecossistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MORAES, M. C. **Pensamento ecossistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania. In: FEITOSA, B. et al. **Educação transdisciplinar**: escolas criativas e transformadoras. Palmas, TO: Eduft, 2020.
- NEVES JÚNIOR, I. J. **A contribuição do Pensamento Ecossistêmico no exercício da docência na educação superior**. 2019. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, 2019.

NEVES JÚNIOR, I. J.; SÍVERES, L. **É possível ser um bom professor?** O pensamento ecossistêmico na educação superior. Curitiba: Appris, 2021.

RIBEIRO, D. **Universidade para quê?** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

RODRIGUES, M. C. P. **O índice do desenvolvimento humano (IDH) da ONU.** Revista Conjuntura Econômica, Rio de Janeiro, julho 1993.

SCATOLIN, F. D. **Indicadores de desenvolvimento:** um sistema para o Estado do Paraná. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

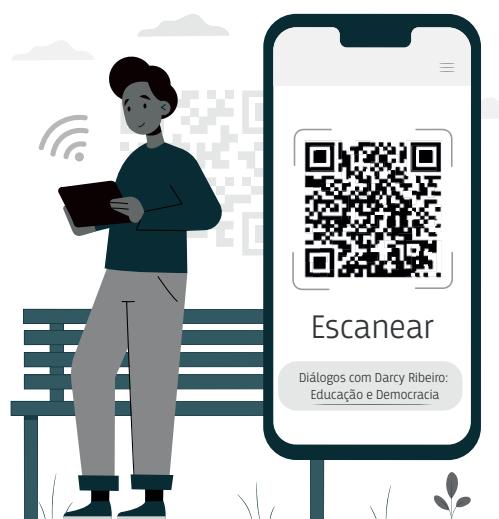
SCHUMPETER, J. Al. **Capitalismo, sociedade e democracia.** São Paulo: Abril Cultural, 1988.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

O Bom Professor na Universidade: Uma Educação Ecossistêmica criando possibilidades para a Inovação e o Desenvolvimento Social

Idalberto José das Neves Júnior
Letícia da Costa e Silva Mourão

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



DIÁLOGOS COM DARCY RIBEIRO: DESVELANDO A ESTRUTURA RACISTA NO BRASIL

Maria de Lourdes de Almeida Silva ⁹

José Ivaldo Araújo de Lucena ¹⁰

Vanildes Gonçalves dos Santos ¹¹

1. Contextualização da obra

Este livro tem uma grande beleza porque é uma beleza do nosso povo se fazendo a si mesmo, tal como figura a terrível brutalidade, a incapacidade, a mediocridade da nossa classe dominante que aqui o que faz é enriquecer, é ter vantagem [...] o Brasil moeu, liquidou 6 milhões de índios [...] mais 12 milhões de negros africanos. [...] a classe dominante sempre se deu bem [...].

(Darcy Ribeiro no Programa Roda Viva, 1995).

O Brasil, em sua constituição identitária, contou com a contribuição de vários povos, a exemplo dos indígenas, dos portugueses, dos imigrantes (franceses, holandeses, italianos, japoneses, entre outros) e dos negros trazidos da África. Para compreender essa formação étnica e cultural brasileira, Darcy Ribeiro escreveu “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”.

Segundo Ribeiro (1995), as três principais matrizes étnicas que formaram a identidade do povo brasileiro são os portugueses, os indígenas e os negros africanos. Nessa perspectiva, o surgimento de uma etnia brasileira passou tanto pela “anulação das identificações étnicas dos povos indígenas, africanos e europeus, como pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem, como os mulatos (negros com brancos), caboclos (brancos com índios), ou curibocas (negros com índios)” (p. 133). Dentro desse novo agrupamento cada pessoa permanece inconfundível, mas passa a incluir em sua pertença certa identidade coletiva.

É na regência dos portugueses que ocorre a confluência de matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas e formações sociais defasadas que se enfrentam e se fundem para dar

⁹ Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: almeidamariala8@gmail.com.

¹⁰ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: joseivaldoucb@gmail.com.

¹¹ Mestra em Ciências Sociais. Ativista dos Direitos Humanos. E-mail: vanildesucb@gmail.com.

lugar a um povo novo, ou seja, um novo modelo de estruturação societária. O Brasil surge então como etnia nacional de cultura diferenciada de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, permeada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos (RIBEIRO, 1995).

Nesse contexto, o Brasil inaugura um modelo singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Torna-se assim uma etnia nacional, um povo-nação, assentado num território próprio e em um mesmo Estado onde vive seu destino.

A uniformidade cultural e a unidade nacional resultante do processo de formação do povo brasileiro não devem cegar-nos diante das disparidades, contradições e antagonismos que subsistem até hoje na sociedade brasileira. Nossa unidade nacional resultou de um processo continuado e violento de unificação política, decorrente de um esforço deliberado de supressão de toda identidade étnica discrepante e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista, inclusive de movimentos sociais que aspiravam edificar uma sociedade mais aberta e solidária (RIBEIRO, 1995).

A luta pela unificação potencializou e reforçou a repressão social e classista, castigando como separatistas movimentos que eram meramente republicanos e antioligárquicos. Subacente à uniformidade cultural brasileira, esconde-se uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o próprio processo de formação nacional produziu. O antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui se exacerba, para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais (RIBEIRO, 1995).

Nesse contexto,

O povo-nação surge no Brasil da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável. (RIBEIRO, 1995, p. 23).

Em consequência, as elites dirigentes viveram sempre e vivem ainda sob o pânico do alçamento das classes oprimidas que, diante de qualquer insurgência, sofrem a brutalidade repressiva do poder central que não admite qualquer alteração na ordem vigente.

A estratificação social separa e opõe, assim, os brasileiros ricos e remediados dos pobres e todos eles dos miseráveis. Nesse plano, as relações de classe chegam a ser tão infranqueáveis que suprimem “toda a comunicação propriamente humana entre a massa do povo e a minoria privilegiada, que a vê e a ignora, a trata e a maltrata, a explora e a deplora, como se esta fosse uma conduta natural” (RIBEIRO, 1995, p. 24).

O destaque inicial da obra desconstrói o mito de que a integração racial no Brasil se deu de forma pacífica. A estratificação delineada no início do processo de colonização do Brasil é ainda hoje uma das causas que geram a desigualdade e a violência. É sob essa perspectiva de novo mundo que irá se constituir esse povo, cujas raízes ultrapassam fronteiras e se somam aos povos originários desse mesmo mundo.

E assim, por meio da fusão das matrizes indígena, negra e europeia, instaura-se a diversidade, mas, tem origem também um estado de violências que conduzem a um processo histórico marcado por lutas que permeiam também raça e classe.

O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizaram num ‘modus vivendi’ que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos. Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social, que perpetua a alteridade. O povo massa, sofrido e perplexo, vê a ordem social como um sistema sagrado que privilegia uma minoria contemplada por Deus, à qual tudo é consentido e concedido. (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Sobre essa realidade de desigualdade social que se perpetua desde a formação do povo brasileiro, José Bonifácio afirmou, em representação enviada à Assembleia Constituinte de 1823, que a escravidão era um câncer que corroía nossa vida cívica e impedia a construção da nação. A desigualdade é a escravidão de hoje, o novo câncer que impede a constituição de uma sociedade democrática. A escravidão foi “abolida” 65 anos após a advertência de José Bonifácio. A precária democracia de hoje não sobreviveria à espera tão longa para extirpar o câncer da desigualdade (CARVALHO, 2012).

Essa desigualdade é também ressaltada por Darcy (1995) que denuncia o privilégio dos grupos abastados ao acesso à educação, estando esta sempre voltada à manutenção do poder e do domínio frente à vulnerabilidade das classes inferiorizadas. Desenha-se a

partir daí um abismo social ainda não superado e agravado pelo sistema escravagista que marginaliza os sujeitos para além da sua condição social, também pela cor da sua pele.

Nessa república de fazendeiros, os problemas do bem público, da justiça, do acesso à terra, da educação, dos direitos dos trabalhadores eram debatidos tal como a democracia, a liberdade e a igualdade. Isto é, como meros temas de retórica parlamentar. A máquina só funcionava substancialmente para mais consolidar o poder e a riqueza dos ricos, por vezes, preceptores europeus para a educação dos filhos na própria fazenda e padres residentes para os serviços religiosos. (RIBEIRO, 1995, p. 392, 401).

Neste cenário, mesmo diante da necessidade da modernização, a criação de escolas se deu em função das elites sem que houvesse qualquer programa de educação das massas e, como consequência, segundo Darcy (1995), o povo brasileiro permaneceu analfabeto.

A desigualdade social brasileira tem suas raízes na escravidão, cujos desdobramentos revelam-se historicamente nas desigualdades econômicas e educacionais que não permitem a garantia da dignidade humana para a maioria do povo brasileiro.

2. Diálogos com Darcy Ribeiro

No diálogo a seguir, priorizou-se o aspecto da desigualdade social, com destaque para a questão racial, na obra “O povo brasileiro”.

Maria de Lourdes: Darcy, você nos fala sobre o racismo assimilaçãoista, que sustenta a ideia de maior sociabilidade do negro em detrimento da luta contra a pobreza e da submissão à violência a que é submetido. Frente a isso, atualmente, segundo dados da PNAD 2019 – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, a taxa de analfabetismo para os homens de 15 anos ou mais de idade foi de 6,9% e para as mulheres, 6,3%. Para as pessoas pretas ou pardas, 8,9%, a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%) (BRASIL, 2019). Nesse cenário, como você percebe essa ideologia ainda infiltrada nas capilaridades dos processos democráticos que tem o seu ancoradouro na chamada democracia racial proposta por Gilberto Freyre?

Darcy: [...] a democracia racial é possível, mas só é praticável conjuntamente com a democracia social. Ou bem há democracia para todos ou não há democracia para ninguém,

porque à opressão do negro condenado à dignidade de lutador da liberdade corresponde o opróprio do branco posto no papel de opressor dentro de sua própria sociedade.

José Ivaldo: Por que em quase toda a América, a independência e a república deram espaço a um profundo esforço nacional por elevar o nível cultural da população, capacitando-a para o exercício da cidadania e o mesmo não ocorreu no Brasil?

Darcy: Esse descaso com a educação popular, bem como o pouco interesse pelos problemas de bem-estar da saúde da população, explica-se pelo senhorialismo fazendeiro, pela sucessão tranquila presidida pela mesma classe dirigente da Colônia à Independência e do Império à República. Não ensejando uma renovação da liderança, mas simples alternância no mesmo grupo patrício, oligárquico que se perpetua também na velha ordenação social.

Vanildes: Qual a consequência dessa velha ordenação social para a população negra brasileira nos dias de hoje?

Darcy: As taxas de analfabetismo, de criminalidade, de mortalidade dos negros são, por isso, as mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal professado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais.

Maria de Lourdes: No contexto da diversidade humana e cultural que compõe o mosaico da população brasileira, onde e quando se dá o entrelaçamento do preconceito de raça e de cor?

Darcy: As enormes distâncias sociais que medeiam entre pobres e remediados, não apenas em função de suas posses, mas também pelo seu grau de integração no estilo de vida dos grupos privilegiados – como analfabetos ou letrados, como detentores de um saber vulgar transmitido oralmente de um saber moderno, como herdeiros da tradição folclórica ou do patrimônio cultural erudito, como descendentes de famílias bem situadas ou de origem humilde –, opõem pobres e ricos muito mais do que negros e brancos.

José Ivaldo: No Brasil, a pobreza e a extrema pobreza são consequência da desigualdade social que é uma das marcas da nossa história desde a colonização. Segundo dados mais recentes do IBGE, os pretos e pardos correspondem a 72,7% dos que estão em situação de pobreza ou extrema pobreza, totalizando 38,1 milhões de pessoas (PONTE SOCIAL, 2022). Nesse contexto Darcy, podemos afirmar que há uma relação histórica e direta entre pobreza e negritude?

Darcy: Apesar da associação da pobreza com a negritude, as diferenças profundas que separam e opõem os brasileiros em extratos flagrantemente contrastantes são de natureza social. São elas que distinguem os círculos privilegiados e camadas abonadas – que conseguiram, numa economia geral de penúria, alcançar padrões razoáveis de consumo – da enorme massa explorada no trabalho, ou até dele excluída por viver à margem do processo produtivo e, em consequência, da vida cultural, social e política da nação.

Vanildes: Darcy, você afirma que “[...] a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional” (RIBEIRO, 1995, p. 220). Quais as consequências dessa luta histórica em nossa constituição identitária?

Darcy: A partir de precárias bases, o negro urbano veio a ser o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira. Com base nela é que se estrutura o nosso Carnaval, o culto de Iemanjá, a capoeira e as inumeráveis manifestações culturais. Mas o negro aproveita cada oportunidade que lhe é dada para expressar o seu valor. Isso ocorre em todos os campos em que não se exige escolaridade. É o caso da música popular, do futebol e de numerosas formas menos visíveis de competição e de expressão. O negro vem a ser, por isso, apesar de todas as vicissitudes que enfrenta, o componente mais criativo da cultura brasileira e aquele que, junto com os índios, mais singulariza o nosso povo.

Maria de Lourdes: A formação do povo brasileiro foi e ainda é marcada pela exclusão social, educacional, econômica, política e cultural. O que poderia contribuir para transformar o curso dessa história?

Darcy: O maior susto que tiveram os portugueses, no passado, foi ver a força de trabalho escrava reunida com propósitos exclusivamente mercantis para ser desgastada na produção, insurgir-se, pretendendo ser tida como gente com veleidades de autonomia e autogoverno. Do mesmo modo, a grande perplexidade das classes dominantes atuais é que os descendentes daqueles negros, índios e mestiços ousem pensar que este país é uma república que deve ser dirigida pela vontade deles como seu povo que são.

José Ivaldo: A partir do que você pesquisou sobre a formação do povo brasileiro e diante de tudo que dialogamos, o que nos resta de herança histórica brasileira?

Darcy: Com efeito, a grande herança histórica brasileira é a façanha de sua própria constituição como um povo étnica, nacional e culturalmente unificado. É, também, o malogro dos nossos

esforços de nos estruturarmos solidariamente, no plano socioeconômico, como um povo que existe para si mesmo. Na raiz desse fracasso das maiorias está o êxito das minorias, que ainda estão aí, mandantes. Em seus desígnios de resguardar velhos privilégios por meio da perpetuação do monopólio da terra, do primado do lucro sobre as necessidades e da imposição de formas arcaicas e renovadas de contingenciamento da população ao papel de força de trabalho superexplorada.

O diálogo com Darcy Ribeiro evidencia a importância da educação e da democracia enquanto caminhos viáveis para minimizar as desigualdades sociais e raciais, aspectos em que ainda temos muito que avançar como Estado Democrático de Direito.

3. Darcy, pensamento profético ou por trás do véu de Ísis

Ísis, uma das principais deusas da mitologia egípcia, conserva em seu véu os mistérios da natureza, tornando-os inalcançáveis à compreensão humana. Desvendar o que há por trás desse véu pode ser uma metáfora apropriada para refletirmos sobre o legado de Darcy Ribeiro para a compreensão da gênese do povo brasileiro.

Profético, utópico ou simplesmente um cidadão brasileiro incansável na busca das respostas ocultas em meio ao véu que encobre a nossa história, a história do povo brasileiro, tecida, conforme afirma Darcy, “[...] pelo esforço dos nossos antepassados, detentor de um espaço prodigiosamente rico e de uma massa humana metida no atraso [...]” (RIBEIRO, 1995, p. 204).

É sobre esse atraso que a obra de Ribeiro (1995) lança luzes, a fim de que possamos desvendar o que há por trás desse véu, que ainda hoje, impede a nação brasileira de prover o direito à justiça e à cidadania a todos os cidadãos e cidadãs. Afinal, quais as implicações desse atraso na vida do povo brasileiro na atualidade? Quais as dores causadas pela ferida aberta pelo sistema escravagista, mantenedor de um apartheid pautado no preconceito quanto à raça e cor da pele?

Darcy Ribeiro (1995) desvenda o que há por trás do véu que invisibiliza as matrizes que originaram o povo brasileiro. A escravização dos corpos negros e indígenas sob o domínio lusitano calaram culturas, abriram as fronteiras das violências, negando assim o direito à justiça e à cidadania.

O processo de colonização escravista deitou seu véu e institucionalizou a violência sobre uma população que se formava, a qual, segundo Ribeiro (1995, p. 76), se assemelhava a “[...] um conglomerado díspar, composto por índios trazidos de longe, que apenas podiam entender-se entre si, somados à gente desgarrada de suas matrizes originais africanas”. A mutilação dos laços identitários e culturais desses povos implicou no esfacelamento da memória, na negação dos elementos historicamente constituintes desses povos. Ainda na atualidade recai sobre essas populações o peso de um determinismo calcado na perpetuação da hegemonia das classes dominantes.

É essa a realidade que hoje se desenrola à nossa frente, uma população marcada por altos índices de analfabetismo, sem acesso à moradia digna, à alimentação, à educação de qualidade, à saúde.

É nessa população que também se concentram os altos índices de violência em todas as formas de manifestação. Conforme o Atlas da Violência (CERQUEIRA et al., 2021, p. 52), “em quase todos os estados brasileiros, um negro tem mais chances de ser morto do que um não negro”. O documento nos diz ainda que “[...] a violência é uma herança histórica na interação entre o Estado – e sua sociedade – e os povos indígenas” (CERQUEIRA et al., 2021, p. 82).

Esse cenário reflete na fala de Ribeiro (1995, p. 235) que retrata o “[...] fracasso da sociedade brasileira em cumprir na prática seu ideal professado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais”.

Uma democracia racial compreende o não apartheid e o reconhecimento dessas matrizes das quais se formou o povo brasileiro. O debate sobre a democracia precisa permear as discussões sobre as políticas sociais, tendo no direito à justiça o baluarte no qual se ancora a necessidade não apenas da implementação dessas políticas, como também da implementação de ações afirmativas de reparação que, em longo prazo, possam minimizar os efeitos desse apartheid sobre a população negra e indígena do Brasil.

Bauman e Mauro (2016, p. 47) apontam “a exclusão como a nova forma de desigualdade e não apenas uma das suas consequências”. Na visão desses autores, o mundo dos excluídos cresce a cada dia e tem fechadas as portas da democracia fundada em trabalho e direitos. As ideias desses autores associadas a esta realidade descortinada por Ribeiro (1995) nos conduzem à certeza de que um dos caminhos para a minimização dos efeitos desses processos excludentes requer o fortalecimento da democracia e a garantia do acesso ao direito à educação.

Saviani (2000, p. 63) contribui para essa discussão ao afirmar:

Entendo, pois, que o processo educativo é passagem da desigualdade à igualdade. Portanto, só é possível considerar o processo educativo em seu conjunto como democrático sob a condição de se distinguir a democracia como possibilidade no ponto de partida e a democracia como realidade no ponto de chegada.

Com base no que afirma o autor, a superação da desigualdade perpassa pelo processo educativo, e para tanto, esse processo precisa estar ancorado na democracia e esta apresentar-se como constituinte de todas as ações que permeiam esse processo.

O debate na perspectiva da educação nos remete à reflexão sobre os avanços ocorridos após o período de redemocratização do Brasil, a partir da década de 1980. Ressalta-se, no entanto, que mesmo diante desses avanços, ainda nos deparamos com as altas taxas de analfabetismo, principalmente entre as populações expostas às maiores vulnerabilidades, como a população negra e empobrecida.

Os dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (BRASIL, 2019) indicam que a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais é de 6,6%, o que corresponde a 11 milhões de pessoas. Os dados apontam ainda que, no recorte por cor ou raça, a taxa de pessoas analfabetas entre pardos e pretos é de 5,3 pontos percentuais a mais se comparada à taxa de analfabetismo dos brancos.

Entre a população de pretos e pardos de 60 anos ou mais, os dados indicam uma situação ainda mais excludente. A taxa de analfabetismo da população preta e parda chega a 17,6 pontos percentuais a mais que a taxa relacionada à população branca.

Compreendendo-nos como uma sociedade democrática, há que se indagar o porquê desses números percentuais. Se os princípios democráticos compreendem, sobretudo, o reconhecimento dos indivíduos como sujeitos de direito, qual o alcance da democracia como um princípio e um fim nos processos que precisam permear a superação da desigualdade?

Ribeiro (1995) traz elementos históricos essenciais que nos permitem buscar ampliar o olhar a partir dessa indagação acerca das mazelas herdadas de sistemas de ordem econômica centrada no escravagismo. Segundo o autor, em quase toda a América, a partir da Independência e da República, houve um profundo esforço para elevar o nível cultural da população, capacitando-a para o exercício da cidadania, mas no Brasil esse esforço não foi empreendido.

Os dados acima apontados ilustram e materializam as consequências desse descaso, que imprime na nossa história a vergonhosa negligência em relação aos direitos sociais das populações originárias e do povo negro, população sequestrada das suas terras, das suas origens, escravizada, invisibilizada do ponto de vista da cidadania.

Com base nessas reflexões, expomos aqui as nossas inquietações, e voltamos à metáfora sobre a qual dialogamos no início deste texto: o véu de Ísis. Poderíamos refletir a partir desse ponto, sobre o que mais precisamos desvelar para que, do ponto de vista da cidadania, possamos ser um povo reconhecido pela sua diversidade, pela sua pluralidade de culturas, de modos de vida e de crenças. Que outros véus temos a desvelar para prosseguirmos no fortalecimento da democracia e na elevação da participação cidadã?

É nesse cenário que o ato educativo revela o seu potencial e, assim, desvela o véu desse apartheid social. Para tanto, são necessárias políticas que garantam o direito à educação, como forma de acesso aos conhecimentos históricos coletivamente construídos. Por meio de um processo dialógico, a educação potencializa a reflexão crítica acerca dos aspectos sócio-históricos que fundamentam a formação do povo brasileiro.

Essa força potencializadora está presente na política implementada por meio da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), que estabelece a obrigatoriedade da temática da “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial das redes de ensino, constituindo um grande passo nesse sentido. Ao tornar obrigatoria a inclusão dessa temática, essa lei não apenas desvela o véu que invisibiliza a história, como também favorece o debate sobre raça e classe, questões fundamentais para o conhecimento sobre o longo processo de exclusão e sobre as raízes da desigualdade social no Brasil.

Outro avanço importante nesse contexto diz respeito às leis nº 12.990, de 9 de junho de 2014 (BRASIL, 2014) e nº 12.711, de 12 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012), que regulamentam o sistema de cotas para negros ao acesso às carreiras públicas e cotas para o acesso ao Ensino Superior, respectivamente.

Compreendendo a garantia ao trabalho e ao acesso à educação como um direito de todos os sujeitos, a implementação dessas leis são o resultado de lutas seculares quanto ao enfrentamento dos privilégios da classe dominante que se perpetua e se sustenta com a exclusão social de boa parte da população brasileira.

Outro avanço importante diz respeito ao debate sobre igualdade, diversidade e equidade no

âmbito da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2022), que assevera o compromisso quanto à necessidade da reversão do quadro de exclusão histórica que marginaliza também os povos indígenas. Para tanto, evidencia a matriz indígena em todo o processo que norteia os aspectos teóricos com vistas a uma prática pedagógica que garanta a reflexão e o debate permanente ao longo do processo formativo no contexto da Educação Básica.

Essas são, dentre outras, ações viabilizadas pelas políticas que têm contribuído para o desvelamento do véu da exclusão e para a visibilização desses sujeitos sob a ótica da inclusão. Essas ações são o resultado da mobilização social pela democracia que culmina em lutas e, nas arenas das ideias, ousam desafiar as elites e imprimem um caráter de emancipação social a todos os cidadãos e cidadãs do país.

No capítulo final, Ribeiro (1995) nos põe em confronto em relação a outras nações e conclui que somos “um gênero humano novo, que nunca existiu antes” (p. 448). Na visão do autor, somos um povo cujas características encontram formas na alegria, no sofrimento, na diversidade cultural e na generosidade.

Talvez toda essa trajetória percorrida por Ribeiro (1995) materializada neste livro tenha sido uma das formas geniais desse autor para expressar a sua habilidade intelectual de ver o Brasil sob a ótica daqueles(as) que, mesmo invisibilizados, sustentam e nutrem as raízes das quais se origina o povo brasileiro.

Esta obra é mais que um legado do ponto de vista teórico, é uma obra resultante da arte da escuta. Uma escuta das vozes que foram e que ainda têm sido silenciadas na atual sociedade brasileira, pelas classes dominantes que há séculos fazem predominar a concentração da renda nas mãos de poucos à custa do trabalho de muitos, os quais, historicamente, vivem à margem dessa sociedade.

Porém, é preciso continuar reinventando todos os dias esses percursos, transformando luto em luta, opressão em resistência, desvalorização em potência que recria a vida. Cantando, dançando e sambando a esperança, conforme entoou o enredo da Escola de Samba da Mangueira, no Carnaval do Rio de Janeiro, em 2019, com o qual concluímos este diálogo com Darcy Ribeiro:

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou

Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.

(Trecho do Samba de enredo da Mangueira: Para ninar gente grande, 2019).

Referências

BAUMAN, Z; MAURO, E. **Babel:** entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União** de 10/01/2003] (p. 1, col. 1). Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/552515>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 30/8/2012, Página 1 (Publicação Original) Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-norma-pl.html>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRASIL. Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. **DOU** de 10.6.2014, p. 3. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12990&ano=2014&ato=871ATUE9ENVpWT0e2>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD** *Contínua 2019*. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf Acesso em: 5 set. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. 2022. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 5 set. 2022.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CERQUEIRA, D. **et al. Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

PONTE SOCIAL. **Como superar a extrema pobreza no Brasil**. Disponível em: <https://pontesocial.org.br/post-como-superar-a-extrema-pobreza>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

Desvelando a Estrutura Racista no Brasil

Maria de Lourdes de Almeida Silva

José Ivaldo Araújo de Lucena

Vanildes Gonçalves dos Santos

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



A EDUCAÇÃO COMO PRIORIDADE: UM DIÁLOGO DE INQUIETAÇÕES

Maria do Socorro da Silva de Jesus¹²

Marli Dias Ribeiro¹³

Edney Gomes Raminho¹⁴

*O bom do caminho é haver volta.
Para a ida sem vinda basta o tempo.*

Mia Couto

1. Uma prioridade e uma verdadeira educação de qualidade

Vamos à frase: Educação como prioridade! Que prioridade? Se a crise na educação é um projeto pelo fato de aceitarmos, enquanto pesquisadores, oferecer ao povo uma escola de mentira. Que prioridade? Esta frase pode soar como um discurso ultrapassado, batido, repetido e calejado, permeado de falsas promessas que se repetem a cada ciclo eleitoral. Sua atualidade nos causa angústia, inquietação. Duas décadas já se passaram da partida de Darcy Ribeiro (educador, antropólogo, sociólogo, gestor universitário, político) e ainda subsiste o anseio da prioridade educacional e o chamado à ação.

Neste Brasil de largas e desafiadoras diferenças, este grande educador, que se dedicou à causa da educação, fazendo dela uma luta política em defesa dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), do projeto de LDB, da UnB desmontada pela ditadura militar, tem autoridade, experiência e propostas substanciais e reflexivas para compor a história da educação brasileira com inspirações a seguirmos acreditando que educação é prioridade!

Ademais, aqueles que forjam suas batalhas na educação e pela educação, como Darcy, pregando e lutando, podem fracassar. Mas, não parar. Aprendem a dignidade na militância e na missão política de serem cidadãos responsáveis pelo destino do Brasil. Ecos da lucidez e coragem de Darcy Ribeiro ante a desafiante tarefa de acreditar e fazer a educação com vistas ao respeito à historicidade constitutiva do povo brasileiro. O autor afirma com veemência:

¹² Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: socorrovalparaiso@gmail.com.

¹³ Doutoranda e mestra em Educação. E-mail: marli.com@gmail.com.

¹⁴ Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: edygomesraminho@gmail.com.

Na verdade, somei mais fracassos que vitórias, mas isto não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas. Tudo que diz respeito ao humano, suas vidas, suas criações, me importam supremamente. Dentro do humano, o povo brasileiro, seu destino é o que mais me mobiliza. Nele, a íntia indianidade brasileira, que consegue milagrosamente sobreviver. Mas, sobretudo, a massa de gente nossa, ainda em fusão, esforçando-se para florescer numa nova civilização tropical, mestiça e alegre. (RIBEIRO, 2018, p. 11).

Com esta consciência de um país aberto para a mestiçagem, para fusões de povos, etnias e culturas, esta fala de Darcy Ribeiro nos convoca à educação no Brasil não como uma certeza, mas como um espaço para contínuos debates, abertura para reflexões e diálogos de valorização da tipicidade brasileira. É o que, então, acaba nos guiando a envidarmos esforços também à lucidez de nossos fracassos que, seguramente, poderão existir. E que, ainda assim, sejam marcados pela coragem de não desistirmos das prioridades da educação e de sua prioridade.

Imbuídos desse espírito de reconhecimento do Brasil como espaço de ressignificação constante do formar-se para a educação no país e do fazer educativo, dado o centenário de nascimento de Darcy de Ribeiro, neste ano de 2022, torna-se mais que oportuna uma conversa sobre o livro “Educação como prioridade” no Brasil em tempos de cultura global. Qual a prioridade e para quê? Como (des)fazê-la em diálogo com o perfil sociocultural e político brasileiro? Haveria, porventura, caminhos e propostas possíveis?

Nossa conversa está organizada pela contextualização da obra em debate e, em seguida, um diálogo com o autor a partir de questões que nós, enquanto educadoras brasileiras, com anseios, angústias, expectativas e utopias, notamos ecoar de pontos da própria obra. Não pretendemos, portanto, abranger a obra como um todo e esgotar a discussão que a constitui, o que seria impossível. Criamos este espaço para nos encontrarmos com Ribeiro, sentarmos e tecermos com ele espectros de pontos do livro em tempos de cultura global já que sua presença é tão viva e marcante no fazer educação do nosso país e tem sentido atemporal.

Temos a clareza, à luz do autor, de que não se trata aqui de trazermos respostas exatas para as questões emergentes. O que propomos é perseverarmos em possibilidades de repensar papéis e ações educativas em diálogo com o fluxo histórico, político e sociocultural brasileiro. O que, por si só, já é um grande desafio. E que este se intensifica ainda mais quando somado à tensa e desafiante missão da educação em tempos de globalização, guerra, fome e pandemia.

Dado este cenário, consideramos, no desfecho de nossa conversa, o oportuno desdobramento que vislumbramos do livro “Educação como prioridade” com a “Pedagogia Alpha” (SÍVERES, 2019), e a necessária missão de dialogar com os ensinamentos siverianos¹⁵, para que reverberem com vistas ao respeito plural e ao princípio educativo em tempos de tantas incertezas e de cultura contemporânea globalizada. Das luzes que daqui se abrem, você é nosso(a) convidado(a) a refletir e a buscar conosco perspectivas e prospectos que nos fortaleçam e nos encorajem a acreditar, a trabalhar e a resistir por uma educação que priorize a altivez do povo brasileiro, apesar de sabemos do tanto que ainda obsta neste sentido.

2. A obra e suas marcas

A minha pátria é outra e ela está ainda por nascer.

Mia Couto

O sentido político tecido ao longo do livro “A educação como prioridade” foi estruturado por Lúcia Velloso em seis seções, de 27 capítulos e mais de 300 páginas, com base nos escritos originais de Darcy Ribeiro sobre educação em diferentes tempos, temas e contextos, e continua mais que atual, primordial.

A primeira seção realiza reflexões sobre os contextos e as precariedades do ensino no país. A segunda refere-se a uma coletânea de textos de Darcy e de sua equipe de trabalho, escritos no período em que ele foi Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Na terceira, o autor argumenta sobre a formação do professor no Brasil. A quarta seção, por sua vez, expõe os textos sobre a universidade brasileira, seus dilemas e projetos. A quinta traz os textos de Darcy sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). E, como culminância, na sexta e última seção, versa sobre os autores, os escritores e mestres que lhe foram base para seus pensamentos e criações.

Textos como o chamado aos jovens sobre o quadro político brasileiro, a magnitude da rede escolar pública e sua precariedade, a formação de professores, a escola integral, a universidade, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e demais debates constitutivos da obra, não se pretendem neutros. O próprio Darcy reforça: “Não se equivoque comigo. Nenhum escritor é inocente, eu também não [...] Confesso que quero mesmo é fazer

¹⁵ Menção das autoras em referência aos ensinamentos gestados pela proposta teorizada por Luiz Síveres a partir do princípio do diálogo.

sua cabeça” (RIBEIRO, 2018, p. 13). Característica marcante do autor e que remonta ao seu ímpeto por sensibilizar e recrutar a sociedade por uma educação de convencimento e de engajamento na luta de todos e para todos frente à incapacidade de gestão da escola pública brasileira.

A considerar que tal característica do autor é um convite à ação, configura-se como um princípio e um fim para o fortalecimento das capacidades críticas do repensar e do resistir pelo legado e pela ação do povo. Isso porque, para este grande pensador e motivador da educação, esta causa é de direito coletivo, construída por meio da educação. Assim sendo, esta mesma educação se assume como uma angariadora de pessoas, de ideias, de movimentos para a transformação da sociedade. E, nesse sentido, os problemas sociais concernentes à educação são problemas de todos nós.

Nesta lógica, os assuntos apresentados ao longo da obra convocam o leitor a enxergar além do óbvio, a infiltrar-se na organização do Estado, a mergulhar em seus bastidores e nuances, nas suas entrelinhas, na perpetuação de um processo histórico que não prioriza a educação. Mas que a sucumbe à escravidão. Por isso, “tardamos em romper nossa condenação ao atraso e à pobreza, decorrentes de um subdesenvolvimento de caráter autoperpetuante” (RIBEIRO, 2018, p. 25).

À esteira deste processo histórico, tal convocação visa denunciar realidades e defender que “O grande equívoco da educação está nisso: uma escola desonesta, que acusa a criança pobre de fracasso por não conseguir ser promovida de ano; quando, na verdade, a culpa é da própria escola que não está adaptada ao seu alunado [...]” (RIBEIRO, 2018, p. 292).

Por estas questões, a educação brasileira apresenta-se como um nó górdio. À vista disso, o livro “A Educação como prioridade” segue por denunciar que fomos e ainda somos capazes de construir uma escola pública, uma universidade pública, ideológica e um povo que é domesticado e doutrinado para mão de obra a serviço dos ricos. Prosseguimos na incapacidade de organizar a economia para que todos trabalhem e comam, estudem e sejam cidadãos conscientes e humanizados.

Com o esforço de desvencilhar o nó sob o qual a educação está condicionada, retomamos o sentido de denúncia para o fortalecimento de diálogos. Dada a necessidade de aprendermos com o autor e por acreditarmos na sobriedade e no potencial dos projetos de Darcy Ribeiro, sentamo-nos com ele para tecermos sobre e bebermos de suas experiências.

Esta proximidade nos hidrata para a sedenta educação atual, carente que é de mobilização e de consciência nacional, à espera, portanto, da partida necessária para a educação transformadora (SÍVERES, 2018).

3. Darcy Ribeiro e o diálogo com as educadoras - Contextos e precariedades do ensino no país

Marli: Ainda sofremos muito, meu caro Darcy Ribeiro. Aquela escola que você tanto descreveu, ideológica, integral, crítica e humanista, continua como semente que sofre em terra seca e quer nascer. A educação brasileira que lhe traz surpresa pela magnitude da rede escolar pública, preserva uma precariedade persistente e a sua adjetivada “escola de mentira”, continua incapaz de cumprir a tarefa elementar de alfabetizar a população. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostra que 41% das crianças de 6 e 7 anos não sabem ler e escrever. Esse é o maior índice de analfabetismo registrado no país desde 2012. Que percursos deveríamos seguir para ultrapassar as precariedades existentes e criar uma “escola de verdade”?

Darcy: Cara educadora, podemos começar realizando uma leitura atenta e buscando desvendar o engodo que se esconde por detrás dos números e estatísticas. Algumas comparações de dados referentes ao fluxo da escolaridade em países latino-americanos deixam claro o baixo interesse pela educação nacional. O Paraguai e a Bolívia, nações irmãs tanto ou mais pobres do que nós, vivem uma situação difícil no que concerne à educação, porque lá a população não fala a língua da escola. No Paraguai se fala guarani; na Bolívia, o quíchua e o aimará; nos dois países, a escola ensina em espanhol. Apesar disso, a porcentagem de crianças que lá concluem as seis séries primárias é maior do que a nossa.

Ainda, o fracasso educacional não se explica, obviamente, por falta de escolas. Muitos fatores contribuem como vou demonstrar a seguir. Vou adiantar que a razão causal verdadeira não reside apenas na prática pedagógica. Nossa escola fracassa por seu caráter elitista, temos uma escola primária não só seletiva, mas elitista. Uma instituição que educa a mão de obra moderna para a disciplina, por meio de uma indoutrinação que os convença de que são pobres porque são burros. Temos a incapacidade de educar a população, e hoje de alimentá-la, fome de comida e de leitura. Somos uma sociedade enferma de desigualdade, de descaso.

Assim, aos olhos das nossas classes dominantes, antigas e modernas, o povo é o que há de

mais reles. Seu destino e suas aspirações não lhes interessam, porque o povo, a gente comum, os trabalhadores, são tidos como uma mera força de trabalho, destinada a ser desgastada na produção. É preciso coragem de ver este fato porque, só a partir dele, podemos romper nossa condenação ao atraso e à pobreza, decorrentes de um subdesenvolvimento de caráter autoperpetuante.

O fracasso brasileiro na educação – nossa incapacidade de criar uma boa escola pública, uma escola de verdade para todos, funcionando com um mínimo de eficácia – é paralelo à nossa incapacidade de organizar a economia para que todos trabalhem e comam.

Maria do Socorro: Meu caro Darcy, como queria verdadeiramente estar contigo a olhar-te enquanto na tessitura desse diálogo, mas, de alguma forma interagimos, não é mesmo? Compreendendo a identidade docente muito diretamente ligada à interpretação que a sociedade faz da sua profissão, a formação do professor no Brasil vem caminhando desde sempre alicerçada em práticas arcaicas e desmotivadoras para o exercício docente. No entanto, você, Darcy, nos lembra de que esforços serão em vão ao fazermos novas escolas com velhas práticas, em que, até pouco tempo, a formação de professores se resumia a cursos técnicos na área de magistério, e toda a preparação para se ministrar uma boa aula era repassada por velhos mestres a seus novos alunos. O que esperar de uma escola despreparada para formar, principalmente, os professores?

Darcy: O desenvolvimento pessoal e profissional, por assim dizer, do indivíduo, principalmente o que está em lugar de marginalização, tem na escola o único espaço possível para essa construção e sua inserção na sociedade excludente na qual está margeando. A essa escola cabe ser universo receptivo, alegre, não só para o alunado, mas também para os professores que, por vezes, são conduzidos à profissão sem conhecimentos básicos e tão necessários à prática educacional. Voltando à escola, esta deve ser também um lugar de diálogo, de compartilhamento e troca de saberes, uma vez que a unidade discente é extremamente rica, e aqui me refiro à riqueza da língua que deve ser explorada ao máximo, e o professor que nela atua deve estar sensibilizado para esta ação. Ela, a escola, deve ter espaço físico e de boa qualidade para atividades diversas (artes, música, esportes), para a saúde (nos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs; em seu planejamento e construção há espaço para um centro de assistência médica e dentária), descanso, lazer, alimentação, bons equipamentos e, principalmente, bons professores.

Estes, em constante estado de aprendência e formação, precisam ser requisitados a trabalhar em áreas com que simpatizam, nas quais tenham afinidades, trabalhar com

conteúdos dos quais tenham domínio. Não podemos pensar em educação de qualidade, educação prioritária, sem estar seu profissional docente preparado, sensibilizado para os desafios deste fazer educacional.

Maria do Socorro: Darcy, a escola, com seu papel formativo e de relevância social, tem a função preparatória das novas gerações e a sua consequente inserção não apenas no mercado de trabalho, mas na sociedade de forma efetivamente participativa. Qual o papel do professor neste processo de inclusão sociocultural e política do povo brasileiro?

Darcy: A escola, enquanto responsável pela formação de um povo, de um país, deve assumir, sim, seu papel construtivo e transformador no contexto social no qual se insere. Isto quando possibilita o acesso ao conhecimento e à cultura, seja pela língua ou pela pesquisa, de maneira efetivamente inclusiva. Ao consolidar a profissão docente à construção da identidade do educador, a formação do professor, por sua vez, vem formalizar a dinâmica social do trabalho educativo, com vistas à melhoria da qualidade do ensino, rumo ao alcance dos seus reais objetivos. A formação docente carece sair das práticas técnicas do cuspe e giz e alcançar os níveis da leitura, da discussão, do diálogo, da pesquisa, da sensibilização de toda uma categoria sobre sua importância para a transformação tão necessária a esse povo e a esse país. O papel do professor é, principalmente, não se isentar, não se calar, não permitir que a escola pública continue a ser vista com impopularidade, justamente por semear fracassos e desigualdades.

Maria Socorro: Refletindo sobre esta sua fala, Darcy, o professor não é um ser invulnerável, ele é tão gente, tão sentimento, é tão emoção quanto o seu aluno. Ao professor compete ser e estar preparado para os novos e crescentes desafios de uma geração que está diuturnamente em contato com novas e diversas tecnologias de acesso ao conhecimento. Estamos intrinsecamente ligados aos saberes educacionais em que, segundo Freire (1997), concorremos com nossa própria incompetência, má preparação e irresponsabilidade para o fracasso.

A percepção da necessidade urgente em se promover a formação docente continuada deixa-o, Darcy, anos luz à frente desta urgente necessidade de se preencher esta lacuna formativa. É interessante salientar que tal visão darcyniana faz-se ainda urgente em sua discussão e prática, pois, dentro do contexto funcional da escola, é responsabilidade do professor mediar o processo institucionalizado de educação, uma vez que a mudança educativa se dará mais pelo aspecto antropológico e cultural do que pelo aspecto tecnológico.

. Neste cenário, Darcy, ecoa sua fala, quando você diz que na universidade

[...] gostava era de fazer cerimônias solenes, [...] dizia aplaudidíssimos discursos de contentamento pleno com a bobaginha que tinha e que chamavam “universidade brasileira”. [...] de que o desafio maior que se impõe à inteligência brasileira é o de capacitar-se de que esse país não pode passar sem uma universidade séria. (RIBEIRO, 2018, p. 107).

Por isso, faz-se salutar a criticidade ao expor a necessidade de se repensar a função autônoma e libertadora da universidade brasileira. Uma herança que você nos deixa, Darcy. E que o liberta de carregar a culpa pelo desmantelo do sistema universitário preocupado em fabricar diplomas. Universidade para quem e para quê? Indagações suas que hoje também são nossas.

Darcy: Pois bem, Socorro, digo-lhe que uma universidade que não tem um plano de si mesma, carente de sua própria ideia utópica de como quer crescer, sem a liberdade e a coragem de se discutir amplamente, sem ideal mais alto, uma destinação que busque com clareza, e só por isto está debilitada e se torna incapaz de viver o seu destino (RIBEIRO, 2018, p. 111).

Fadada a isso, esta mesma universidade, que serve aos dominantes, constitui um espaço para opressão e exclusão, legitimando o poder e consagrando a riqueza dos ricos. Atuando dessa forma, mesmo a cumprir seu papel, a universidade esteve sempre como conivente com a desigualdade estabelecida na sociedade brasileira. A responsabilidade ou por que não dizer a convivência dos acadêmicos, ao aceitar um projeto inferior, menos abrangente, um projeto que não permita o progresso generalizado, um desempenho medíocre se mostra ineficiente. Há quem culpe a colonização católica, lusitana. Há quem culpe o país por ser extremamente jovem. Mas, se comparado a outros países em igualdade de colonização, somos maduros.

É lamentável que exatamente por isso o Brasil esteja “ameaçado até de apodrecer de tão maduro pelas condições de existência que impõe a seu povo” (RIBEIRO, 2018, p. 112). Nossa país continua pecando na fabricação de faculdades para suprir o mercado, e marcar o chão de fábrica no convencimento da escravização institucionalizada. Dessas mesmas instituições estão saindo diplomas inábeis para as causas nacionais, causas estas que requerem a sensibilização para a transformação do caos social, político e educacional que vigora na realidade brasileira.

Maria do Socorro: Por estas questões, Darcy, a verdade no discurso dominante do qual aprendemos e vivemos para produzir, deixa a educação e o papel da universidade relegados a eles próprios. O povo está imbuído em trabalhar, sobreviver, enriquecer o sistema e permanecer no atraso e na pobreza. Invocando a necessidade de o pesquisador trabalhar em prol do povo, sua experiência, Darcy, nos propõe que se evite o cultivo do saber inútil, fútil. “Por que nós, que fomos capazes de fazer indústrias e cidades e algumas façanhas mais como essa Brasília, não fomos e nem somos capazes de fazer essa coisa elementar: ensinar todos a ler, escrever e contar?” (RIBEIRO, 2018, p. 113).

Edy: Professor Darcy, na sequência da fala da professora Socorro, como se poderia pensar a formação do professor para uma realidade tão diversa como a brasileira?

Darcy: Primeiro, é preciso ter clareza de que o aprendizado construído fora da escola é parte da pessoa e que ele deve ser levado em conta para que ela aprenda o que a escola tem a ensinar. “Toda criança tem condições de aprender. Cabe à escola assegurar-lhe as condições de ter sucesso e não a punir por ainda não saber o que ninguém lhe ensinou” (RIBEIRO, 2018, p. 122). O professor precisa ser formado para saber lidar com esta realidade. No processo formativo, o professor precisa vivenciar práticas, associando conhecimentos sobre como ser sensível às condições do aprendiz, de modo que este sinta que a escola é de fato um espaço para aprender, não simplesmente para corrigi-lo; do contrário, ele vai desistir da escola. O trabalho do professor perderá o sentido. Para uma boa formação, o Estado precisa garantir condições também aos formadores nas universidades. Educação é coisa séria. Foi neste sentido que elaboramos o Programa de Capacitação de Professores com quatro atividades prioritárias: O planejamento e a implantação de Cursos de Treinamento em Serviço que habilitem os professores recém-ingressados na carreira; estruturação do Programa de Aperfeiçoamento do Magistério em Exercício, não reduzindo-se a palestras ou práticas, mas em Escolas de Demonstração, para integrar a prática da arte de ensinar ao conteúdo necessário de ser aprendido pelo professor que poderá desenvolver diferentes formas de avaliação, comparação e de treinamento.

Como não existiam, tivemos que planejá-las tanto para a formação quanto para a reciclagem de professores. A terceira atividade seria a prática do professor em formação em escolas públicas para reconhecerem os desafios desta realidade e então levá-los para ser estudados nas suas universidades sob orientação de seus professores pesquisadores, o que é muito importante especialmente para os professores alfabetizadores e regentes de Língua Portuguesa de 5^a série. A quarta atividade é a elaboração e produção de materiais de apoio para professores e alunos vencerem as dificuldades que aparecem naturalmente.

Este é um compromisso para com os alunos mais pobres que não podem contar com outro apoio educativo que não seja o da escola.

Edy: E, como então, a escola conduzida por este professor, pode contribuir para a redução das diferenças em suas mais variadas dimensões?

Darcy: “A escola que todo o mundo desenvolvido oferece às suas crianças deixou de ser um sonho para se tornar esperança e expectativa de todo o povo brasileiro” (RIBEIRO, 2018, p. 9). A escola de período integral, assim como pensado por Anísio Teixeira e implantado pelo governador Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro, é a escola para as crianças e os adolescentes brasileiros. Eles aprendem o que a escola precisa ensinar na escola. Principalmente os mais pobres que não podem contar com o apoio dos pais analfabetos ou semianalfabetos. A escola na qual o professor possa efetivamente ver o bom desempenho do seu aluno e o bom desenvolvimento de seu trabalho deve garantir plena assistência em períodos de oito horas diárias. O ensino da leitura e da escrita, base para a formação cidadã, dependem de um acompanhamento e orientação mais próximos do professor, que seria possível na escola em tempo integral. Tudo isso é fundamental para que a educação seja assumida como prioridade, para a ação social transformadora no aspecto histórico, político, econômico, social e cultural.

Edy: Então, professor, a voz de Anísio Teixeira está muito presente em suas menções sobre os projetos e até mesmo nas suas experiências como reitor e professor universitário. O senhor poderia nos falar mais sobre os intelectuais que influenciaram sua trajetória?

Darcy: Anísio Teixeira foi um grande intelectual na luta para uma educação que atendesse à realidade cultural do nosso povo. Seu trabalho para uma educação básica de tempo integral e universitária foi um dos grandes projetos que acredito ser a chave para a nossa educação. Não por acaso foi um dos motivadores do meu sonho de uma universidade para atender aos desafios que nosso país oferece. Graças a Anísio, vimos nascer a Universidade do Distrito Federal que, por força das intervenções fascistas, não perdurou.

Ao recorrermos à Pedagogia Alpha vinculamos sua rica contribuição no diálogo promovido a partir do ser (antropológico), do agir (pedagógico) e do saber (epistemológico). Uma tríade necessária e promissora para uma educação que rompe uma produção sem sentido e a desnaturalização da precarização infiltradas nas relações e nas instituições (SÍVERES, 2019). Outro grande intelectual que também se preocupou em representar e tratar com cuidado nossa diversidade foi Gilberto Freire. De modo especial, em sua obra “Casa-Grande e Senzala”,

uma representação que convoca a repensar o Brasil a partir do reconhecimento das origens e das mazelas que impactam nosso país. Contei também com muitos outros amigos no modo de pensar as mudanças que acredito necessárias para a educação, como Heron de Alencar com quem desenvolvi meu trabalho como reitor da Universidade de Brasília, enquanto ele foi vice-reitor.

4. Perspectivas pedagógicas

*Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.*
Darcy Ribeiro

A conversa com Darcy Ribeiro nos inquieta à urgência de um diálogo com as narrativas da história da educação do nosso país e suas implicações com a história mundial. Graças a tantas lutas importantes de Darcy Ribeiro e de outros tantos ilustres militantes da educação como Paulo Freire, Anísio Teixeira, contamos hoje com estudos que nos mostram caminhos para avançar na educação. Entendendo dessa forma, a educação é uma causa, uma política de Estado, uma missão para tratar as questões da vida como ponto de partida para o desenvolvimento em perspectiva global. Não é, portanto, uma escolha, um privilégio, tampouco uma possibilidade.

E, por isso, precisa ser considerada nas dimensões antropológica, epistemológica e pedagógica para o alcance da sua missão integradora, propulsora de avanços, iluminadora dos caminhos a seguir frente a novos desafios naturais da vida. O encontro com Darcy configura-se um agir consciente, preocupado e crítico. Um movimento circular pensado na subjetividade, na intersubjetividade e na alteridade, a fim de passar da discussão para o diálogo, um encontro de presença, proximidade e partida (SÍVERES, 2019).

A conversa com Darcy sobre “A educação como prioridade” para o povo brasileiro aponta caminhos que precisam ser trilhados e que não podem ser recuados se a prioridade é de fato a educação para o nosso povo. Conduzidas pelo grande exemplo de luta do autor,

a educação brasileira deve, irrefutavelmente, concretizar propostas com amplitude de dimensões políticas, econômicas, socioculturais que transformem a realidade brasileira pensada a partir da educação como prioridade.

Acreditamos, como Darcy, que este processo de construção, trabalho e reflexão segue urgente e necessário na atual situação de crise em que se encontra o Brasil. Aspectos como a precarização do ensino e da formação do professor, da qualidade da escola pública, a universidade ainda para poucos, carecem de desconstrução. Realmente isso poderá ser rompido quando a educação como prioridade for sentida, vivenciada, assumida e consolidada no sentido histórico, social, político, econômico e cultural.

Referências

- COUTO, M. **Mulheres de Cinza:** as areias do imperador. Uma trilogia moçambicana. 1 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.
- COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FREIRE, P. **Professor Sim, Tia não** – Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- RIBEIRO, D. **Educação como prioridade.** Lúcia Velloso Maurício (org.). São Paulo: Global, 2018.
- SÍVERES, L. **Pedagogia Alpha, presença, proximidade e partida.** Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

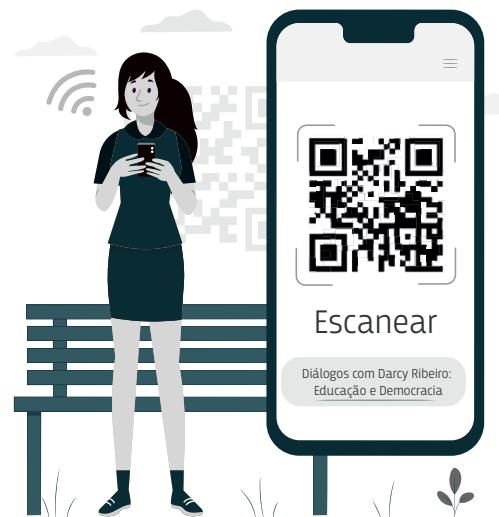
A Educação como Prioridade: Um Diálogo de Inquietações

Maria do Socorro da Silva de Jesus

Marli Dias Ribeiro

Edney Gomes Ramíño

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



A UNIVERSIDADE NECESSÁRIA: UM DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO

Lucicleide Araújo ¹⁶

Edney Gomes Raminho ¹⁷

Luiz Síveres ¹⁸

Desfazer o normal há de ser uma norma.

Manoel de Barros

Introdução

Aos 26 dias do mês de outubro de 1922 nasceu Darcy Ribeiro, na cidade mineira de Montes Claros. Um ilustre político e educador, etnólogo, antropólogo e escritor brasileiro, com uma vasta produção literária que contempla a área da cultura, da política e da educação. Formado em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia Política de São Paulo, Darcy Ribeiro exerceu diversas funções. Foi o fundador do Museu do Índio no Rio de Janeiro, Assessor da Organização do Trabalho, Chefe da Casa Civil e Ministro da Educação e Cultura. Também exerceu a função de Reitor da Universidade de Brasília, foi Vice-Governador do Rio de Janeiro e Senador da República (SÍVERES, 2006).

A educação foi a via que possibilitou a entrada de Darcy Ribeiro na política e, por meio deste seu envolvimento, ele pôde realizar o seu grande projeto educacional e de vida, inspirado nas ideias do filósofo e por ele considerado o seu alter ego, Anísio Teixeira.

Darcy Ribeiro compreendia os problemas do Brasil como uma causa que era de todos os brasileiros e a sua postura pública caminhava junto com os projetos sociais. Por isso, ele convocava todos os segmentos da sociedade para contribuírem para o desenvolvimento da nação brasileira.

E, de modo especial, enquanto educador, Darcy dedicou-se à busca de soluções para os problemas educacionais. Foi um político educador consciente da importância de intervir no mundo para melhorá-lo, porém, sempre com uma postura ética e, por isso, indignava-se ante toda injustiça.

¹⁶ Pós-Doutora em Educação, doutora em Psicologia e mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: lucicleide.alves@pucbr.br.

¹⁷ Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: edygomesraminho@gmail.com.

¹⁸ Pós-doutorado em Educação e Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. luiz.siveres@gmail.com.

Em razão dessa percepção, a educação foi colocada por ele no patamar das grandes opções institucionais e na agenda dos diversos segmentos governamentais. E a sua vocação educativa e missão política foram essenciais para a compreensão do sistema universitário e a criação de uma cultura democrática (SÍVERES, 2006).

Diante da trajetória de vida e das várias inspirações, inúmeros projetos foram consolidados. E, em função desse arcabouço intelectual, Darcy Ribeiro foi essencial para alavancar uma nova reforma educacional no Brasil, deixando um legado para pensarmos a educação, a universidade e o papel do educador.

E após uma vida dedicada às inúmeras causas educacionais no país, faleceu em Brasília, no dia 17 de fevereiro de 1997. Porém, a semente da humanidade desse educador permanece viva e continua germinando nas novas gerações. É com este espírito de semeadura que escolhemos, entre as várias obras produzidas por Darcy Ribeiro, “A Universidade Necessária” para estabelecer um diálogo simulado com o autor, tendo em vista indicar caminhos para a Educação Universitária, principalmente pelo exercício da pesquisa, sob uma ótica complexa e transdisciplinar porque acreditamos na transformação humana por meio da educação, pois há duas opções nesta vida: “resignar-se ou se indignar” e, assim como Darcy Ribeiro, escolhemos não nos “resignar nunca”.

1. Contexto da obra: A Universidade Necessária

Quem vive num labirinto, tem fome de caminhos.

Mia Couto

O livro “A Universidade Necessária” é de autoria de Darcy Ribeiro e foi produzido tendo como referência as experiências que realizou nas universidades da Europa. E ao retornar à América Latina, Darcy analisa em profundidade a história de sua experiência para uma possível reforma universitária da América Latina, uma vez que, nas palavras de Anísio Teixeira, que assina a apresentação da obra, o continente latino-americano estava passando por momentos de autocrítica e reforma.

Com esta inspiração e centrado no contexto sociopolítico-cultural-brasileiro, Darcy Ribeiro também discute a necessidade de construção de uma nova universidade para atender ao interesse do povo brasileiro. Para tanto, ele apresenta os desafios cruciais do momento, propondo o sonho de um projeto de desenvolvimento da América Latina, alicerçado na

reforma da educação universitária, com vistas ao avanço social, político e econômico do nosso povo. Nesse sentido, ele traça as diretrizes da reforma, para “A Universidade Necessária”, apresentando um modelo estrutural de universidade. Pelas experiências vividas por este grande representante da educação pela América Latina, tal modelo visava à integração das multiculturas e interculturas latino-americanas, dimensões fundamentais a serem consideradas para a universidade moderna, contextualizada no terceiro milênio, mas que ecoasse, o mais efetivamente possível, as necessidades do povo da América Latina.

Todo o esforço científico foi empenhado, portanto, para erguer esse projeto de universidade como espaço de reconhecimento do povo, em relação à própria história, pois ali seria o marco inicial de sua contribuição à civilização humana.

Já no prólogo podemos nos aproximar do contexto do seu exílio político, no qual experimentou um ambiente de liberdade, aspecto fundamental para pensar um projeto de universidade, seja pela atuação profissional docente ou pela gestão como reitor universitário. Assim, a obra de Darcy é um dos tantos marcos da resistência, como caminho para se perseverar na luta e na propagação das experiências de rupturas, principalmente em padrões de alargamento das diferenças sociais propostas pela educação superior vigente na América Latina e sustentada pela classe dominante.

Para isso, é necessário desconstruir os processos de repetição, como exemplos de tradicionalismo, que mais escravizam do que libertam e, qualquer semelhança com a realidade político-educacional da segunda década do século XXI não é mera coincidência, daí a relevância de propor um diálogo com Darcy Ribeiro.

2. Diálogos com Darcy Ribeiro

O que pode suscitar uma pequena história é quanto por trás do cientista reside um homem, com suas ignorâncias, suas incertezas e suas crenças tantas vezes muito pouco científicas.

Mia Couto

2.1 Avanços e desafios da universidade

Edy: Professor Darcy, sou a professora Edy. A proposta do grupo de pesquisa Diálogo – Um Processo Pedagógico Transversal (DPPT) de estudar e conversar com o senhor sobre sua obra me foi muito cara porque estou conhecendo seu percurso e suas contribuições atemporais de militante atuante e estudioso da educação, com foco nas necessidades

educacionais da cultura latino-americana, de modo especial para o povo brasileiro. Temos muito a aprender e a aplicar na vida de educadores, com suas obras e seu percurso. No que se refere especialmente ao seu livro “A Universidade Necessária”, compartilho algumas questões suscitadas, de seções pontuais da obra. Por oportuno, sabendo-se que hoje, na segunda década do século XXI, as universidades ainda relutam diante do dilema de romper com o discurso da unilateralidade de uma ciência per si, quais possibilidades poderiam ser perseguidas no sentido de se construir uma universidade para atender aos propósitos de emancipação de pessoas, politicamente preparadas, para lidar com os desafios da realidade de uma cultura tão diversa como a brasileira e das nações latino-americanas?

Darcy: Edy, que bom podermos conversar sobre este ponto que, de fato, é um ponto chave para rompermos com os afãs construídos de maneira falaz e algoz pelo discurso de elite na universidade. Essa questão remonta a um dos grandes desafios, dentre tantos, que enfrentei durante minha vida de defensor da educação: uma universidade preparada e verdadeiramente aberta para também preparar pessoas com condições politicamente possíveis para lidar com os desafios da nossa cultura. Primeiro, a nossa cultura latino-americana é muito diversa. Uma universidade pensada para o nosso povo precisa, então, considerar isso e definir determinadas diretrizes que dialoguem com as questões emergentes desta realidade. Não condiz, portanto, com as características socioculturais e histórico-políticas das comunidades latino-americanas, por exemplo, uma universidade nos padrões europeus. Das minhas experiências com e sobre a universidade europeia, posso dizer que temos muito a aprender com os projetos de universidade de lá, desde que adaptados à nossa realidade. Não dá para aplicá-los tal qual aqui. Não seria ético comparar uma realidade com outra. Somos outro povo, com outra história, com outra construção social, cultural e modelos políticos construídos e desconstruídos por proposições de governo diferentes. Tudo isso é variável e deve participar do processo de construção de uma universidade para o nosso povo.

Edy: Professor, esta sua fala me inquieta ainda mais. E fico me perguntando: Qual deve ser o papel da universidade pensada para formar pessoas capazes de defender este mesmo modelo universitário e de manter esta conduta, assim, sob os seus passos, em uma perspectiva temporal muito avante, considerando os tantos avanços tecnológicos e da volatilidade das formações sociais no terceiro milênio?

Darcy: Neste livro que você está lendo, mais precisamente no capítulo intitulado “Balanço Crítico”, discuto alguns dilemas e falácia sobre a institucionalidade e funcionalidade da universidade. Dentre estes, a rigor de sua pergunta, trago aqui que “é necessário reiterar que ciência não é um discurso acadêmico sobre o saber e, por isso, somente pode ser ensinada

lá onde se faz a ciência". Esta afirmação remonta ao imperativo capital subjacente aos interesses da universidade. A universidade que se pretende como parte de uma comunidade universitária, precisa ir além desta imposição, considerando não apenas a pesquisa, mas a necessária relação com o ensino e com a comunidade. Este diálogo precisa levar ao caminho de origem de uma relação de política universitária para o avanço das construções que o ensino e a pesquisa podem e têm como dever proporcionar à sociedade. O professor pesquisador precisa se dispor a formar para a pesquisa e à conduta fundamental para despertar e convencer o estudante a também se engajar no processo transformativo, do qual ele faz parte e no qual ele precisa acreditar e defender, de modo que os avanços e desenvolvimentos aconteçam efetivamente por meio de projetos de pesquisa. Além disso, a universidade precisa considerar uma relação de coletividade, de modo especial do corpo universitário, para alcançar a sociedade e suas diversidades.

A ciência é parte do processo de ensino e este é um dos processos de um modelo de universidade que tanto defendo, contrário às imposições políticas de redução do papel da universidade. Minha luta é pela universidade, para que o nosso povo assuma seu espaço e seu papel de reconhecimento do povo latino-americano e de expansão de suas possibilidades de avanço político, social e econômico.

Edy: Dessa forma, professor Darcy, para fortalecer a construção dialógica entre ensino e pesquisa, na manutenção e retroalimentação do modelo de universidade que o senhor tanto defende, podemos dizer que a extensão universitária também somaria como um grande eixo, formando a tríade do ensino, pesquisa e extensão? A extensão teria esta particularidade complexa de servir como solo para semeaduras, tanto para o ensino quanto para a pesquisa e para si mesma. Esse fenômeno partípice, portanto, das múltiplas aprendizagens constitutivas da identidade universitária, como um projeto de identificação e de manifestação das questões sociais, com vistas ao equacionamento e sistematização dos problemas societários, exigiria o desenvolvimento humano por meio de suas relações com o conjunto da universidade. Nesse sentido, é um processo de aprendizagem que

[...]exige, por meio da abertura e da aventura, uma disposição de ampliação e de universalização dos saberes e conhecimentos, afirmando que estamos inacabados e que estamos num movimento de construção histórica. O processo de aprendizagem não é realizado apenas numa instituição, mas engloba todo o sistema social; não se restringe a uma entidade escolar, mas envolve todos os segmentos educacionais; não se desenvolve apenas por uma metodologia, mas passa por todas as

formas de construção do conhecimento abstrato e estático que a define, mas uma diretriz capaz de revelar sua essência e existência na realidade contemporânea. (SÍVERES, 2013, p. 23).

Darcy: Pois bem, professora Edy. Uma universidade que responda, atenda e crie espaço para a manifestação, reconhecimento e interlocução plural, aberta e disposta a esta aventura de tantos desafios, deve se articular pela extensão como um dos pilares fundamentais, não menos importante que os outros dois. A extensão universitária, em consonância com os outros dois pilares – ensino, pesquisa – tem a missão da transversalidade essencial para a reforma universitária, na qual acreditamos, para projetar a universidade por todos e para todos. Tenho consciência dos esforços necessários para isso. E no discurso de Heron de Alencar, meu amigo e companheiro de luta na reitoria da Universidade de Brasília (UnB), à Assembleia Mundial de Educação - México, setembro de 1964, ficou muito claro nosso compromisso de uma universidade estruturada sobre os três pilares – ensino, pesquisa e extensão.

Somente um esforço de reforma que mude as próprias estruturas e permita estabelecer novas formas de ação intencionalmente conduzidas no campo do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, tornarão possíveis a superação destes obstáculos e a implantação da universidade necessária ao desenvolvimento latino-americano (RIBEIRO, 1969, p. 149).

Por isso, sempre tivemos a clareza da importância que tanto o empenho destes esforços quanto somá-los para alcançar o projeto da universidade para desafiar a realidade precisava ser coletivo, com o apoio de todos e com inspirações intelectuais, atitudes assertivas e comprometidas com o objetivo de uma universidade pública, de uma educação pública brasileira para o povo brasileiro, condizente com o perfil do cidadão do nosso país e dos nossos vizinhos latino-americanos. Uma reforma precisa considerar a história, sem, no entanto, repetir os mesmos erros que já sabemos ter feito parte desta história. É nesse sentido que o discurso do companheiro Heron de Alencar procurou defender que o progresso da universidade precisa romper com os anacronismos da repetição de modelos que tornam a universidade brasileira, embora muito jovem, estagnada na história e incoerente com a cultura da nossa gente. O enfrentamento deste vício histórico requer uma estrutura forte, com ensino, pesquisa e extensão, que se transforma num desafio.

Não por acaso, este mesmo discurso no qual me apoio e com o qual compactuo expõe que

em nossa tentativa de criar uma universidade neste modelo foi impossível criar entre estudantes e professores um espírito autenticamente universitário, capaz de permitir a racionalização e a atualização do ensino e de evitar a má utilização de pessoal e material que é um dos mais graves problemas do ensino superior no Brasil. Do mesmo modo foi impossível desenvolver, a nível universitário, os centros de investigação e de criação cultural, que tanto necessita o país em sua atual etapa de desenvolvimento. As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, criadas com o duplo objetivo de serem os órgãos integradores da Universidade e escolas de formação de professores para o ensino secundário, viram fracassar totalmente aquêle primeiro objetivo, como não podia ser de outra maneira; e hoje, com os novos problemas criados pelo processo histórico brasileiro, cumprem mal também sua segunda missão: a de escolas de formação de professores secundários. (RIBEIRO, 1969, p. 215).

O fracasso da formação do professor é um reflexo da falta de consciência diluída no falso discurso que se diz universitário, que não alcança a integração característica da universidade, para a formação docente e para a comunidade por assim dizer. Quem quer ser formado para a docência deve ter a oportunidade de construir o entendimento de que trabalhar com a educação exige saber lidar com o modo de aprender de cada grupo de pessoas, com os impasses presentes na vida e na história dessas pessoas. Isso inclui conhecer os hábitos culturais delas, seu percurso histórico, suas lutas, dificuldades, êxitos. Aprendi muito isso na minha vivência com os índios. Conhecer a cultura e a arte de um povo é uma forma de aprender a conversar com este povo. Para isso, a formação do professor deve prezar por um diálogo do conhecimento da sala de aula universitária com as necessidades da sociedade e como isso pode ser estudado, debatido, refletido, repensado na pesquisa e colocado em prática de outra forma, para não repetir erros que já se conhece. Assim, o professor formado pode voltar para a sociedade como profissional, com mais lucidez do que deve ser feito para desenvolver bem sua tarefa de educar. “Como os educadores responsáveis deste país, penso que é indispensável levar a sério a educação” (RIBEIRO, 2018, p. 213).

Lucicleide: Acrescento, Darcy, que universidade e escola devem estar juntas, criar pontes para dialogar, a fim de que a teoria vista na universidade possa fazer sentido, à medida que é transposta para a prática no universo da escola, seja ela pública ou privada. O estudante em formação deve conseguir fazer, ao invés de somente prescrever. A educação é para ser vivida. Para tanto, requer teoria, conhecimento da docência, mas, sobretudo, o saber fazer a docência com responsabilidade.

Edy: Lucicleide e Darcy, a defesa do tripé – ensino, pesquisa e extensão – perpassa, então, esta concepção de universidade na formação do professor. Isto, ainda que nem sempre mencionado desta forma em sua fala, comparece com muita vivacidade e lucidez em seus relatos de experiências, projetos, sonhos e diálogos teóricos. E este seu legado tem comparecido hoje no modelo de universidade, como pauta de lutas de intelectuais e lideranças políticas comprometidas com a educação do século XXI no Brasil. Graças a esta sua herança legada para a funcionalidade de integração universitária na formação educacional, neste terceiro milênio, podemos contar com um salto marcante para a extensão universitária. Em 2018 foi promulgada a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018). O documento “estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005 / 2014”. Entretanto, ainda esbarramos no obstáculo de o ensino tomar mais espaço nas instituições universitárias do que a extensão e até mesmo a pesquisa. Nos últimos anos o Brasil tem assistido a significativos cortes de verbas para o desenvolvimento da pesquisa. A SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) aponta que a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) não puderam contar com 51% da verba para fomento de pesquisas nos últimos dez anos.

Por outro lado, resistimos insistentemente. Agora no século XXI, professor Darcy, graças às suas lutas e contribuições e às de tantos intelectuais de seu tempo, como Anísio Teixeira, Paulo Freire e tantos outros, que também acreditaram neste ideal de uma educação para a cultura do seu país e das nações irmãs, podemos contar com estudos que nos permitem, tal como o senhor defende, perscrutar possibilidades de diálogo entre saberes, culturas e propostas de ação com vistas à educação e, neste caso, à educação universitária numa perspectiva integradora, complexa (MORIN, 2011, 2014, 2015), e transdisciplinar (NICOLESCU, 1999; NICOLESCU et al., 2002). Ensinamentos estes que persistem à compreensão dos impasses que avolumam, ampliam e amalgamam os pensamentos abissais (SANTOS, 2007), condutas e ideologias que apartam esforços de uma universidade feita pela sociedade para atendê-la. Realidade que perdura no sistema elitista antiuniversitário. Com o discurso de que a universidade deveria prezar pelo desempenho dos candidatos com os melhores resultados, àqueles a quem o acesso à universidade não foi possível pelas mazelas da exclusão: pobres, negros, indígenas, mulheres, etc., continuarão sendo excluídos em virtude de todas as dificuldades que enfrentam para associar sobrevivência e estudos. Enquanto isso, os jovens de elite que podem se dedicar integralmente aos estudos tomam a universidade.

No sentido de oportunizar a reflexão, o debate, o diálogo, o questionamento possível, tanto Santos (2007) quanto Morin (2011, 2014, 2015), Nicolescu (1999) e Nicolescu et al. (2002)

contribuem para descortinar questões que, mesmo de modo velado, fortalecem os problemas de separação e segregação de culturas para aprendizagem na escola e a ampliação dos muros das desigualdades e a escravidão do povo mais sofrido. Estes teóricos e suas teorias contribuem para progresso científico, com a transversalização dos conhecimentos com a realidade social das comunidades para um desenvolvimento planetário sustentável, de encontro, respeito e integração de saberes e culturas.

Darcy: Esta é uma notícia muito esperançosa, professora Edy. E nossas lutas seguiram este sentido. Como conversamos, a universidade precisa também passar por este percurso de ideias inovadoras, de rupturas. Não podemos, porém, parar por aí, no plano das ideias. É preciso integrar estes conhecimentos aos saberes das pessoas de dentro e de fora da universidade, para o movimento de transformação da realidade – tanto pelo ensino quanto dos anseios da comunidade externa – no sentido de uma universidade de atitude, ser o que se propõe, tomando a realidade da comunidade como ponto de partida para colocar em prática o ensino e a pesquisa.

Edy: Seguimos com avanços e desafios, professor Darcy. Em 2012, foi instituída a lei de cotas, Lei nº 12.711/2012 (BRASIL, 2012), garantindo, sob divergências políticas, um grande salto para a inclusão na educação superior pública. A referida lei determina, em seu artigo 1º, parágrafo único, e artigo 3º, que 50% das vagas na educação superior pública se destinem para estudantes de escolas públicas, oriundos de famílias com até 1,5 salário mínimo e para pessoas autodeclaradas indígenas, negras, pardas e pessoas com deficiência. Mesmo assim, nesta segunda década do século XXI, o acesso à educação superior pública, para o povo brasileiro, ainda é um sonho. As universidades são em sua maioria públicas - 54,5%. Consta que a maior parte das instituições de ensino superior do Brasil são faculdades, 88,4% e são privadas (BRASIL, 2020, p. 5), fato que revela a necessidade de lutar por uma universidade pública acessível e coerente com a mescla cultural brasileira. A realidade da maior parcela de estudantes destes 88,4% de faculdades permanece muito semelhante com aquela de quando o senhor criou a Universidade de Brasília, com o sonho de uma universidade para dar sequência à promoção da mudança social com garantia de uma vida cidadã e condições dignas para todos os brasileiros. Isso porque boa parte dos acadêmicos trabalham o dia todo, e à noite, já cansados, com condições de desempenho reduzidas, enfrentam uma sala de aula no ensino superior. Ainda assim, estes estudantes lutadores fazem muita diferença. O mapa da educação superior (AGÊNCIA BRASIL, 2020) apresenta que o índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio em cidades brasileiras que alocam faculdades foi de 0,7218, em comparação com municípios sem faculdade que é de 0,6483. Um sinal de que tais instituições têm um importante papel no desenvolvimento social. Sua sábia

experiência, professor Darcy, mostra-nos que tudo isso poderia ser ainda mais exitoso, que a educação universitária pública poderia alçar voos que alcançassem mais pessoas e mais movimentos de mudança. Entende-se que para isso deveriam existir condições favoráveis para a educação superior acessível, que o alicerce se formasse na educação básica com possibilidades para as famílias e para a sociedade darem conta de atender as necessidades dos jovens aprendizes, sem que estes precisassem abandonar os estudos por um salário que mal paga sua subsistência. É assim parte do cenário da educação superior a distância entre aqueles que podem se dedicar exclusivamente à formação universitária e pleitear as melhores oportunidades no mercado de trabalho e aqueles que não podem, e ficam à mercê deste, que não deveria ser, mas acaba sendo um privilégio. Com isso, as diferenças sociais que tanto impedem o desenvolvimento social ficam cada dia mais fortes e difíceis de ser dissipadas.

Seguimos assim com lutas intensas, árduas conquistas, e mais lutas para mantermos as conquistas alcançadas. Não desistimos, porém, nos desdobramos em busca do preparo sistemático para uma educação consciente. É neste sentido de uma universidade de consciência reflexiva e preparada frente a tantos confrontos que temos o discernimento da importância de uma educação universitária formadora de cidadãos críticos, reconhecedores e atuantes em sua missão de dignidade civilizatória. Para isso, há muitas memórias de resistências a serem reavivadas de modo a escrevermos uma história mais exitosa com o nosso povo.

2.2 Educação Universitária

Lucicleide: Professor Darcy, prazer em conhecê-lo. Assim como a Edy, me debrucei sobre seus estudos, e pude compreender que a sua proposta de “A Universidade Necessária” (RIBEIRO, 1969) tem em seu cerne a constante busca por uma reforma que supere os modelos de uma organização, até então predominante na América Latina, para uma estrutura integrada por órgãos de ensino, de pesquisa e de extensão, pois, desse modo, a universidade estaria capacitada para o exercício de sua função docente, criativa e política. No que diz respeito à função docente, no sentido de exercer o seu papel de preparação de pessoas para o progresso da sociedade. Em sua função criativa, a de dominar e ampliar o patrimônio do saber e da arte; e a política, articulada com a sociedade e a cultura nacional. Portanto, um projeto de universidade moderno, porém, compatível com as exigências de desenvolvimento do país. Lugar para se pensar a realidade brasileira e de promover o conhecimento para se atingir as mudanças sociais.

Estruturada assim, a educação universitária, em seu interior, poderia contribuir para a formação do povo brasileiro, na medida em que fosse compreendida como espaço de confluência da cultura brasileira, sendo percebida e reconhecida como um grande centro de cultura e de saberes científicos. A educação universitária, no modelo teórico proposto pelo senhor, comprehende, portanto, o espaço da universidade como o batimento cardíaco da consciência e da cultura brasileira. E a educação universitária, como o instrumento essencial na superação dos obstáculos estruturais que caracterizam e perpetuam o atraso da nossa nação. Neste sentido, professor Darcy Ribeiro, qual seria o papel da educação universitária?

Darcy: Professoras Lucicleide e Edy, a educação universitária é mola propulsora para gerar, no espaço da universidade, o conhecimento, que é o motor da transformação que permite a sociedade nacional se integrar à civilização emergente. Sendo assim, uma das ações para o exercício de seu papel seria a criação de projetos capazes de revolucionar as bases estruturais do país, promover a construção de uma consciência nacional crítica e contribuir para a superação do atraso social do Brasil. A educação universitária deve contribuir para a formação de novos intelectuais com capacidade para debater a ética e a ciência, visto que “uma das funções mais importantes da universidade é o cultivo do saber e o exercício da pesquisa científica e tecnológica” (RIBEIRO, 1969, p. 100).

Lucicleide: A educação universitária pelos caminhos da pesquisa, no meu ponto de vista, e apoiada nos pressupostos teóricos da complexidade, professor Darcy Ribeiro, é a chave para a formação de cidadãos críticos, com uma cabeça bem feita. Ou seja, “apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril” (MORIN, 2008, p. 24). O cultivo do saber e o exercício da pesquisa científica e tecnológica como colocado pelo senhor, possibilita processos de ensino e aprendizagem capazes de favorecer habilidades e competências necessárias para a formação de sujeitos construtores de conhecimentos, ao invés de reprodutores, com produções autorais, a fim de perpetuar o pensar, o sentir e o agir para as futuras gerações. E para cumprir este papel relevante no desenvolvimento humano e social, a universidade precisaria, sim, abrir suas portas, modificar seus currículos, interagindo com os novos movimentos sociais. No entanto, percebe-se, mediante os seus estudos, que a sociedade do século XXI permanece a clamar pela urgência de uma reforma educacional e a necessidade de um projeto de formação pessoal e desenvolvimento social, tanto em nível de ensino universitário, que é o foco desse nosso diálogo, como em nível básico. Neste sentido, concordamos com Síveres (2006, p. 183), ao afirmar que a universidade “deve fazer de tudo para que a sua seiva, que é o conhecimento, possa ajudar no enraizamento e na floração de uma sociedade sustentável”.

Darcy: Contribuir com o desenvolvimento da sociedade é parte da responsabilidade social da universidade que assim se identifica. E esta só será possível, Lucicleide e Edy, se lutarmos permanentemente pela construção de uma universidade-semente e não reforçar, ainda mais, a universidade-fruto.

Lucicleide: Sim, professor Darcy, é relevante também dizer que o papel da educação universitária, com a prática da ciência, no processo político-educativo da universidade, consiste em buscar atender não somente as exigências da cultura erudita, mas, sobretudo, da educação popular.

Darcy: Esta foi, Lucicleide, uma das minhas grandes contribuições para o desenvolvimento social e, consequentemente, melhorar o mundo. Uma vez que o desenvolvimento da instituição educacional e da sociedade está intimamente atrelado e interligado, a educação universitária atua para o despertar da consciência nacional, com vistas a potencializar a formulação de uma cultura de desenvolvimento social, pela construção de saberes surgidos da realidade brasileira, dos seus saberes culturais, e, dessa forma, contribuir com a formulação de um projeto de nação. Para tanto, reforço:

a formulação de um projeto próprio de desenvolvimento é requisito indispensável para que as universidades de áreas subdesenvolvidas possam estabelecer relações fecundas com outros centros universitários e, principalmente, para que possam receber ajuda estrangeira. Onde falta um projeto próprio, as relações entre universidades desigualmente desenvolvidas conduzem, fatalmente, à perda de autonomia das mais atrasadas, e a aceitação de financiamento de agências estrangeiras ou internacionais importa, sempre, numa ameaça de modelar a universidade nacional de acordo com desígnios alheios. (RIBEIRO, 1969, p. 166).

Lucicleide: Neste sentido, Darcy, a Universidade de Brasília (UnB) é a memória de um projeto de resistência, que guarda em si a dualidade imposta pela realidade: a “necessária” e a “construída” pelos diferentes agentes que por ela já passaram, perpassam ou perpassarão?

Darcy: Sim, a proposta de recriação da UnB foi justamente para se retomar os princípios da “universidade necessária” e não permitir a perpetuação de uma universidade-fruto, a qual era desejada pelo regime militar à época. Ou seja, a da manutenção do status quo, de uma universidade distanciada da realidade e descompromissada com os problemas da realidade do povo brasileiro. A criação da UnB foi pensada, justamente, para desconstruir este pensamento

fragmentado, simplista, manipulador, e contribuir com a formação de agentes de transformação, capazes de pensar políticas públicas, compreendendo a universidade como a casa do domínio dos saberes humanos e instrumento de desenvolvimento do país. A incansável perseguição e busca por uma universidade utópica foi e sempre será, pela insistência e persistência, em prol da construção de uma sociedade emancipadora, livre, democrática e menos reguladora, tendo a educação como o principal meio de transformação social.

Lucicleide: Nossa, professor Darcy Ribeiro! O nosso tempo já está esgotado. Melhor dizendo, já ultrapassamos! Ficaríamos horas a fio dialogando sobre o seu modelo teórico de universidade, mas temos de concluir. E neste sentido, eu e a Edy gostaríamos de agradecer-lhe pela enorme contribuição à nação brasileira com o seu modelo teórico de universidade, e dizer, enquanto educadoras, o quanto somos gratas por sua dedicação, coerência entre a teoria e prática e, acima de tudo, por sua incansável preocupação com o desenvolvimento do nosso país, pensando o espaço da universidade como um organismo vivo, o coração, que faz circular a energia, o sangue necessário para o desenvolvimento social, com equidade. As suas lágrimas derramadas, saiba que não foram em vão, e hoje também lutamos fortemente e sem cansar, na busca pela universidade utópica, por meio de seu legado. “A Universidade Necessária” será sempre, como um dia foi para o senhor, a nossa maior ambição. Nossa eterna gratidão, professor Marcos Darcy Silveira Ribeiro.

Edy: Professor Darcy, Professor Síveres e Lucicleide, de uma herança tão séria, nutrita por tanta argúcia, sensatez e sensibilidade pela nossa civilização, em suas distinções e proximidade étnico-cultural floresceu uma pequena poesia que gostaria de declamar ao nosso professor Darcy Ribeiro:

Utopia ainda que na realidade sombria

Nascido no ano da Semana de Arte Moderna
Não por acaso, Darcy Ribeiro,
o nosso grande mineiro,
De alma e coração brasileiros
Dedicou-se por inteiro
à universidade para o nosso povo
Hoje vivemos de novo
O mesmo sonho deste guerreiro
Em tempos tão sombrios
De anacronias, incertezas...

Ainda assim de utopias
Por uma universidade brasileira
Resistimos com lucidez
Não seremos engodo do afã
Motivados pela altivez
Esta não será uma luta vã
Seu legado?
Nosso fado.

3. Caminhos para a Educação Universitária do terceiro milênio

As contribuições intelectuais da desafiante trajetória de Darcy Ribeiro, particularmente em “A Universidade Necessária”, carregada de utopias e de muita lucidez, nos inquietam e, ainda que já ao final deste escrito, mobilizam-nos e não nos tranquiliza com respostas dadas. Assim como ocorreu com Darcy Ribeiro e seu parceiro Heron de Alencar, na década de 60 do século passado, concluímos que, embora estejamos no terceiro milênio, tempo para o qual o sonho de uma universidade brasileira tenha sido desenhado, carecemos de perseguir este sonho. A universidade brasileira ainda perdura anacrônica, com idade um pouco mais avançada que no século passado, porém com demonstrativos históricos ainda retrocedentes de repetições de modelos que não dialogam com a nossa realidade.

Não obstante, não pretendemos alimentar a desesperança. Muito pelo contrário, a experiência de Darcy Ribeiro nos é também um caminho a ser perseguido, perseverando nessa busca. Nesse sentido, o sonho de Ribeiro é também o nosso sonho, e aqui estamos em outro tempo emergente, com uma realidade de universidade, mesmo que ineficiente quanto ao alcance da maioria do nosso povo e distante do projeto de ser verdadeiramente para todos, decerto, apresentou determinados avanços, ainda que a passos lentos. A duras penas a universidade brasileira veio galgando alguns êxitos, embora também estes tenham se dissipado, por interferência de políticas de governo, em detrimento do papel do Estado. De toda forma, algumas conquistas, como um espaço um pouco mais aberto da universidade para o diálogo com as comunidades, por meio da extensão universitária, ainda resistem, embora a extensão não corresponda ao projeto capital da universidade, porque ela ainda é um bebê em gestação 53 anos depois da publicação do livro “A Universidade Necessária”. Avançamos em pesquisas de olhares ainda mais críticos. Estes avanços nos conduzem na insistência de os transformarmos em realidade, a exemplo de Darcy Ribeiro: o sonho de uma universidade para o povo brasileiro usufruir do que ele mesmo produz, sua riqueza cultural,

de recursos materiais e de diversidade tropical. Um sonho que, não por acaso, encontra em Paulo Freire o ideal para a educação brasileira: uma educação construída em diálogo com o povo, pelo povo, para torná-lo digno de viver como igual, com consciência e respeito em suas diferenças, pluralidades e necessidades sociais, econômicas, históricas e culturais.

Dessa forma, fica o legado de Darcy Ribeiro de que a universidade necessária tem este compromisso com o povo brasileiro e povos irmãos da América Latina: construir espaço de aprendizagem para valorizar e fortalecer o desenvolvimento sócio-histórico e cultural da humanidade.

Referências

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 30/8/2012, Página 1 (Publicação Original). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 6 jul. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei n. 13.005/ 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TzC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP – **Censo da Educação Superior**. Notas Estatísticas 2019.. Ministério da Educação, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

AGÊNCIA BRASIL. Empresa Brasileira de Comunicação – EBC. **Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca**. Publicado em: 21 maio 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acesso em: 30 maio 2021.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad.: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

MORIN, E. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Trad.: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 1999.

NICOLESCU, B. *et al.* **Educação e transdisciplinaridade II.** Brasília: Unesco, 2002.

RIBEIRO, D. **A Universidade Necessária.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, D. **Educação como prioridade.** MAURÍCIO Lúcia V (org.). São Paulo: Global, 2018.

SANTOS, B. Para além do pensamento abissal. **Novos estud. CEBRAP** (79). Nov 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: 30 maio 2021.

SÍVERES, L. **Universidade:** torre ou sino? Brasília: Universa, 2006.

SÍVERES, L. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem.** Brasília: Liber Livro, 2013. p. 19-33.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

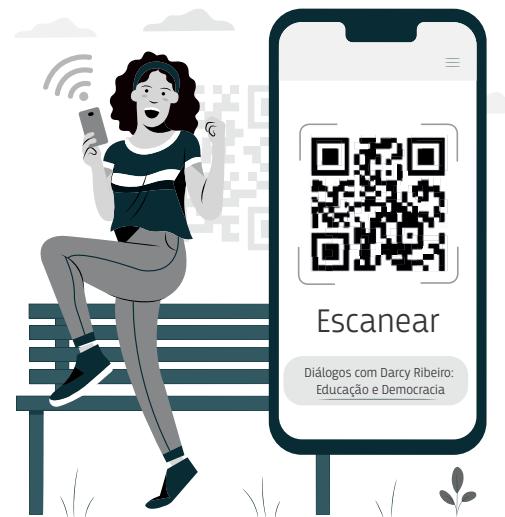
A Universidade Necessária: Um Diálogo com Darcy Ribeiro

Lucicleide Araújo

Edney Gomes Raminho

Luiz Síveres

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



JUSTIÇA SOCIAL, RESISTÊNCIA E O DISCURSO DE DARCY RIBEIRO PARA UMA UNIVERSIDADE NECESSÁRIA NO BRASIL

Vânia Batista dos Santos¹⁹
Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira²⁰
Andrea Karla Ferreira Nunes²¹

Introdução

Darcy Ribeiro (1922-1997) foi mais que um antropólogo, professor, historiador, etnólogo ou sociólogo brasileiro, sua forte atuação na educação da América Latina, tanto no âmbito político quanto nos diversos escritos, ajudou a construir uma identidade latino-americana, sobretudo no Brasil, Chile, Peru, Venezuela, México e Uruguai, no que tange às reformas educacionais a posteriori aos seus estudos. Neste sentido, seus contributos no campo da educação foram substancialmente influenciados pelo movimento Escola Nova ou escolanovista, que a partir de uma oposição significativa aos métodos tradicionais de ensino, buscava uma educação mais ligada à justiça social, à solidariedade e à humanidade dentro dos muros da escola.

Ainda no compêndio educacional, com a vitória na eleição de 1955, o Presidente da República do Brasil, Juscelino Kubitschek, convida Darcy Ribeiro para participar da elaboração das diretrizes para o setor educacional. Frazão (2021, n.p.) aponta que “Junto com o Anísio Teixeira participou da defesa da escola pública por ocasião da discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação[...], em seguida colaborou com a organização da Universidade Nacional de Brasília (UnB), da qual foi reitor entre 1961 e 1962.

Seu caminho histórico e não histórico tem traços reconhecidos em diversos espaços sociais, como a honraria de Doutor Honoris Causa da Sorbonne, da Universidade de Copenhague, da Universidade do Uruguai e da Universidade de Brasília. Em 1992 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupante da cadeira nº 11, e em 1996 foi agraciado com o Prêmio Interamericano de Educação Andrés Bello, concedido pela OEA.

¹⁹ Doutoranda em Educação (UNIT-SE), mestre em Educação (UFPB), E-mail: variabatista2013@gmail.com.

²⁰ Doutorando em Ciência, Tecnologia e Educação (CEFET-RJ), mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEPB). E-mail: tonyathy@hotmail.com.br.

²¹ Pós-Doutora em Educação (Universidade de Salamanca – Espanha), doutora em Educação (UFS), mestre em Educação (UFS). E-mail: andrea.karla@souunit.com.br.

Universidade de Copenhague, da Universidade do Uruguai e da Universidade de Brasília. Em 1992 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupante da cadeira nº 11, e em 1996 foi agraciado com o Prêmio Interamericano de Educação Andrés Bello, concedido pela OEA. Neste ensaio, analisamos o capítulo VII da obra de Darcy Ribeiro “A Universidade Necessária”, de 1969, que, em resumo, vislumbrava um país em que o investimento no desenvolvimento científico-tecnológico fosse autônomo e nacional; quanto à estrutura teórico-metodológica propunha-se que o diálogo com e entre as ciências fosse mais conexo, bem como com o saber e o fazer ciência no círculo social. Ribeiro (1978, p. 84) lembra que “Uma universidade assim, livre e libertária, só pode sobreviver numa ordem democrática. Quando subvertida a institucionalidade constitucional [...] os custódios da regressão tiveram que reprimir todos os que se opunham à nova ordem [...]”.

Neste compasso, entende-se que não existe outra forma de romper o sistema que não atravesse a cumulatividade e domínio do pensamento crítico. Sendo assim, pode-se utilizar como parâmetro nossas lutas, vitórias e derrotas, encontros e desencontros de histórias/ frustrações de nossa jovem experiência democrática, ou seja, são ferramentas para uma reescrita de práticas marcadas na renovação de uma geração ainda utópica, mas necessária, renovada e possível. O livro foi escrito entre 1967 e 1968 em um contexto complexo, em que o mundo vivenciava o ápice da Guerra Fria e a América Latina passava por um momento tenso marcado por ditaduras, subdesenvolvimento e ataques à educação. Apesar de nesse início de século XXI estarmos em um ambiente mais ameno e flexível, as questões postas no livro permanecem atuais e cada vez mais necessárias.

Pode-se exemplificar este desenho com a Proposta de Emenda à Constituição – PEC 20622, que foi apresentada na Câmara dos Deputados do Brasil em 2022 e estabelece a cobrança de mensalidades em universidades públicas brasileiras – obviamente, trata-se de uma tentativa de reforçar estigmas político-sociais de que investimentos com educação superior pública são desnecessários/supérfluos. O Partido Socialista Brasileiro (PSOL) direciona o debate no sentido que

o projeto ignora a ampliação de cotas sociais e raciais para o ensino superior, ignora a discussão de políticas públicas a fim de viabilizar a matrícula e permanência de estudantes provenientes das classes

²² Até o momento da construção desse texto, a matéria que descreve a PEC 206 ainda não constava na pauta para debate na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC), que é a primeira fase de tramitação.

sociais mais vulneráveis, buscando apenas criar embaraços para o regular funcionamento das instituições de ensino públicas [...] (SANTOS; BARBIÉRI, 2022, n.p.).

Na contramão da PEC 26, Ribeiro (1969, n.p.) reflete que “as universidades custeadas com recursos estatais são e devem continuar sendo instituições públicas, sua conversão em empresas ou fundações privadas representaria um retrocesso”. Posto isso, percebe-se a imersão da sociedade brasileira em um processo de desconstrução, deslegitimização e resistência ao que fora proposto por Darcy Ribeiro em seus pressupostos e destaques político-sociais; portanto, torna-se importante enfatizar não somente o discurso de Darcy Ribeiro, mas a execução das ideias propostas e sua luta na seara da universalidade.

O sistema em tela nesse texto resgata e estabelece um diálogo com os constructos elencados por Darcy Ribeiro no que tange aos aspectos da resistência, justiça social, desenvolvimento nacional do Brasil e à consolidação da democracia, no que se refere ao crivo de uma necessária e urgente universidade política, inclusiva e humanizadora. Trata-se, portanto, da simulação de um diálogo (obviamente, fictício) entre os pesquisadores/autores do texto e o próprio Darcy Ribeiro, a partir de recortes extraídos do livro “A Universidade Necessária” e o contexto no qual o Brasil está submerso nos entornos da segunda década do século XXI.

Arquitetura de um diálogo necessário com Darcy Ribeiro

Andrea Karla: Tem-se falado consistentemente em uma tentativa de reinventar a universidade, seja no âmbito partidário, seja na esfera mercadológica. Em que a sociedade deve debruçar-se para pensar nessa reinvenção?

Darcy Ribeiro: As universidades são instituições históricas surgidas em todas as civilizações com certo grau de desenvolvimento, para satisfazer exigências específicas de sua sobrevivência e de seu progresso. Não temos, portanto, que reinventar a universidade, senão dar-lhe autenticidade e funcionalidade mediante a análise das estruturas que se ocultam sob suas formas aparentes e dos interesses particularistas que se disfarçam na ideologia da universidade tradicional, a fim de verificar quais são as possibilidades de modelar uma universidade nova que corresponda às necessidades do desenvolvimento autônomo. Tomam sentido decisivo nesta empresa tanto as experiências passadas por estes povos na criação de universidades – na medida em que se possa comprehendê-las em profundidade – como as experiências de todas as sociedades modernas, na medida em que se entendam

com clareza os acontecimentos históricos e os imperativos sociais que presidiram a sua estruturação (RIBEIRO, 1969, p. 169).

Rômulo Tonyathy: Você apresenta vários desafios postos às universidades latino-americanas, destacando crises sob múltiplas formas, com um destaque especial à crise de natureza intelectual e ideológica. Podemos caracterizar essa manifestação como uma autocrítica?

Darcy Ribeiro: Conforme assinalamos, a crise tem [...] [traçados nos]²³ conteúdos intelectuais e ideológicos. Os primeiros, representados pelo desafio de estudar melhor a própria universidade a fim de conhecer precisamente as condicionantes a que está sujeita e os requisitos para sua transformação. Os últimos, porque os próprios universitários se dividem em relação ao caráter destas transformações, uma vez que elas tanto podem contribuir para que a universidade opere, ainda mais eficazmente, como agente de conservação da ordem instituída, como para que se constitua em um motor da transformação da sociedade global (RIBEIRO, 1969, p. 9).

Vânia Batista: É comum depararmo-nos em seus escritos com uma proposta que circunda a adoção de um sistema tripartido, em que você esclarece e orienta as diferentes funções e programas possíveis no ambiente universitário. No entanto, há desafios ou riscos para a implementação desse sistema?

Darcy Ribeiro: [Há]²⁴ risco[s] implícito[s] na adoção do sistema tripartido – tão fatal como os casos previstos de simulação – é o de mudar da deformação profissionalista que sofre a universidade latino-americana atual para uma deformação científica que prejudicaria irremediavelmente a nova estrutura. Para evitá-lo, é necessário compreender que a obrigação de ministrar cursos preparatórios de caráter científico a todos os estudantes, distribuídos segundo os campos do saber considerados básicos para a carreira que cada um escolheu, torna indispensável orientar este ensino com um sentido realista das exigências mínimas de cultivo de cada ciência, necessárias para dar versatilidade ao profissional comum, porém sem exagerá-las como se se pretendesse fazer um cientista de cada um deles.

Uma forma de enfrentar este problema consiste em complementar os cursos propedêuticos dos institutos centrais com algum tipo de informação e treinamento de caráter pré-

²³ Grifo dos(as) autores(as).

²⁴ Grifo dos(as) autores(as).

profissional, a fim de não dificultar a opção profissional que, ao cabo do período básico, e não existindo esta informação, se faria com completo desconhecimento de seu caráter e das exigências que implica. Exemplifica este procedimento a recomendação de ministrar cursos técnicos de eletricidade e de mecânica, simultaneamente com os estudos nos Institutos Centrais de Ciências Físico-Matemáticas para os estudantes de engenharia; ou estudos de enfermagem e medicina preventiva para os futuros médicos; ou ainda, períodos de treinamento nas oficinas de artes plásticas para os estudantes de arquitetura. Esta formação prévia, ao mesmo tempo que vocacional, deve ter o caráter de iniciação em uma linha alternativa de profissionalização técnica oferecida aos estudantes que, não atingindo o aproveitamento mínimo necessário para o bacharelado ou o ingresso na carreira a que aspiravam, teriam que ser abandonados pela universidade. Um aproveitamento assinalável nesta etapa de treinamento profissional poderia recomendar a continuação dos estudos neste mesmo campo com vistas a obter um título de habilitação técnica. Este grau não daria ingresso a uma carreira acadêmica sem prévia aprovação das disciplinas exigidas; entretanto, poderia abrir perspectivas tão amplas de trabalho remunerado que fosse, apenas por isso, preferida por muitos estudantes (RIBEIRO, 1969, p. 185).

Andrea Karla: Afinal, poderíamos entender o norte dessas reflexões postas como um sonho possível ou simplesmente como uma base teórico-metodológica sem relação com os modelos já em curso?

Darcy Ribeiro: É necessário reiterar que falamos de um modelo teórico ou de uma universidade de utopia, que deve ser visto e criticado como tal. Sua função é a de uma tabela de valores que permita avaliar criticamente a universidade real, e a de um corpo de metas ou fins que torne possível apreciar cada projeto concreto de transformação da estrutura universitária latino-americana, a fim de ver se ele permitirá passar do estado presente a uma nova forma mais eficaz ou apenas robustecerá a estrutura atual, emprestando-lhe maior eficiência marginal.

Entre este modelo ideal e qualquer projeto concreto, mesmo o que mais se aproxime dele, existirá sempre a distância que separa as abstrações das coisas. O desafio que enfrentarão os que aceitam este modelo como uma meta a alcançar é, portanto, o de cobrir de carne, pele, sangue e pigmento os seus ossos descarnados para que chegue a existir um dia, no mundo das coisas, como a universidade que corresponde às necessidades de um povo num momento dado de sua existência histórica (RIBEIRO, 1969, p. 211).

Rômulo Tonyathy: Em sua obra “A Universidade Necessária” você carrega o conceito de ‘universidade utópica’ para referir-se a um parâmetro internacional de educação. Podemos considerar esse constructo como uma crítica à inviabilidade da universidade latino-americana?

Darcy Ribeiro: Esse modelo de universidade é utópico no sentido de que antecipará conceitualmente as universidades do futuro, configurando-as com uma meta a alcançar-se algum dia. Esta característica exige que o modelo proposto seja um padrão ideal permanentemente revisto, a fim de que possa apresentar-se, em cada momento, como o objetivo que dará sentido e justificará os diversos projetos concretos que tendam a atingi-lo como etapas de transição. Nestas condições, o modelo teórico deverá atender, ao mesmo tempo, as exigências necessárias de uma proposição normativa, ainda que muito geral, e as exigências ideais de uma utopia tão ambiciosa quanto seja possível. Somente uma proposição muito esquemática poderá atender a estes dois requisitos de padrão normativo e de utopia. Como tal, se distanciará necessariamente das universidades latino-americanas existentes, porém não a tal ponto que nas melhores delas não possa cristalizar-se como seu ideal de reestruturação (RIBEIRO, 1969, p. 170).

Vânia Batista: Para finalizar, sabe-se que em qualquer projeto de reforma estrutural da universidade, o fundamental será sempre saber quem regerá sua implantação e os desafios de bastidores nesse enredo da gestão institucional e organização estrutural. Mas, onde estaria o grande problema dessas reformas?

Darcy Ribeiro: Nestas circunstâncias, o problema fundamental da reforma não reside nas tecnicidades da nova estrutura, mas sim na determinação do conteúdo de poder que marcará o rumo e o ritmo do processo de transformação. E este objetivo inarredável aponta para o subgoverno das universidades, das faculdades e dos departamentos pelos seus professores e estudantes, como o requisito fundamental para a edificação da universidade necessária.

“Deixamos o julgamento para a história, que dará a sua palavra final”.

Esse título é um enxerto da carta aberta dos alunos da Universidade de Brasília (UnB) endereçada aos 210 professores demitidos, no ápice da crise institucional, cerceados por desmontes e deslegitimações de toda ordem no câmpus universitário. Momento este, em que os professores se viram na necessidade de abandonar a UnB para permanecerem fiéis aos seus ideais de universitários e de brasileiros. Mas, afinal, até quando aceitaremos a história como única promotora da justiça? Já não estaríamos

no futuro? Qual o próximo passo? Por que, após mais de meio século, desde a carta aberta dos alunos da UnB, a universidade pública brasileira continua sendo atacada, reduzida e silenciada política e moralmente? Quem são os inimigos da educação? A quem interessa tamanha destruição da honra e das conquistas educacionais?

Obviamente, que alguns desses questionamentos já foram discutidos por diversos autores e espaços de reflexão acadêmica, como Freire (2001) em “Política e Educação”, Saviani (1992) quando reflete o neoliberalismo, a educação pública, a crise do Estado e a democracia na América Latina, bem como nos próprios congressos promovidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Nos bastidores obscuros estão os mesmos antagonistas pelos quais Darcy Ribeiro se colocava de frente em 1969: as oligarquias partidárias e políticas, o interesse do patriarcado, o capitalismo como rolo compressor e as raízes preconceituosas e estigmatizadas da sociedade, geralmente pessoas historicamente privilegiadas, autoidentificadas como homens cisgêneros heterossexuais, brancos, religiosos, e os mais poderosos e influentes financeiramente.

Além de pautas como esta dos ataques ao sistema educacional, Ribeiro (1969) pontua o desenvolvimento nacional e a consolidação da democracia como campo de batalha no seio de uma ciência ainda embebida na cooperação social,

Uma posição crítica em relação ao cosmopolitismo não pode cair, entretanto, na deformação do patrioteirismo e da estreiteza. A ciência é, de fato, uma empresa humana universal, não suscetível de ser compartimentada; nenhuma atividade científica pode, por visto, ser cultivada no isolamento, sem contato e sem convivência com a comunidade científica internacional. Essa comunidade é a única capacitada para apreciar o mérito do trabalho científico e para aceitar, absorver ou rechaçar as novas contribuições ao conhecimento. Nessas circunstâncias a comunidade externa é indispensável e deve ser exercida através de todas as formas de cooperação. (RIBEIRO, 1969, p. 28).

Assim como ocorre nas batalhas pelo direito universitário, na política enquanto mola de sustentação de uma jovem e ferida democracia e na fragilidade de um campo jurídico em reconstrução desde 1988 por meio da promulgação da Constituição Federal, Darcy Ribeiro segue iluminando diversos ambientes sociais, práticas cotidianas e saberes nacionais. Prova disso é a declaração dada pela então Presidenta da República do Brasil, Dilma

Rousseff²⁵ , após a consumação do golpe em 2016, inspirando-se em Darcy Ribeiro no seu primeiro discurso oficial como ex-presidenta “[...] não gostaria de estar no lugar dos que se julgam vencedores. A história será implacável com eles” (BEDINELLI, 2016, n.p.). Sendo assim, como em 1969, por uma educação necessária, Darcy Ribeiro vive na memória social e na prática dos câmpus universitários de toda América Latina.

O olhar de Darcy Ribeiro e possíveis aproximações com a perspectiva do ensino

Um balanço de vida inteira mostraria que minhas realizações foram parcias. Talvez, porque tentei plantar na Lua muitas lanças demais. Não é demasia para um homem só querer, como quis e quero ainda, ser romancista e antropólogo e educador e político e fazedor e até revolucionário? Se me ativesse a um campo só, teria talvez feito alguma maravilha. Disperso entre tantas devoções, não servi bem a nenhuma delas. Relevem este pecado, que eu pecaria outra vez. Variei tanto de temas, foi obedecendo a mandos de meu coração. Afinal, a vida não é missão, é também fruição. (RIBEIRO, 1993, n.p.).

Neste discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Darcy Ribeiro reitera que desenvolveu, viveu e lutou por um ideal significante de um plano político para o povo. A relação com o ensino ocorria a todo tempo, pautado em sua própria história de vida enquanto mola de propulsão à democracia e à justiça social. Entre suas causas estão a dignidade dos povos indígenas, o desenvolvimento autônomo do Brasil, a reforma agrária, a alfabetização e escolarização de todas as crianças, a universidade séria e necessária e o socialismo como ferramenta libertária.

Sendo assim, o ensino visto como ação pode ser praticado de diferentes formas, desde a instrução/efeito de ensinar até o método de sistematização e construção do objeto de conhecimento. Darcy Ribeiro foi intermediador, integrador e potencializador de um processo de interação pautado no discurso e na prática. No que tange à crise educacional no Brasil, como projeto político, Darcy Ribeiro tem contribuições significativas quando reflete as estruturas sociais segregacionistas presentes no Brasil, cujas raízes procurou identificar e combater.

²⁵ Primeira mulher a se tornar Presidente da República do Brasil, Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na cidade de Belo Horizonte (MG). É filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff e da professora Dilma Jane da Silva, nascida em Resende (RJ). Em 31 de outubro de 2010, aos 63 anos de idade, Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher Presidenta da República Federativa do Brasil, com quase 56 milhões de votos. (BRASIL, 2016, n.p.).

Freire (2003, p. 66) nos ensina que “[...] ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa aos direitos dos educandos e exige também, a apreensão da realidade[...]”. Sendo assim, pode-se dizer que Darcy Ribeiro viveu o ensino na prática porque o ato pedagógico de ensinar vai além de um verbo gramatical. Vivenciar o ensino requer uma convicção de que a mudança é possível e que as experiências sócio-históricas devem ser vistas como uma possibilidade e não uma determinação. Darcy Ribeiro foi um vetor que provocou e provoca a capacidade social de evocar a imaginação, fruição, intuição, capacidade de comparar, selecionar, transformar e transcender; apontando que para mudarmos “[...] devemos ser esperançosos, ou seja, ter esperança de que podemos ensinar e produzir[...] [coletivamente] para resistir aos obstáculos[...]” (VENDITI JÚNIOR; BELLÍSSIMO, 2004, n.p.). Mas para cobrar e lutar ideologicamente por mudanças e respeito profissional, o educador não pode ver a prática educativa como algo sem importância.

As aproximações com o ensino ocorrem porque Darcy Ribeiro coloca suas experiências enquanto sujeito revolucionário no campo da justiça social e sua esperança como estímulo para a curiosidade e a prática de uma universidade viva cada vez mais necessária, organizando um novo jeito de fazer educação pública, mostrando e demonstrando o espírito de resistência, solidariedade e tolerância a um sistema hegemônico. No início da segunda década do século XXI, o Brasil passa por um momento delicado, de crises históricas no campo ético, moral, político, social, econômico, e ataques na educação sob várias vertentes, sobretudo político-ideológicas, marcadas por retrocessos e surpresas de toda ordem. Nesse momento obscuro, os ensinamentos de Darcy Ribeiro trilham um caminho de luz sob a escuridão neofascista – apreende-se que não basta o conhecimento teórico-metodológico ou formação científica (que também é peça fundamental no ensino), mas da relação crítica democracia x ensino x justiça.

Referências

- BEDINELLI, T. Dilma: **a história será implacável com os que hoje se julgam vencedores.** Brasília: El País, 01 Sept 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/01/politica/1472683040_966146.html. Acesso em: 2 jun. 2022.
- BRASIL. **Biografia.** Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/biografia>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- FRAZÃO, D. Darcy Ribeiro: antropólogo brasileiro. **eBiografia:** online, 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/darcy_ribeiro/. Acesso em: 2 jun. 2022.

FREIRE, P. **Política e Educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

RIBEIRO, D. A Universidade Necessária. Estudos Sobre o Brasil e a América Latina. In: RIBEIRO, D. **A Universidade Necessária**, v. 7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 177-270.

RIBEIRO, D. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

RIBEIRO, D. **Discurso de Posse**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1993. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/discurso-de-posse>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SAVIANI, D. Neo-liberalismo ou pós-liberalismo? Educação pública, crise do Estado e democracia na américa latina. In: SAVIANI, D. **Estado e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

VENDITTI JÚNIOR, Rubens; BELÍSSIMO, Vanessa. **Docência com Decência! As Ideias de Paulo Freire para a Atividade Docente em Educação Física Escolar**: resenha do livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Buenos Aires, 2004. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd73/freire.htm#:~:text=Ensinar%20exige%20humildade%2C%20toler%C3%A2ncia%20e,possibilidade%20e%20n%C3%A3o%20uma%20determina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 2 jun. 2022.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

Justiça Social, Resistência e o Discurso de Darcy Ribeiro para uma Universidade Necessária no Brasil

Vânia Batista dos Santos

Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira

Andrea Karla Ferreira Nunes

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



A EDUCAÇÃO DEVE SER UMA PRIORIDADE

UM DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO

Rita de Cássia de Almeida Rezende ²⁶

Luiz Henrique Alves dos Santos ²⁷

Darcy, um homem brasileiro

Do interior de Minas para o centro do Brasil, defendeu os indígenas, a sua história por justiça e a sua preservação.

Encontra na educação mais um motivo para lutar por melhoria, lutar por mudanças e, por que não, lutar, mais uma vez, por justiça.

Justiça, palavra que o acompanha por toda a sua trajetória de vida como antropólogo, educador, político, mas, principalmente, como cidadão brasileiro.

Cidadão brasileiro que luta para que a educação do e no Brasil alcance a verdadeira qualidade que deveria ter.

Darcy não fica no discurso de críticas, ele sugere alternativas, mostra possíveis práticas, constitui universidades, sim, ele não é um simples apaixonado pela educação, ele é um cidadão de “fazimentos” que com suas várias “peles” deixa seu legado de obras e inscreve o seu nome na história da educação do Brasil.

Darcy Ribeiro, um filho de uma simples professora do interior do país, acreditou que as mazelas reiteradas na educação do Brasil poderiam ser sanadas com a formação dos professores, com atendimento pedagógico socioemocional diferenciado oferecido aos alunos e com uma educação integral e em tempo integral.

²⁶ Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Email: ritinhademaria@gmail.com.

²⁷ Doutorando em Educação, mestre em Educação e Tecnologia na Universidade Norte do Paraná. E-mail: luiz.fenis@gmail.com.

1. Contextualização

Darcy Ribeiro nasceu em Minas Gerais, na cidade de Montes Claros, em 26 de outubro de 1922. Começou a estudar medicina, mas abandonou o curso e começou a se dedicar à antropologia. Ele foi político, etnólogo, antropólogo, escritor e educador e, dentro da educação, seus estudos alavancaram a reforma educacional no Brasil.

Apesar de tantas designações dentro da sociedade brasileira, em sua poesia *Minhas Peles*, Darcy relata que a pele a qual deveria ser relembrada é a de ser filho de uma professora, talvez daí venha a sua grande paixão por lutar pela educação do nosso país e pela incansável busca pela melhoria da formação dos professores.

Darcy pode ser considerado um incansável defensor da escola pública, trabalhou no Ministério da Educação e da Cultura e foi grande articulador do ensino no Brasil. Ao lado de outro grande ícone da educação, Anísio Teixeira, fundou a Universidade de Brasília, e ambos foram reitores dessa universidade.

Para este grande mestre, a educação pública é a maior invenção já feita, no entanto, ele afirma que essa grandiosidade também está no porte significativo de sua rede, contudo, infelizmente, esta magnitude também se apresenta na mesma dimensão, ou talvez maior, na insuficiência de recursos, na falta de qualidade e nas perspectivas mínimas de mudanças. Darcy se caracteriza como um homem de “fazimento”, e essa característica pode ser percebida ao longo de toda sua trajetória como cidadão consciente, e principalmente, como brasileiro preocupado com a qualidade da educação no Brasil. Esse design de educador pode ser confirmado nos versos a seguir, feitos por Darcy, que mostram o arraigado amor pela educação que ele exerceu, com brilhantismo, a função de lutar pela melhoria do ensino em nosso país, por mais de quarenta anos.

Pele que encarnei e encarno ainda, com orgulho, é a de educador,
função que exerço há quatro décadas. Essa, de fato, foi minha ocupação
principal desde que deixei etnologia de campo. (REVISTA PROSA, VERSO E
ARTE, [s.d.]).

O livro “Educação como prioridade” foi organizado por Lúcia Velloso²⁸ a partir dos textos de Darcy Ribeiro relacionados à educação e que foram publicados em livros, revistas e jornais, eles estão dispostos em seis capítulos que abordam a trajetória darcyniana dentro da educação, passando pela formação dos CIEPs, no Rio de Janeiro; a instituição de duas universidades, a UERJ e a UnB; até a discussão e a defesa da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

A obra em análise, em seu título tem a palavra prioridade, e esta pode ser percebida durante toda a narrativa, pois a preocupação com os rumos que a educação do Brasil poderia tomar mostram o quanto Darcy Ribeiro se preocupava com os problemas da educação, sobretudo, como ele planejava e organizava ações que poderiam mudar a realidade de evasão, analfabetismo e fracasso escolar que há tanto tempo o nosso país amargava. E que, lastimavelmente, continua apresentando índices significativos de insucesso nas áreas da educação.

A narrativa, ademais, aborda temas em que Darcy Ribeiro se propôs a lutar para mudar, entretanto, nessa entrevista fictícia com o nosso mestre, o tema girará em torno da criação dos CIEPs e da importância que ele deu à educação integral e em tempo integral.

Esta escolha é reforçada pelas palavras darcynianas sobre o que ele mesmo afirma sobre seus centros:

A implementação desse programa, que consubstancia ideias definidas há décadas pelos maiores educadores brasileiros, representa a grande evolução educacional de que o Brasil necessita vitalmente para integrar todo o seu povo na civilização letrada e capacitá-lo para a realização plena de suas potencialidades. (RIBEIRO, 2018, p. 64).

²⁸ Lúcia Velloso Maurício é graduada em Letras – Português-Inglês - pela Universidade Santa Úrsula (1982), concluiu mestrado em Administração de Sistemas Educacionais no Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1990) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Foi diretora de capacitação do magistério durante a implantação (1992-1994) dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) e consultora da Fundação Darcy Ribeiro até 2006.

2. Diálogos com Darcy Ribeiro

Quão honroso seria estar diante de um educador como Darcy Ribeiro e poder entender mais sobre suas ideias, suas concepções sobre educação, sobre sua forma de ver a menina dos seus olhos, os CIEPs, e como ele colocou em prática o que, apresentado por Anísio Teixeira, defendeu como caminho para a melhoria da educação brasileira: a educação integral.

Diante do poder da escrita e das possibilidades que ela nos dá, adentramos no mundo das ideias do educador e mestre Darcy Ribeiro e, por meio de uma conversa direta e espontânea, vamos entender o brilhantismo e o compromisso desse cidadão consciente e preocupado com o futuro da educação brasileira.

Rita e Luiz: Para começarmos nossa entrevista, gostaria que fosse esclarecido um dos pontos que é bem destacado no decorrer da obra, e é recorrente em outras obras suas, a diferença, a seu ver, entre a educação dos ricos e dos pobres. O senhor afirma que a escola pública é antipopular. Por que o senhor a considera assim?

Darcy: Simplesmente porque, na escola pública, não há condições reais de alfabetização para as crianças pobres. Por quê? Eu vou explicar: Na escola não há nenhum acompanhamento de suas dificuldades de aprendizado. Elas não o têm em casa, pois seus pais, na sua maioria, não têm formação e nem tempo, pois precisam trabalhar para o sustento da família, e porque também não encontram esse auxílio no espaço escolar, muitas crianças saem da escola sem serem alfabetizadas, ou saem sem ter o domínio real da língua materna. Além disto, não é levado em consideração nada de sua realidade social para auxiliar em seu aprendizado. Tudo fica muito distante de sua vivência. E por isso amargamos tanto fracasso na alfabetização de nossas crianças.

Rita e Luiz: Sendo assim, para esse fracasso que já amargamos há tanto tempo, qual seria a alternativa para acabar com ele?

Darcy: A meu ver, a solução possível seria dar qualidade às nossas escolas para melhor atender aos alunos, que passam, em média, quatro anos em período escolar, mas ainda saem analfabetos ou semianalfabetos. Como fazer isso? Oferecendo aos alunos atividades pedagógicas diversificadas, acompanhamento pedagógico, médico e odontológico. Além de condições de alimentação para suprir necessidades de desenvolvimento físico como um todo.

Rita e Luiz: No livro o senhor apresenta a criação dos CIEPs no Rio de Janeiro. Como o senhor define estes centros?

Darcy: São centros de educação que atendem crianças e adolescentes em turno estendido e que, além das atividades pedagógicas tradicionais, oferecem atividades recreativas, atendimento médico e odontológico e alimentação.

Rita e Luiz: O senhor afirma que nos CIEPs a escola é integral e em horário integral. Como podemos entender esse jogo do significado da palavra integral?

Darcy: Bem, começarei pela escola integral; no nosso conceito de educação, isto significa que a escola atende o aluno em sua totalidade, como assim? O aluno é respeitado em seu contexto ontológico para que, a partir disso, a ele sejam oferecidas atividades que vão desenvolvê-lo nas suas potencialidades. Nos CIEPs ele terá acompanhamento pedagógico, médico, odontológico, terá atividades culturais, esportivas, acompanhamento pedagógico para sanar dificuldades, além do acesso a bibliotecas, jogos educacionais, entre outras coisas. Já a parte do horário integral refere-se ao estender o tempo do aluno na escola. O tempo aumenta de cinco para oito horas, mas não é só o quantitativo de horas, é a qualidade destas horas que importa.

Rita e Luiz: Um dos aspectos tratados no livro é o problema da evasão. O senhor afirma no texto: “O que chamamos de evasão escolar não é mais do que expulsão da criança pobre por uma escola que rejeita e maltrata a imensa maioria de seus alunos” (RIBEIRO, 2018, p. 37). De acordo com a afirmação, na sua concepção, a evasão poderá ser evitada com os CIEPs?

Darcy: Acredito que sim, pois esses Centros acolhem as crianças pobres e dão a elas condições verdadeiras de desenvolvimento de suas potencialidades. Nos Centros, elas serão respeitadas, terão acompanhamento para recuperar suas dificuldades pedagógicas, serão acolhidas para amenizar necessidades sociais e terão atendimento às suas condições particulares oriundas das classes menos favorecidas.

Rita e Luiz: No seu Plano de Educação Especial, além da preocupação dos CIEPs com o atendimento aos alunos, há a preocupação com o professor. Como é feito esse atendimento ao professor e por quê?

Darcy: Para o ensino diferenciado ser oferecido nos Centros é necessária a preparação dos professores com uma formação que venha a atender a nova forma de ver o ensino.

E o professor precisa estar participando desta mudança e com condições formativas para exercer sua profissão. Para que o professor tenha este suporte pedagógico e de formação, nós oferecemos o material didático para o programa de aperfeiçoamento dos professores. E essa formação precisa ser continuada (Programa de Treinamento em Serviço).

Rita e Luiz: O que é o Programa de Treinamento em Serviço? Ficamos curiosos!

Darcy: Entre outras coisas, fundamentalmente, é a qualidade da formação do professor e o tempo que ele terá para esta formação. A carga horária semanal é de 40 horas, sendo que 20 horas ele passará em sala de aula atendendo aos seus alunos, e as outras 20 horas o professor dedicará à sua formação por meio da participação em grupos de estudo, oficinas de experiências pedagógicas, cursos, palestras, encontros e mesas redondas. Então, tempo e possibilidade para sua formação.

Rita e Luiz: Na obra a que estamos nos referindo, o senhor apresenta o tripé Educação - Cultura – Saúde (RIBEIRO, 2018, p. 64) para os CIEPs. Como podemos entender esse tripé para o funcionamento dos Centros?

Darcy: Os Centros são pautados nesse tripé: eles priorizam a educação, porque são escolas que querem dar uma formação de qualidade aos seus alunos e querem atender as necessidades que eles possam apresentar; enfocam a cultura, pois além da parte pedagógica, nos Centros também são oferecidas atividades culturais, a que muitos alunos não tinham acesso antes; e a saúde, porque nos Centros há o atendimento médico e odontológico. Sendo assim, este tripé será a base para a formação integral dos alunos, pois atenderá às dificuldades básicas de desenvolvimento dando suporte para que eles se desenvolvam com qualidade e continuidade.

Rita e Luiz: Quais são as competências que poderão ser desenvolvidas nas crianças e nos jovens que estudam nos CIEPs?

Darcy: Almejamos desenvolver a parte pedagógica como o domínio da língua materna, das operações matemáticas e das demais exigências das outras disciplinas, mas também pretendemos desenvolver o protagonismo, a equidade, o respeito, a cidadania e a consciência de cidadão em cada um dos nossos estudantes.

Rita e Luiz: Como o senhor caracterizaria o “fazimento” pedagógico nos Centros?

Darcy: Como o horário é de 8 horas, vou falar de duas características do “fazimento” que eu destaco nos CIEPs. Primeiramente, é promover práticas educativas diversas, inovadoras e inclusivas, pois podem ser usados diferentes lugares dentro e fora da escola para auxiliar no aprendizado. Em segundo lugar, é trazer a comunidade para dentro das atividades escolares respeitando suas condições próprias e aprendendo com suas características ontológicas, entre outras. Isto tudo traz vida, dinamismo, significado e pertencimento ao aprendizado.

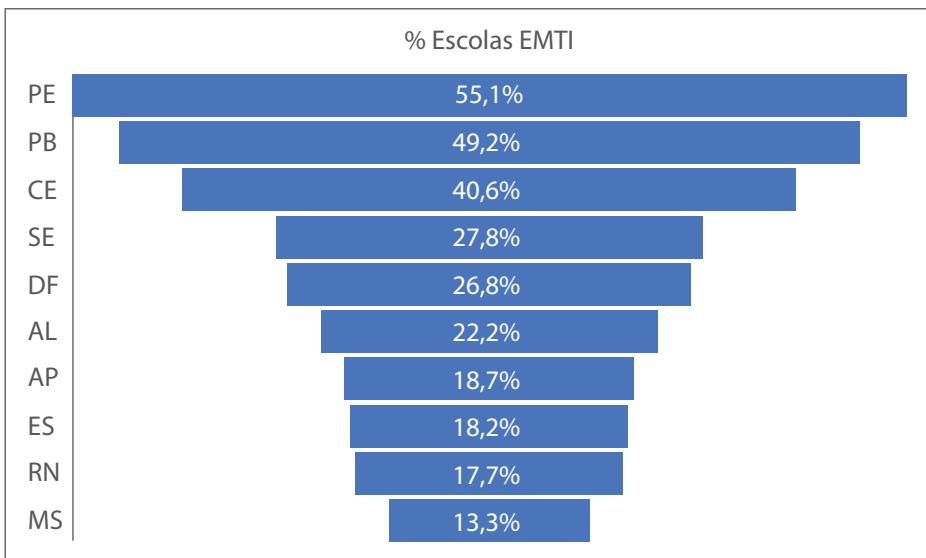
Rita e Luiz: Se o senhor pudesse fazer uma receita para conseguir a qualidade das nossas escolas, quais seriam os ingredientes e o modo de preparo?

Darcy: A receita parece bem simples, começo com a preparação dos nossos professores, dando a eles formação efetiva e continuada. Depois aumentar a carga horária diária na escola de 4 para 8 horas, o que chamamos de integral; trazer alunos e comunidade para dentro da escola tratando com respeito o seu contexto sociocultural; acrescentar atividades pedagógicas e culturais e o atendimento das necessidades de alimentação dos estudantes. Tudo isto dentro de escolas, com infraestrutura que possa acolher a comunidade e oportunizar lhe atividades/ações conforme o tripé mencionado: educação - cultura - saúde.

3. Perspectivas educacionais

Apesar da descontinuidade dos CIEPs de Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro, a ideia da educação integral não deixou de ser repensada e revisitada por estudiosos da educação. Principalmente, porque na LDBEN de 1996, no artigo 34, há a previsão do aumento da jornada escolar para o regime integral, e o Plano Nacional de Educação (PNE), pela Lei nº 13.005/2014, também estabeleceu que 25% dos estudantes deveriam estar com 7 horas ou mais de jornada de aula em 2024.

Diante das exigências destas normativas e em busca de atender à Meta 6 do PNE (2014), o ensino médio integral já totaliza 22% das escolas brasileiras. O primeiro estado a adotar a educação integral no ensino médio foi Pernambuco, seguido pelo Ceará, em 2017. Atualmente, 18 das 27 unidades da Federação já apresentam educação integral. A imagem a seguir mostra, em percentuais, a quantidade de escolas por estados e pelo Distrito Federal.



Fonte: PNE em movimento

Desde sua implantação, a educação integral foi se consolidando, e no ensino médio apresenta boa aceitação e bons resultados. Esta educação já contabiliza resultados satisfatórios como a diminuição da evasão escolar, além do aumento no atendimento de estudantes.

Um dos resultados mais destacados e perceptíveis se expressou no aumento do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), o modelo integral de 2017 para 2019 alcançou a média de 4,7, enquanto as escolas que não aderiram ao modo integral obtiveram 4,0 de nota.

Nos estados da Paraíba e de Pernambuco também foi comprovado que a maior permanência na escola contribuiu com a diminuição da criminalidade nos estados.

Há muito ainda a se apresentar sobre os benefícios que a educação integral tem alcançado nos estados e no Distrito Federal; em estudos em andamento, já se percebe a evidência de efeitos positivos, resultando em maior acesso ao ensino superior, maior renda e empregabilidade, melhor qualificação em profissões, entre outros benefícios.

O Brasil ainda está longe de alcançar plenamente a Meta 6, mas Darcy Ribeiro estava certo em defender uma educação integral e em tempo integral, pois os resultados, como já são vistos em outros países, podem, sim, transformar a educação do nosso país.

E como nosso mestre já dizia, “[...] um fator importante do nosso baixo rendimento escolar reside na exiguidade do tempo de atendimento que damos à criança” (RIBEIRO, 2018, p.

12). Por isso a educação em tempo integral é, sim, um caminho viável para proporcionar a qualidade educacional que nossos estudantes merecem e necessitam, em vista de alcançar a excelência tão desejada que Darcy Ribeiro sonhou para a educação do nosso Brasil.

Além da educação integral, há tantos outros aspectos educativos em que Darcy Ribeiro teve participação imprescindível e contribuiu para a educação do Brasil.

Referências

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/17-cooperacao-federativa/31-base-legal>. Acesso em 30 ago. 2022.

FELDKIRCHER, G. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil” – Darcy Ribeiro. **Revista, Verso e Prosa**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/sobre-o-site>. Acesso em 30 out. 2022.

RIBEIRO, D. **Educação como prioridade**. MAURÍCIO Lúcia V. (org.). 1. ed. São Paulo: Global, 2018.

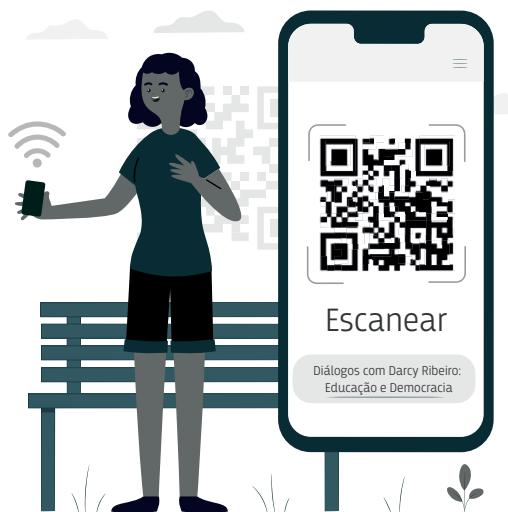
Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

Educação deve ser uma Prioridade um Diálogo com Darcy Ribeiro

Rita Rezende

Luiz Henrique Alves dos Santos

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



DIÁLOGO COM DARCY RIBEIRO E SUAS OBVIDADES

Celita Fernandes de Oliveira e Silva ²⁹

Juliana de Andrade Boel Neves ³⁰

Maria Madalena dos Santos ³¹

Esse diálogo versa sobre o óbvio, no qual o autor, Darcy Ribeiro, fala que lidamos com o óbvio, e o mais interessante é que este procedimento parece um jogo sem fim. De fato, só conseguimos desmascarar uma obviedade para descobrir outras, mais óbvias ainda.

Como é atual esse livro escrito na década de 80, período de outro contexto político, histórico e religioso, mas, se comparado aos dias de hoje, é lúcido, sagaz, pertinente e atual, pois converge em suas obviedades. Traça um paralelo entre o homem e a sociedade, problematizando vivências e encharcando de propósitos cada obviedade desvelada.

No transcorrer da leitura perceber-se-á as cinco obviedades apresentadas pelo autor, pois sua forma de falar durante sua vivência e percepção nos leva a refletir sobre acontecimentos da atualidade. Então, percebemos que convivemos alegre ou sofridamente por muito tempo, com fatos que após uma leitura e releitura dos acontecimentos, descobrimos serem meio assombrados, que as obviedades da vida são as descobertas que explicam confortavelmente toda incógnita do universo humano. Contudo, com possibilidades de recomeçar em uma nova perspectiva na atuação e desempenho neste mundo de obviedades.

1. Contextualizando a obra

Dialogar é sempre uma oportunidade de estabelecer instrumentos da cultura por meio de um encontro, encontrar-se com pessoas que têm outras opiniões e diferentes opções, ampliar os conhecimentos, não significando que abandonaremos os princípios, valores e certezas. É importante o diálogo entre a cultura e o aprendiz; são dois extremos, porém, com possibilidades de ver o diferente, conhecer e a partir de então deliberar em diversas questões por meio do conhecimento.

²⁹ Mestra em Educação Pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: celitavitoria@hotmail.com.

³⁰ Mestra em Educação Pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: juboei@gmail.com.

³¹ Mestra em Educação Pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: madaprof75@gmail.com.

No intuito de ampliar e aprofundar nossos conhecimentos, buscamos conhecer e nos encontrar com o antropólogo, sociólogo, educador, escritor e político brasileiro Darcy Ribeiro, que se destacou deixando valioso legado pelo trabalho em defesa da causa indígena e da educação no país. Darcy Ribeiro é um estudioso da população, da questão indígena, dos problemas estruturais e históricos do Brasil. Seus escritos todos versaram sobre o Brasil e os brasileiros.

Um aspecto fundamental da obra de Darcy Ribeiro é o seu esforço em propor uma análise da realidade brasileira sem importar de forma automática teorias e conceitos dos países considerados desenvolvidos, formulados para pensar realidades muito diferentes da nossa. Esta é uma antropologia que rompe com o eurocentrismo vigente na intelectualidade do país. Suas reflexões são conhecidas por apresentarem uma análise sistemática da questão nacional e do desenvolvimento do Brasil.

Marcos Darcy Silveira Ribeiro, conhecido publicamente como Darcy Ribeiro, é um mineiro de Montes Claros, nasceu dia 26 de outubro de 1922 e faleceu em 17 de fevereiro de 1997. Todavia, suas obras e a sua história perpetuam sua presença em meio ao povo brasileiro, no contexto social, nas pesquisas antropológicas e na política.

2. Dialogando sobre as obviedades

Fomos ao encontro de Darcy Ribeiro para conversarmos sobre o tema do óbvio e das obviedades existentes, para desvendá-las, pois segundo ele, Deus precisa de uma categoria de gente, os cientistas, e que quando desvendadas, revelam-se outras mais óbvias ainda.

Madalena: Darcy, é muito bom encontrá-lo e poder compreender melhor a sua percepção sobre as obviedades que ainda perpassam pela nossa atualidade, fala para nós sobre esta percepção encantadora e contemporânea?

Darcy: É bom lembrar que a palavra óbvio se refere a algo que é evidente, uma proposição óbvia é aquela que aparece imediatamente verdadeira para quem entende. Também ela se aplica a ato ou fato que está à vista, muito claro e não é difícil de entender, é evidente. Então, acho mesmo que os cientistas trabalham é com o óbvio. O negócio deles e o nosso, é lidar com o óbvio. Aparentemente, Deus é muito treteiro, faz as coisas de forma tão recôndita e disfarçada que se precisa desta categoria de gente, os cientistas, para ir tirando os véus, desvendando, a fim de revelar a obviedade do óbvio. O ruim deste procedimento é que parece um jogo sem fim. De fato, só conseguimos desmascarar uma obviedade para

descobrir outras, mais óbvias ainda. E esse é o encantamento da descoberta. Para começar, é óbvio, por exemplo, que todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá sua volta pelo céu, e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recordados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. Demonstrar que a coisa não era como parecia, além de muito difícil, foi penoso, todos sabemos. Esta dinâmica do sol se dá para nós, pelo fato do mesmo nascer, se levantar, dar a volta no céu e se pôr. A ideia cultivada sobre essa questão é divina. Entretanto, a questão heliocêntrica se faz implícita em meio a essa colocação.

Celita: Como você vê a questão da pobreza, realidade que ainda perpassa a história brasileira e muitas pessoas tiram proveito da miséria que assola muitos seres humanos?

Darcy: Então, esta questão dos pobres viverem dos ricos é uma obviedade que foi retirada, sendo colocada uma ótica, ou outra obviedade, subversiva do fato, uma visão marxista, a qual revela que a real necessidade é dos ricos em relação à existência dos pobres, pois eles precisam de mão de obra barata para garantir as suas regalias. Como iriam sustentar este glamour sem o discurso sobre a pobreza e a dependência dos pobres para sobreviver nesta visão capitalista, não conseguindo ver além do seu próprio interesse?

Então sempre evidenciam questionamentos do tipo: Sem os ricos o que é que seria dos pobres? Quem é que poderia fazer uma caridade? Como conseguir um empreguinho? Seria impossível arranjar qualquer ajuda. Sem rico o mundo estaria incompleto, os pobres estariam perdidos. Mas vieram pessoas que disseram que não, e atrapalharam os planos egoístas do quero mais. Tiraram aquela obviedade de dependência e puseram outra oposta no lugar. Aliás, uma obviedade revolucionária, eles precisam de mão de obra barata para agregar valores altos em sua economia. Muitas vezes atônita, a humanidade vê seus sistemas políticos e econômicos serem insuficientes para suprir as lacunas de desigualdade causadas durante séculos e ainda se depara com noticiários alarmantes. Portanto, percebe quando o assunto é eleições, que é imprescindível o discurso de candidatos que aspiram trabalhar pelo bem de todos, vislumbrando a construção de uma sociedade justa, fraterna e pacífica, e em contrapartida, o povo anseia por justas mudanças; entretanto, a cada dia que passa fica mais difícil a realização disso, pois o sistema trabalha para manter a dependência dos menos favorecidos ao invés de promover a liberdade e sua autonomia, por meio de uma formação intelectual que proporcione o caminhar com dignidade pessoal e profissional e na busca do bem comum. Mas o verdadeiro conceito de política implica o exercício do amor social; contudo, vivenciamos uma realidade que prima por uma mentalidade individualista

e de fechamento, em que presenciamos realidades como o indiferentismo, a redução dos direitos humanos e um projeto social excludente, causadores de sofrimento para grande parcela da sociedade. Conforme a proposta política, ela determina que todos tenham acesso ao usufruto de algo que beneficie a sociedade como um todo, o que exige prudência da parte de cada um e mais ainda da parte dos que exercem a autoridade emanada do povo. Por isto, posso escolher as pessoas que vão fazer a diferença na vida de quem necessita ser atendido em suas peculiaridades, pois a realidade política é a melhor arte de caridade para alcançar fisicamente aqueles indivíduos que passam despercebidos dos holofotes sociais.

Juliana: Darcy, somos um povo mestiço, e isto nos leva ao tema da miscigenação cultural. Como você percebe a difundida falácia de que os negros são inferiores aos brancos, e esta postura aparenta uma verdade?

Darcy: Esta obviedade relacionada à questão de que os negros são inferiores aos brancos e que por isso não conseguem ascender socialmente, tudo isso advém de razões históricas. Sempre tivemos dados que revelaram que a experiência de vida de uma pessoa com a cor da pele negra é mais difícil, em todos os sentidos, do que a de quem tem a cor branca, assim como os negros também vivem menos, estudam menos e moram em casas com infraestrutura inferior. Mas, mediante alguns avanços sociais podemos encontrar notícias mais humanizadas apontando que a desigualdade entre brancos e negros caiu pela metade graças a avanços em educação. É uma obviedade que o espaço para este povo é negado desde muito tempo, sendo que a abolição da escravatura não foi suficiente para a sonhada conquista da liberação. Os brasileiros de fisionomia negra, apesar de concentrados nos extratos mais pobres, não atuam social e politicamente motivados pelas diferenças raciais, mas pela conscientização do caráter histórico e social. Todos os avanços pertinentes à posição do povo negro, com uso ou não de forças políticas, foram resultado de seu próprio trabalho e de muita mobilização e luta. Por isto que digo que a obviedade de um povo educado resulta num povo libertado das amarras que o aprisionam em um passado obscuro permeado por injustiças manifestadas por aversão, hostilidade e ódio contra pessoas que possuem o mesmo direito que os brancos.

Madalena: Darcy, olhando a realidade do povo brasileiro, qual a sua percepção do preconceito e como você o classifica?

Darcy: Esta é a quarta obviedade em relação ao povo brasileiro, considerado um povo chinfrim, vagabundo, um povo inferior. Além de sermos um povo mestiço, inapto ao progresso, somos um povo que vive nos trópicos, ou seja, tropical, e se correlacionarmos um povo tropical e

civilização, aí não dá. Sem falar da nossa ancestralidade portuguesa. Quando analisamos mais a fundo, percebemos que a realidade é outra; contudo, a colonização da América do Norte começou 100 anos após a nossa e infelizmente está à frente da nossa, e isso é frustrante. Outra evidência do nosso atraso é sermos católicos barrocos atrasados, que ainda permite ser catequizado e aculturado como os povos indígenas que aqui moravam, todavia, a causa real do atraso brasileiro, recai sobre nós mesmos, a obviedade que não há um país construído mais racionalmente pela classe dominante do que o Brasil, por isto ainda submetemos aos interesses desta classe. Também é uma obviedade a nossa classe dominante e seus adeptos representando a realidade de nosso atraso, sendo que sempre buscaram levar as pessoas a acreditar que o Brasil não era capaz. Isto é uma obviedade falsa, pois nosso país sempre teve produtos rentáveis para a economia do Brasil, tais como o açúcar, café, borracha, cacau, porém, a produção e o cultivo feitos com uma mão de obra gratuita, à base da exploração dos escravos, proporcionando lucros ainda mais altos. Para deixar mais amena a situação, a classe dominante buscava a moralização da educação elementar, direcionada para a salvação dos indivíduos; então podemos perceber que a crise educacional não é crise, mas um programa trabalhado para deixar obscurecida a obviedade do progresso. Mas vejo que o povo brasileiro é um novo povo, que se difere de suas matrizes formadoras, dinamizadas por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais, um novo povo porque se vê a si mesmo e é visto como uma nova gente.

Celita: Como é bom ter a oportunidade de conversar com você, Darcy, sobre o contexto da minha profissão. Mediante os desafios encontrados no legado educacional, existe a narrativa do fracasso, contudo, é possível encontrar pessoas que apostam neste avanço no campo da aprendizagem. Qual a sua visão nesta perspectiva, quando se fala do fracasso brasileiro na universalização do ensino?

Darcy: Precisamos estar atentos para a façanha educacional da nossa classe dominante. Esta é realmente extraordinária! E por isso é que eu não concordo com aqueles que, olhando a educação desde outra perspectiva, falam de fracasso brasileiro no esforço por universalizar o ensino. Somente a educação pode dar voz aos menos favorecidos e trazê-los à liberdade, por meio de uma leitura precisa de mundo. Eu creio que não há fracasso, mas uma visão obscura dos acontecimentos, mesmo porque o principal requisito de sobrevivência e de hegemonia da classe dominante que temos é precisamente manter o povo chucro. Um povo bronco, neste mundo que generaliza tonta e alegremente a educação, é, sem dúvida, fenomenal. Mantido ignorante, ele não estará capacitado a eleger seus dirigentes facilitando a prática do populismo demagógico. Perpetua-se, em consequência, a sábia tutela que a elite educada, ilustrada, elegante, bonita, exerce paternalmente sobre as massas ignoradas.

Tutela cada vez mais necessária porque, com o progresso das comunicações, aumentam dia a dia os riscos de nosso povo se ver atraído pela educação e a busca de igualdade. Assim se vê o equívoco em que recai quem trata como fracasso do Brasil em educar seu povo, o que de fato é uma façanha.

Juliana: Que espetáculo seu conhecimento no tocante à educação! Fale mais um pouco sobre esta generalização para compreendermos este viés educacional.

Darcy: Duas são as vias históricas de popularização do ensino elementar. Primeiro, a luterana, que se dá com a conversão da leitura da Bíblia no supremo ato de fé. Disso resulta um tipo de educação comunitária em que cada população local, municipal, trabalhada pela Reforma Protestante, faz da igreja sua escola e ensina ali a rezar, ou seja, a ler. Esta é a educação que se generalizou na Alemanha e, mais tarde, nos Estados Unidos, como educação comunitária.

A outra forma de generalização do ensino primário foi a cívica, napoleônica, promovida pelo Estado, fruto da Revolução Francesa, que se dispôs a alfabetizar os franceses para deles fazer cidadãos. Os franceses todos, constituídos por bretões, flamengos, etc., aquela quantidade de gente provinciana, falando dialetos atravancados, não agradava a Napoleão. Ele inventou, então, esta coisa formidavelmente simples, que é a escola pública regida por uma professorinha primária, preparada num internato para a tarefa de formar cidadãos. Foi ela, com o giz e o quadro-negro, que desasnou os franceses, e desasnando, os fez cidadãos, ao mesmo tempo em que generalizava a educação.

Como se vê, temos duas formas básicas de promover a educação popular: uma, a religiosa, que é comunitária, municipal ou estadual; a outra, a cívica, que é estatal e, em consequência, federal. O Brasil, com os dois pedros imperiais, todos os presidentes civis e todos os governantes militares e os que os sucederam de então até hoje, apesar de católico, adota a forma comunitária luterana. Ou seja, entrega a educação fundamental aos governos municipal e estadual, exatamente os menos interessados em educar o povo.

Pois bem, prestem atenção, e se edifiquem com a sabedoria que os nossos representantes revelam neste passo: ao entregar a educação primária exatamente àqueles que não queriam educar ninguém porque achavam uma inutilidade ensinar o povo a ler, escrever e contar, ao entregar exatamente a eles, ao prefeito e ao governador, a tarefa de generalizar a educação primária, a condenavam ao fracasso, tudo isso sem admitir, jamais, que seria o preço a pagar por tamanho descaso educacional.

Madalena: Nossa! Como é impressionante o itinerário da construção educacional! Isso nos remete à luta dos nossos antepassados para nos deixar a herança da aprendizagem. No entanto, não conseguimos avançar profissionalmente sem a preparação acadêmica; por gentileza, fale mais sobre esta construção, como surgiu a ideia de uma educação universitária.

Darcy: Recorde-se que as dezenas de universidades do mundo hispano-americano foram criadas a partir de 1550, durante os séculos da vida colonial, formando mais de 150 mil doutores. No Brasil, quem tinha dinheiro para educar o filho em nível superior, mandava-o para Coimbra, Portugal. Como eram poucos os abastados, em todo o período colonial, apenas conseguimos formar uns 2.800 bacharéis e médicos. Isso significa que, por ocasião da Independência, devia haver, se muito, uns dois mil brasileiros com formação superior, aspirando a cargos e mordomias. Havia, por consequência, um vasto lugar para aqueles 15 mil fâmulos reais que caíram sobre o Rio de Janeiro, a Bahia e o Recife, convertendo-se, rapidamente, no setor hegemônico da classe dominante, classe dirigente do país, logo aquinhoadas com sesmarias latifundiárias e vasta escravaria. O Brasil cria as suas primeiras escolas depois do desembarque da Corte. E as cria para ter um modelo local. Mas as organiza segundo o molde napoleônico, federal, e não municipalmente. Elas nascem como criações do governo central, estruturadas em escolas superiores autárquicas que não queriam ser aglutinadas em universidades. Nossa primeira universidade só se cria em 1922. E se cria por decreto, por uma razão muito importante, ainda que extraeducacional: o rei da Bélgica visitava o Brasil, e o Itamarati devia dar a ele o título de Doutor Honoris Causa. Não podendo honrar ao reizinho como o protocolo recomendava, porque não tínhamos uma universidade, criou-se para isso a Universidade do Brasil. Assim, Leopoldo se fez doutor aqui também. Dessa forma, foi criada a primeira universidade brasileira. Uma universidade que, desde então, se vem estruturando e sendo desestruturada, como se sabe.

Celita: Então, vale ressaltar a importância da universidade para efetivar uma cultura de inovação e empreendedorismo, por meio da formação de pessoas, o que promove o desenvolvimento de uma nação.

Darcy: Mas o modelo se multiplicou prodigiosamente como os peixes do Senhor. Hoje contamos com muitas universidades e um sem número de cursos superiores em que já estudam mais de um milhão de jovens. São tantos, que já há quem diga que nossas universidades enfrentam uma verdadeira crise de crescimento, asseverando mesmo que seu problema decorre de haver matriculado gente demais. Teriam elas crescido com tanta demasia que, agora, não podendo digerir o que tem na barriga, jiboiam? Eu acho que o conceito de crise de crescimento não expressa bem o fenômeno. Nossa caso é outro. O

que ocorre com a universidade no Brasil é mais ou menos o que sucederia com uma vaca se, quando bezerra, ela fosse encerrada numa jaula pequenina. O animal está crescendo naturalmente, mas a jaula de ferro aí está, contendo, constringindo. Então o que cresce é um bicho raro, estranho. Este bicho nunca visto é o produto, é o fruto, é a flor acadêmica dessa classe dominante sábia, preclara, admirável que temos e que nos serve e a quem servimos patrioticamente contritos. Cremos haver demonstrado até aqui que no campo da educação é que melhor se concretiza a sabedoria das nossas classes dominantes e sua extraordinária astúcia na defesa de seus interesses. De fato, uma minoria tão insignificante e tão claramente voltada contra os interesses da maioria só pode sobreviver e prosperar contando com muita sagacidade, enorme sabedoria, que é preciso compreender e proclamar.

Juliana: Darcy, com tanto discurso sobre o valor da educação para a construção de um mundo melhor, percebemos que no Brasil ainda existem muitos analfabetos; segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o analfabetismo afeta 6,6% da população brasileira, o que corresponde a 11,041 milhões de pessoas, números de 2019 (BRASIL, 2022, n.p.) No entanto, o Plano Nacional de Educação pretende zerar o analfabetismo no Brasil até 2024. Você acredita na possibilidade de reverter esta situação?

Darcy: Esse alto índice é estimulado pelos modelos antigos de educação, que não se preocupam com uma política que aponta para modificações, tudo é engessado, e não se possibilita a criatividade dos indivíduos, produzindo insegurança e insatisfação pessoal. Seguem o percurso do pensamento da classe dominante sobre o assunto em pauta; a forma negativa foi pensar a mobralização da nossa educação elementar. A nosso ver, o Mobral é uma obra maravilhosa de previdência e sabedoria. Com efeito, é a solução perfeita. Quem se ocupe em pensar um minuto que seja sobre o tema, verá que é óbvio que quem acaba com o analfabetismo adulto é a morte. Esta é a solução natural. Não se precisa matar ninguém, não se assustem! Quem mata é a própria vida, que traz em si o germe da morte. Todos sabem que a maior parte dos analfabetos estão concentrados nas camadas sociais dos mais avançados em idade e dos mais pobres da população. Sabe-se, também, que esse grupo vive pouco, porque come pouco. Sendo assim, basta esperar alguns anos e se acaba com o analfabetismo. Mas só se acaba com a condição de que não se produzam novos analfabetos. Para tanto, tem que se dar prioridade total à não produção de analfabetos. Todas as crianças matriculadas na escola, aos cuidados de professores capazes e devotados, a fim de não mais produzir analfabetos. Porém, se se escolarizasse a criançada toda, aí pelo ano 2024 não teríamos mais um só analfabeto. Percebem agora onde está o nó da questão?

Naturalmente que há nisto implicações. Uma delas, a originalidade ou o contraste que faremos no ano 2024. Então, todas as nações organizadas para si mesmas e que vivem como sociedades autônomas, estarão levando a quase totalidade da sua juventude às escolas de nível superior. Neste momento, nos Estados Unidos, mais de 70% dos jovens já

estão ingressando nos cursos universitários. Cuba avança a passos largos; os cubanos são muito pretensiosos, estão prometendo matricular toda a sua juventude nas universidades. Primeiro, eles tentaram generalizar o ensino primário. Conseguiram. Generalizaram, depois, o secundário. Agora, pretendem universalizar a educação superior. Há indicativos de que já no próximo ano todos os jovens que terminam os seis anos do secundário entrarão para a universidade. É claro que, para isso, a universidade teve de ser totalmente transformada.

Reflitam um pouco sobre este tema e imaginem o efeito turístico que terá, num mundo em que todos tenham feito curso superior, um Brasil com milhões de analfabetos. Pode ser um negócio muito interessante, não é? Sobretudo se eles continuarem com essas caras tristonhas que têm, com esse ar subnutrido que exibem e que não existirá mais neste mundo. O Brasil poderá então ser, de fato, o país do turismo, o único lugar do mundo no qual se poderá ver coisas assim, de outros tempos, coisas raras, fenomenais, extravagantes. Em consequência, a crise educacional do Brasil da qual tanto se fala não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos amanhã falarão por si mesmo. É preciso lutar por uma educação desenclaustrada, em que os seres humanos possam sonhar e alçar voos em busca de sua libertação intelectual e, consequentemente, a autonomia pessoal e profissional. Chega de criar modismo na educação! Ela precisa ser libertadora, não podemos querer aprisionar as pessoas, ter o domínio sobre as mesmas, pois um país educado é um horizonte para a prosperidade de toda nação.

Madalena: E agora, no mundo contemporâneo, mais de três décadas após falar sobre obviedades, como o senhor avalia as obviedades que destacou naquela época?

Darcy: Tenho pensado que Deus está nos desafiando a descobrir outras obviedades ou a refletir sobre as existentes. E ele é sagaz, pois para cada descoberta feita, cada vez que os cientistas se empolgam e, eureka!!!! Descobrem algo óbvio, que nos desafia com o dobro de dúvidas a descobrir outras obviedades.

Realmente, tenho refletido sobre essas obviedades. Poucas vezes tenho visto tamanha necessidade de afirmar e reafirmar o óbvio. Algumas obviedades ainda continuam sendo óbvias, mas se me permite pontuar, uma obviedade me intriga nos dias atuais. Como uma pandemia, mesmo depois do homem ter ido à lua, enviado satélites ao espaço, ter domínio tecnológico e se habilitar na manipulação da reprodução humana, foi capaz de reduzir tanto o poder humano? O mundo se viu frente a um vírus mortal e invisível. Já não bastava mais a superioridade financeira, pobres e ricos tiveram que enfrentar a Covid-19. É claro que cada uma dentro da sua realidade, mas todos foram diminuídos perante a grandeza desse vírus. Mais uma vez, esperávamos dos cientistas a descoberta do óbvio. Cadê a cura? Cadê a vacina? Como se transmite? Como se evita?

Até que essas respostas fossem dadas pelos cientistas, a grande maioria da população que se pôde dar a esse luxo, ficou em casa como medida restritiva de evitar a proliferação do vírus.

Tá aí mais uma obviedade, os cientistas descobriram a vacina, e, mesmo sendo distribuída pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ainda é negada por uma grande parcela de brasileiros que não acreditam que a vacina tenha eficácia, ou que a Covid-19 não passa de uma gripezinha. Quanto negacionismo! Quanta negação científica! O obscurantismo visto na ciência tem fortificado a necessidade de provar o óbvio. Na realidade, a questão é lidar com o óbvio.

Outra obviedade que tem deixado de ser óbvia é o filho do pobre ter certeza de um futuro pobre. Tenho visto jovens das favelas, naturalmente fadados ao fracasso, cursarem universidades antes frequentadas só pela classe dominante e concluírem os mais variados cursos de nível superior. Tenho visto mulheres no poder, lutando pela igualdade, inclusive mulheres negras na política, espaço antes frequentado apenas por brancos empoderados, assim quebrando paradigmas de obviedades. Tenho visto idosos analfabetos, por meio do letramento buscando a chance de não ser apenas números nas estatísticas negativas do analfabetismo. Tenho visto tantas incertezas virarem certezas que uma das obviedades que resta é a esperança.

3. As obviedades e a educação

Para manter esta chama acesa, faz-se necessário buscar soluções na educação, o que nos leva às reflexões feitas pelo saudoso Darcy Ribeiro, que convida cada educador a acreditar nesta prática para a construção de um mundo melhor.

Falar sobre a educação brasileira é voltar no tempo e tentar entender as causas que hoje assolam o cenário educacional. Darcy Ribeiro discorre sobre o gérmen de uma educação fragilizada desde que o nosso país foi colonizado pelos portugueses, até as consequências provocadas por atitudes falhas em relação a esse importante instrumento.

Quanto à questão do senso comum, ainda vivemos no momento do “achismo”, em que nosso conhecimento se dá por intermédio do que está à nossa frente e não em um conhecimento concreto pautado na veracidade científica. A ciência tem contribuído para o esclarecimento de muitos fenômenos que acreditamos ser verdade e por meio dela podemos compreender que nem tudo o que conhecemos ou acreditamos é verdadeiro. O autor afirma ainda que o nosso país, durante muito tempo, foi visto como subdesenvolvido e inferior por sua historicidade, mas que no decurso do tempo e da ciência essa visão pode ser contraposta.

Pontos estes imprescindíveis para a análise do processo educativo tendo em vista o objetivo de promover no aluno uma visão mais aprofundada sobre a realidade social, garantindo-lhe também a possibilidade de despertar sua consciência, ampliando assim sua visão de mundo, de forma que ele venha a atuar como sujeito sociocultural, voltado para a busca de caminhos de transformação social.

A educação deve beneficiar a formação da cidadania, e a luta pela mesma, na contemporaneidade, exige direito ao conhecimento, pois, a sociedade em tempos de tecnologias traz uma nova lógica que descentraliza o acesso à informação e facilita a livre comunicação entre as pessoas.

O conhecimento é um propósito para a emancipação, em que os cidadãos, de posse de conhecimentos, serão capazes de opinar em decisões políticas, que mudam o jeito de pensar, ser e agir na sociedade na qual estão inseridos. Assim, o desenvolvimento da cidadania cultural, crítica e ativa depende também do ter conhecimento sobre ciência. Portanto, para atender as demandas da atualidade, a educação necessita deste olhar científico e precisa alicerçar suas práticas pedagógicas nas obviedades das descobertas científicas.

Referências

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)** 2019. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

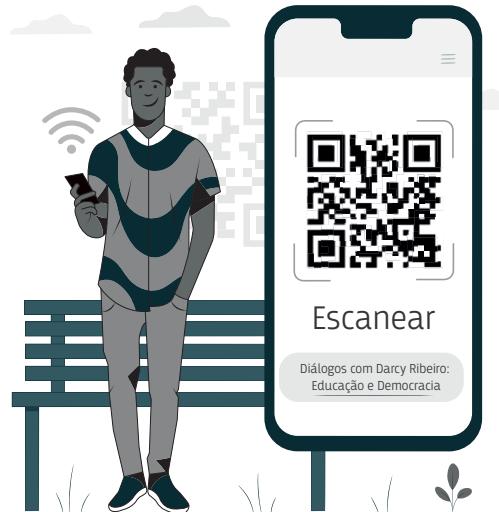
Diálogo com Darcy Ribeiro e suas Obviedades

Celita Fernandes de Oliveira e Silva

Juliana de Andrade Boel Neves

Maria Madalena dos Santos

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Vasti Ribeiro de Sousa Soares ³²

Identidade

Intelectual e Altruísta.
Influente e Sonhador.
Idealizador e Educador.
Político e Antropólogo.
Ousado e Irreverente.
Ousadia! Uma palavra forte.
Forte, como aquele que a toma como
ferramenta de luta.
O ousado é indomável,
Mas também sente dor, sente medo,
chora, sofre
Às vezes ri de si mesmo...
Mas não desiste!
Levanta-se sempre e renova suas forças
como a águia.
Como a águia que vê de longe seus
propósitos.
Sim, quando tem essa certeza se embriaga
de euforias e gratidão.
Assim é.
Darcy Ribeiro. Nossa muito obrigada!

Vasti Ribeiro

Em comemoração ao centenário do aniversário do emérito Darcy Ribeiro, nos debruçamos em conhecer um pouco de sua trajetória de lutas pela educação brasileira. Darcy foi um altruísta veterano, era admirado por vários ícones da política brasileira e internacional. Conhecido como defensor do ensino público, lutava por inovações na educação, ciência e

³² Mestranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: vastiribeiro50h@gmail.com.

tecnologia. Considerado um intelectual ousado e irreverente, adjetivos estes que se tornaram ferramentas para projetar uma universidade inovadora para a Capital Federal.

Nascido em Montes Claros, MG, no dia 26 de outubro de 1922. Seu pai, Reginaldo Ribeiro dos Santos, era farmacêutico, e sua mãe, Josefina Augusta da Silveira, professora. De posse de um histórico brilhante, em sua carreira, Darcy Ribeiro sempre tinha mais a acrescentar à sociedade. Dedicou sua história para concluir esse colossal projeto de criar uma universidade, que revolucionou a história da educação brasileira. Teve uma magnâima carreira, deixando para as próximas gerações um conceito de educador brasileiro que “não foge à luta” (SILVA; ESTRADA, 1822/1909, p.1).

Apesar de no prólogo 07 do livro de Darcy Ribeiro o estudo fazer menção, à criação de uma universidade, Darcy Ribeiro já bem antes se preocupava também com a expansão da educação básica. Sobre isso, em 1982, escreveu uma frase dolorosa, a qual mostrava o outro lado de não investir em escolas e na valorização profissional, tendo que investir na construção de prisões. Um tempo de efervescer das crises penitenciárias de menores os quais poderiam estar entre quatro paredes de uma escola, buscando conhecimento, e, ao contrário, estavam reclusos em superlotadas prisões. Em relação a isso, Darcy Ribeiro mostrou um novo caminho para essa crise, ou seja, é preferível construir mais escolas.

*“Se os governadores não construírem escolas,
em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios.”*

Darcy Ribeiro

1. O contexto da obra: “UnB - invenção e descaminho”

O livro “UnB - invenção e descaminho” relata as falas, reflexões, memórias e o legado sobre a vida de Darcy Ribeiro. Faz parte de um conjunto de obras memoráveis do emérito escritor, na qual põe em apreço os grandes nomes da diplomacia brasileira, da cúria da Igreja Católica e mentores da educação no país, arquitetos, antropólogos e críticos do século XX. Cabe destacar, dentre outros, Paulo Renato de Souza, Cristovam Buarque, João Cláudio Todorov e Anísio Teixeira.

Neste livro, Darcy Ribeiro faz uma retórica desta trajetória quanto ao seu ambicioso projeto do “Nascimento da Universidade de Brasília”, tendo como tema central criar “uma universidade capaz de dominar todo o saber humano e de colocá-lo a serviço do desenvolvimento nacional” (RIBEIRO, 1991, p. 7). Ao longo da obra usa de cautela ao detalhar a criação da universidade, relembrando não somente alguns obstáculos, aqueles advindos dos opositores ao seu projeto,

mas também sobre todo apoio que recebera ao ser percebido a sua intelectualidade e irreverência no que se tratava de inovar a educação brasileira.

Já nos primeiros parágrafos vai nos contar que a capital Brasília e a Universidade de Brasília nasceriam com sonhos colossais; enquanto Juscelino programava uma capital que fosse a cidade intelectual, sede de todos os poderes e berço das forças armadas, por outro lado, Darcy Ribeiro fora desafiado a criar uma universidade que fosse compatível com a moderna cidade de Brasília, uma porta aberta para se repensar a estrutura das outras universidades já existentes.

Darcy sempre foi relutante, enfrentava a mídia em relação a críticas sobre o cerrado goiano, no qual seria implantada a nova capital. Para ele seria como nos tempos da descoberta de ouro em Minas Gerais, que atraiu famílias inteiras na busca do ouro. Construída Brasília no centro do país, sem dúvida seria um ideal de perspectivas novas de progresso. Esse paradigma daria ênfase também no que Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira cogitassem projetar a Universidade de Brasília (UnB).

A par disto, Darcy Ribeiro ousou criar uma universidade na qual a comunidade acadêmica fosse autônoma e independente, com sábios capazes de operar em duas órbitas: a de dominar todo saber humano, para ganhar existência própria dentro da comunidade científica mundial fazendo com que o Brasil realizasse seus próprios potenciais; e a pretensão de formar uma universidade integrada, em que o conhecimento seria conquistado pelo seu valor intrínseco em vez de apenas seu valor metodológico, e ofertar cursos de graduação e pós-graduação os quais seriam em prol da formação de professores.

Neste sentido, para que essa intencionalidade fosse concluída, antes de esta proposta chegar às mãos do presidente, obteve algumas adesões e também enfrentou oposições de assessores de JK, pois queriam “a nova capital livre de badernas estudantis, assim como de greves de operários” (RIBEIRO, 1991, p. 8). Essa ideia a princípio viera também do presidente, mas não foi mais relevante do que receber o apoio de Cyro dos Anjos e Victor Nunes Leal, que conseguiram, em decreto, para que ele, Darcy Ribeiro, projetasse uma universidade para nova capital, de acordo com os moldes de desenvolvimento e progresso.

Enfim, seu sonho começou a ganhar forma, quando em 21 de abril de 1960, o presidente Juscelino solicitou a criação da Universidade em Brasília. O então projeto foi aprovado com louvor pela maioria favorável, sua criação foi autorizada pela Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília como mantenedora. Tudo isso em meio ao tumulto da renúncia do presidente Jânio Quadros. Em meio a grandes controvérsias

e discussões para tomada de decisão sobre o projeto, ali estava Darcy Ribeiro “com toda uma lei admirável que deveria pôr em execução” (RIBEIRO, 1991, p. 10).

A partir desse decreto, Darcy ainda passaria por desesperos e preocupações, vendo seu projeto ser desnudado e considerado uma universidade de utopia, sendo ameaçada para reportá-la a uma universidade de cunho jesuítico. Não teve outra alternativa a não ser recorrer aos chamados cães de Deus³³, aos dominicanos, propondo entregar a estes um “Instituto de Teologia Católica dentro da Universidade de Brasília” (RIBEIRO, 1991, p. 8). Darcy Ribeiro almejou intensamente grande diversidade interna, pessoas com formação diferenciada, que se apresentavam aos olhos externos como um grupo homogêneo, uma verdadeira irmandade na cidade do saber, exatamente com essas palavras.

Mesmo com todos estes percalços, contou com o apoio de grandes intelectuais brasileiros, como Anísio Teixeira, José Israel Vargas, Antônio Houaiss, Eduardo Galvão, Luiz Labouriau, José Leite Lopes, Florestan Fernandes, e com isso conseguiu carta livre, por meio da máquina do Estado, para criar uma universidade que atendesse às exigências da nova capital.

Porém, para iniciar o projeto, Darcy Ribeiro precisava da autorização de Juscelino, o que conseguiu logo após decidirem sobre a urbanização de Brasília e a divulgação do plano admirável de Lúcio Costa para a nova capital, na qual a arquitetura de Brasília seria entregue a Oscar Niemeyer, o único gênio brasileiro nesta modalidade. Desta forma Brasília sendo projetada como cidade moderna a universidade, teria que acompanhar o modernismo.

Logo, o período inicial da instalação da universidade, em 1962, coincidiu com uma crise na sucessão presidencial, em que forças políticas progressistas levantaram a bandeira das reformas: agrária e urbana. No entanto, a luta pela reforma universitária ganhou as ruas com um movimento estudantil bem organizado e com grande espaço de mobilização. Com toda essa demanda política, a universidade passou dificuldades quanto à necessidade de alargar seus espaços de diálogo. Enfrentou vários incidentes, o que era para ser uma universidade longe da agitação estudantil, tempos depois seria palco de perseguições e prisões pela ditadura militar que ainda estava muito presente na vida dos brasileiros.

³³ COSTA, R. Os Cães do Senhor. O papel da Ordem dos Pregadores na renovação urbana e intelectual do Ocidente Medieval (séc. XIII). Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/os-caes-do-senhor>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Este projeto foi visto de fora como inegável, porém à medida que ia sendo conhecida sua persistência e intelectualidade compatíveis com seu gigantesco projeto, foi recebendo apoio de grandes líderes políticos, críticos e cientistas brasileiros. Darcy Ribeiro, um intelectual altruísta, e em meio às grandes massas políticas sobrepujou com seu admirável projeto educativo para a nova capital.

2. Do projeto ao sonho realizado da construção da UnB



Campus Universidade de Brasília

Fonte: <https://www.noticias.unb.br/universidade-de-brasilia-completa-55-anos>.

Em 21 de abril de 1961, nascia “Brasília, a capital da esperança” (MALRAUX, 1959). Seu construtor foi Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil entre 1956 e 1961. Brasília foi projetada pelos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. O lema do governo JK, 50 anos em 5, foi concretizado por meio do Plano de Metas, que previa grandes investimentos em setores estratégicos para a industrialização. Tal como Brasília nasceu de um sonho ousado do presidente eleito, pensada com uma visão de renovação política, administrativa e estética, assim a Universidade de Brasília (UnB) nasceu com a responsabilidade de ser um novo modelo do ensino superior.

O sonho de Darcy Ribeiro nasceu em 15 de dezembro de 1962. A Universidade de Brasília do reitor Darcy Ribeiro é a universidade que vive os tempos de pioneirismo, de muitas dificuldades, e também muitas realizações alimentando um clima de euforia. Foi um marco na vida

intelectual e cultural para o país, mesmo num período pós-revolucionário e autoritário, em que as forças conservadoras não puderam impedir a vasta produção intelectual cogitando novos níveis de cursos formalizados.

Neste mesmo período houve o Golpe de Estado, e em 9 de abril de 1964 a universidade foi ocupada pelas tropas da polícia militar de Minas Gerais. Nesse regime, os alunos e professores foram atingidos, efetuaram-se prisões de professores e alunos, porém, de todos os lados recebiam apoio, pois tinham algo em comum, a luta reivindicatória em prol da transformação e modernização do sistema universitário, uma das premissas para alavancar o desenvolvimento do país.

Devido a essa força de resistência e persistência, a universidade foi ganhando espaço em meio às demandas de outras universidades, em sua maioria isoladas, elitistas e sujeitas às cátedras, com cursos profissionalizantes desintegrados. Neste ínterim, Darcy prosseguiu na busca de soluções para as mesmas, contribuindo para um próximo passo, despertando na sociedade a busca de reivindicações em prol da reforma universitária em todo país.

Esse pensamento inovador e constante de Darcy Ribeiro possibilitou o renascimento de uma comunidade universitária diferente dos padrões antigos, pelas próprias circunstâncias de suas origens e pela adaptação necessária a novas convivências. O trabalho deste gigante da educação brasileira não influenciou apenas um monumento para a capital, mas ousou também na formação de mentes inovadoras, suscitando um exército de luta para o enlevo da ciência e tecnologia.

A UnB de hoje – A Universidade de Brasília, inaugurada em 1962, nasceu imbuída do senso de responsabilidade social, se tornou uma Instituição de Ensino Superior Federal que figura sempre entre as melhores do país. Pode-se afirmar que no Brasil a Universidade de Brasília é considerada a principal universidade do Centro-Oeste brasileiro, levando em consideração a sua expansão, hoje contando com cerca de 3 mil professores, 3 mil funcionários técnico-administrativos e mais de 30 mil alunos matriculados.

Ao longo dos seus 60 anos, constituiu-se uma potência nacional em termos educacionais. Segundo pesquisas e dados recentes, a UnB possui quatro campi, 12 institutos, 14 faculdades, 53 departamentos e 16 centros compondo a sua estrutura acadêmica (dados de 2014). Possui uma área edificada de mais de 500 mil m² em cada campi, superando os 4,5 milhões de m² em seu todo. Hoje é possível encontrar várias instituições derivadas da UnB no Centro-Oeste do país. Toda essa grandiosidade tem

como foco servir à comunidade universitária na missão institucional de produzir e difundir conhecimento.

Sua missão é ser uma universidade inovadora e inclusiva, fortemente comprometida com as finalidades essenciais de ensino, pesquisa e extensão, integradas para a formação de cidadãos éticos e qualificados para o exercício profissional. Indubitavelmente, a UnB está empenhada na busca de soluções democráticas para questões nacionais e internacionais, por meio da atuação de excelência.

O sonho de Darcy Ribeiro evoluiu, e hoje transforma vidas por meio do conhecimento alargado dos seus educadores, de publicações e de oferta de cursos em todas as áreas do saber. Motivo de orgulho para estudantes de todo Brasil; hoje entrar na UnB é sinônimo de grande realização pessoal e profissional.

3. Diálogos com Darcy Ribeiro

Esse é um diálogo com a obra “UnB - invenção e descaminho”, de Darcy Ribeiro, enfocando seu projeto de criação da Universidade de Brasília, idealizado pelo grupo de pesquisa Diálogo Transversal, da Universidade Católica de Brasília.

Vasti: É com grande satisfação que me dirijo ao inesquecível e renomado escritor, educador e antropólogo brasileiro, para esse diálogo construtivo. Ao ler sua obra “UnB - invenção e descaminho” nos sentimos instigados a saber um pouco mais sobre seu projeto de criação da Universidade de Brasília. O que de fato o levou a querer projetar uma universidade exatamente no período em que Juscelino Kubitschek planejou estabelecer a nova capital?

Darcy: Primeiramente, eu já estava envolvido no projeto da construção de Brasília, minhas ideias de adotar novas alternativas de interiorização do Brasil já haviam chegado até Juscelino Kubitschek, fato que me tornou mais visível aos olhos do presidente. Segundo Juscelino, minha oposição intelectual a Brasília foi bem recebida. Neste período foi lançado o concurso internacional para a urbanização de Brasília, e juntamente com Anísio Teixeira, trabalhávamos no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Foi então que começamos a questionar sobre a necessidade de criar também uma universidade na nova capital, na intenção de atrair o desenvolvimento logo nos primeiros tempos de Brasília.

Vasti: Sabe-se que em 21 de abril de 1960, o excelentíssimo presidente Juscelino Kubitschek mandou ao Congresso Nacional uma mensagem requerendo a criação da Universidade de Brasília. Qual foi o processo para aceitação desse projeto?

Darcy: Exatamente, após muitos debates, idas e vindas, neste mesmo ano, em 21 de abril de 1960, seguiu-se a votação e o projeto da universidade foi aprovado por imensa maioria. Logo saiu o decreto do presidente João Goulart que me fazia fundador e primeiro reitor da Universidade de Brasília. Só então começamos a montar as comissões para a estruturação da universidade.

Vasti: Qual era o requisito para a sociedade possuir uma universidade com característica inovadora? E qual tipo de universidade propunha criar?

Darcy: O requisito de uma sociedade democrática, em que a liberdade fosse exercida sem constrangimentos. Propus uma instituição autônoma que pudesse definir seus próprios rumos, integrada à sociedade que a ampara, uma universidade com um porte inovador da educação brasileira.

Vasti: É de conhecimento que até a implantação da Universidade de Brasília, passou por algumas batalhas travadas. Quais argumentos foram usados para o convencimento desse público resistente ao projeto?

Darcy: Foi argumentar que a instalação de uma universidade em Brasília não constituía um problema de ordem prática, superando as dúvidas suscitadas por alguns intelectuais e políticos, incrédulos com a ideia, entendendo que uma cidade sem tradição não poderia abrigar com eficiência uma instituição daquele porte que poderia vir a alterar a ordem da nova cidade.

Vasti: Qual era o sentimento dos primeiros construtores da Universidade de Brasília? Sentiam-se esperançosos? E quais eram as condições políticas do país, neste mesmo período?

Darcy: Em relação aos primeiros construtores, traziam muitas certezas e esperanças, as quais refletiram em sua ação inicial. Evidentemente, estas certezas e esperanças não foram perdidas ao longo do tempo, mas os novos atores que possibilitaram a sua constituição não contavam com a interferência de outros fatores não previstos pelos seus idealizadores. Quanto às condições políticas do país, após dois anos de funcionamento, o regime militar foi instaurado/imposto no país e esse formulou um modelo político diferente, no qual o país seria integrado de forma traumática.

Vasti: As opiniões sobre o papel da universidade nestas três décadas são variadas e apresentam imagens fragmentadas. Sendo assim, ao longo de sua experiência, como avalia estes primeiros trinta anos da Universidade de Brasília?

Darcy: Nesses trinta anos, formaram-se várias gerações de estudantes, seu corpo docente e o técnico-administrativo sofreram uma grande alteração, e permaneceu uma estrutura acadêmica um tanto desfigurada em relação à proposta inicial. O projeto inicial tentou resistir nos seis primeiros anos de sua implantação, mas terminou por ser esvaziado em seu conteúdo ao ser eliminado o primeiro grupo de professores comprometidos com suas ideias e a formulação de outras diretrizes para seu funcionamento. A UnB, depois de trinta anos, já não é a única portadora de novas mensagens, como apareceu no início dos anos 60, no entanto, continua como referencial dependendo da experiência de seus atores, nas diferentes etapas em que participaram de sua construção, quando se trata de procurar sua identificação no quadro universitário brasileiro.

Vasti: Qual modelo educacional estava impregnado nas universidades brasileiras antes da fundação da UnB?

Darcy: Tivemos que lutar contra dois modelos rudimentares em que estavam imbricadas as universidades brasileiras nos anos 30, o modelo tradicional, o qual já estava sendo questionado por setores das próprias instituições de ensino e pesquisa e por aqueles que pensavam em uma universidade voltada para as transformações requeridas pela sociedade brasileira, e de criar em Brasília uma universidade jesuítica (da Companhia de Jesus), sem ônus para o governo. Na verdade, queríamos construir uma universidade capaz de dominar todo o saber humano e de colocá-lo a serviço do desenvolvimento nacional.

Vasti: Sendo agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília, é considerado um símbolo da defesa civilizatória e política das instituições. Nesse sentido, como a UnB está organizada internamente para ser considerar uma universidade inovadora?

Darcy: A Universidade de Brasília tem como base a trilogia da cultura, ciência e tecnologia, porém uma universidade de homens livres, como diz Geralda Dias Aparecida: “Deveria ser uma universidade que, junto ao humanismo, à livre criação cultural, fosse integrada à ciência e às tecnologias modernas. No conjunto, seriam modificados os padrões de conhecimento presentes no ensino superior brasileiro” (RIBEIRO, 1991, p. 38).

Vasti: Observamos que sua ousadia e irreverência tornaram-se símbolo de suas conquistas asseguradas ao povo brasileiro, de alguma forma percebemos em seu discurso o desejo de que essa irreverência acontecesse também com a universidade no sentido de galgar mais desenvolvimento. O que tem a nos dizer sobre isso?

Darcy: Sim, fui considerado ousado e irreverente, e de certa forma, esses adjetivos contribuíram para o projeto de criação da Universidade de Brasília. Alguns fatores contribuíram para essa atitude irreverente, por exemplo, confundir inovação com privatização, e males da sociedade e da educação com gastos considerados excessivos com as universidades públicas, quando o seu dia a dia é o da exiguidade de recursos.

Vasti: Ao longo de sua literatura, observamos seu interesse em elevar o nível das universidades brasileiras. Em sua opinião, como deve agir a Universidade de Brasília para ser esse exemplo educacional para o Brasil?

Darcy: A universidade e o mundo intelectual sempre devem permanecer criativos, críticos e irreverentes. Isso não é fácil, num mundo internacionalizado, terceirizado e informatizado, em que as inovações científicas e tecnológicas são condições de desenvolvimento, é impensável desmerecer a função das universidades. Pois a contínua autocrítica, avaliação e inovação no interior das universidades públicas são vitais para permitir ver, além do reconhecimento da difícil e árdua consolidação universitária no Brasil, possibilidades de inovação nessa trajetória.

Vasti: A lei de sua criação rompia com a legislação casuística que determinava o ordenamento e funcionamento acadêmico das demais universidades. Aqui, as definições de seus rumos seriam tomadas no âmbito da comunidade acadêmica. Nesse sentido, qual princípio foi instituído como fundamentação para o projeto de criação da Universidade de Brasília?

Darcy: O princípio básico em que se fundava era o da autonomia. Esta, já consagrada nas leis brasileiras de ensino, ganharia forma mais concreta na Universidade de Brasília, ao ser definida a sua capacidade de exercê-la, por meio de lei do Congresso Nacional, e criadas as condições efetivas para torná-la viável.

Vasti: Como melhor descreve uma universidade?

Darcy: A universidade é uma instituição viva, ou não é uma instituição universitária. Ela se negaria se sua fundação correspondesse ao mesmo princípio como quando se inaugurou

um prédio. É por meio de suas muitas gerações de professores e alunos, com a colaboração de funcionários, que uma universidade se inventa para ela própria, reagindo e agindo sobre o meio em que está situada, de acordo com as exigências de cada momento. A mesma coisa acontece com a invenção, que é o resultado da necessidade da criação com a capacidade já disponível de inventar. Ela ocorre no lugar em que estas duas condições existem.

4. Perspectivas educacionais para o processo ensino-aprendizagem

Ler o livro “UnB - invenção e descaminho” é situar-se no tempo em que a educação brasileira estava galgando novos horizontes pela presença das universidades de ensino superior. Porém, estas ainda tinham um longo percurso a percorrer até chegar no seu ápice de universidade inovadora. Entretanto, no meio do caminho havia um intelectual altruísta, irreverente e ousado, que com seu perfil eclético, eclético no sentido da inovação, seria de fato o homem que iria mudar para melhor a conceção de ensino superior das universidades brasileiras.

O livro “UnB - invenção e descaminho” propõe uma prática reflexiva quanto ao processo de ensino e aprendizado para as novas gerações, um livro que deve ser pensado no sentido de incluí-lo nos anais da história da educação brasileira. Sua vasta complementação nos paradigmas epistemológicos, pedagógicos e antropológicos possibilita aos leitores compreender que as raízes da antropologia têm o poder de transformar novos olhares de um país imerso em rupturas, e nos orgulhar de termos uma universidade que fortalece e engrandece o nome do país pelo mundo. Um livro de 400 páginas em 10 capítulos, com um conteúdo rebuscado como contribuição de pessoas que entraram para a história política do Brasil, por seus feitos políticos voltados à sociedade.

Também pode se tornar um recurso didático-pedagógico entre as bibliografias compondo a biblioteca escolar, visto que compreende um histórico peculiar de Darcy Ribeiro, assim contribuindo para a formação em áreas afins dos nossos educandos. A Universidade de Brasília, pensada por um grupo liderado por Darcy Ribeiro e implantada por ele, tinha um radical compromisso com a melhoria do desenvolvimento e da qualidade da educação.

A Universidade de Brasília é, sem dúvida, uma referência brasileira, e graças a essa ousadia e irreverência do intelectual Darcy Ribeiro, hoje podemos contar com o avanço da ciência e da tecnologia, que salvam vidas, formam pessoas, e desenvolvem cidades pelo Brasil afora. Embora planejada com o objetivo de ser uma universidade calma/tranquila, nascida do e para o Distrito Federal, hoje se apresenta como modelo inovador também para demais universidades brasileiras.

Referências

COSTA, R. **Os Cães do Senhor.** O papel da Ordem dos Pregadores na renovação urbana e intelectual do Ocidente Medieval (séc. XIII). Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/os-caes-do-senhor>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MALRAUX, A. **De quem é a frase “Brasília Capital da Esperança”?** (COOPLEM IDIOMAS). Disponível em: <https://m.facebook.com/historiasdebsb/photos/em-1959-o-escritor-andre-malraux-que-era-ministro-da-cultura-da-fran>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RIBEIRO, D. **UnB:** invenção e descaminho. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. Brasília: Gabinete do Senador, 1991.

JUNQUEIRA, E. CÂNDIDO, A. Formação; CARONE, E. República; BRASIL. **Coleção de Leis** (1889-2000, on line); OLIVEIRA, L. Questão. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/HINO%20NACIONAL.pdf> Acessado em: 21 de nov. de 2022.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

Educação e Desenvolvimento

Vasti Ribeiro de Sousa Soares

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



A EDUCAÇÃO NECESSÁRIA

Airton Rodrigues Gonçalves de Paiva ³⁴

Marilene Nogueira da Silva ³⁵

O ruim no Brasil e efetivo fator do atraso é o modo de ordenação da sociedade, estruturada contra os interesses da população, desde sempre sangrada para servir a desígnios alheios e opostos aos seus...

Darcy Ribeiro

1. Contexto da Obra

Para relembrar e homenagear Darcy Ribeiro no centenário de seu nascimento, nada mais plausível do que retratar seu olhar sobre as universidades públicas da América Latina. Darcy Ribeiro traz a luminosidade para a superação do subdesenvolvimento e da dependência e para a necessidade de uma universidade original que saia do engessamento. É oportuno para esse momento manter um diálogo dentro da proposta universitária e que seja refletida e empregada na sua obra “A universidade necessária”. Ele pensou numa universidade política, sem subterfúgios, na qual a produção do conhecimento fosse algo constante e numa perspectiva transformadora, abrangendo setores econômicos e sociais.

Ao escrever este livro, Darcy fez a fusão de dois trabalhos que foram publicados em separado no Uruguai, em que pôde falar sobre as conferências introdutórias ao Seminário de Estruturas Universitárias que dirigiu em 1967 e um documento que preparou para servir de base à discussão do problema universitário no Seminário de Política Cultural Autônoma para toda a América Latina.

Darcy Ribeiro reúne alguns estudos elaborados por solicitação da Universidade da República Oriental do Uruguai, escritos em um dos intervalos de tempo em que estava acolhido no país como exilado político. Para uma primeira reflexão, Darcy traz a definição da modernidade reflexiva em oposição ao crescimento autônomo, portanto, dois caminhos para a superação dos problemas existentes na universidade latino-americana.

³⁴ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: paiva264@gmail.com.

³⁵ Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: marilene437@gmail.com.

Alerta para a oposição de ambos, na qual a modernização reflexa seria o acréscimo de inovações que não exigem esforços especiais para seu fluxo, e o crescimento autônomo, assim, “tende a operar como agência de perpetuação das instituições sociais, enquanto atuar espontaneamente” (RIBEIRO, 1975, p. 25). Já para essa política se faz necessário a lucidez e a intencionalidade.

A América Latina passava por um período de ditaduras, momentos de crises, e o professor Darcy Ribeiro apontava a necessidade do desenvolvimento autônomo para as universidades como único caminho para a superação dos problemas existentes, e que entendemos serem crises ainda não superadas até os dias atuais. Portanto, vale ressaltar que essa obra questionava a dependência da universidade e qual seu papel para o desenvolvimento autônomo.

Diante de tal cenário, Darcy Ribeiro apontou quatro crises que devem ser superadas: crise conjuntural, política, estrutural e intelectual.

A primeira crise, a conjuntural, corresponde ao período de revolução técnico-científica, na qual era instrumento de uma modernização reflexa. Essa modernização reflexa seria supor que as inovações tornariam as universidades eficazes em relação aos países mais desenvolvidos. A segunda, uma crise política marcada por um período de conflitos existentes na sociedade em relação à função da universidade.

A terceira era uma crise estrutural, pois era inviável uma formação e uma transformação mediante as condições estruturais precárias existentes tanto para o ensino quanto para a pesquisa. E por fim, a quarta crise era de natureza intelectual, sendo que nesta existia a intenção de transformar a universidade por meio do conhecimento dos problemas existentes e que desse modo viria a prejudicar o desenvolvimento do conhecimento científico.

A universidade é concebida por Darcy Ribeiro como um dos pilares da formação humana, separando o conhecimento irracional e o conhecimento moderno, pois, para ele o conhecimento irracional deve ser substituído pelo conhecimento moderno e científico, pois segundo o professor Darcy Ribeiro, “qualquer apego a formas herdadas do passado, qualquer zelo por tradições antigas podia ser desastrosas” (RIBEIRO, 1975, p. 14), Valora, assim, o papel das instituições sociais e o ser humano enquanto ser autônomo. Pois,

A política de desenvolvimento autônomo exige [...] o máximo de lucidez e de intencionalidade, tanto em relação à sociedade nacional como no correspondente à universidade. E só pode ser executada mediante

cuidadoso diagnóstico de seus problemas, de um delineamento rigoroso de seu crescimento e de uma escolha estratégica de objetivos, necessariamente opostos aos da modernidade reflexiva. (RIBEIRO, 1975, p. 26).

Diante de tal afirmação era imprescindível olhar para as políticas de desenvolvimento autônomo das universidades sem que fossem traçados planos que olhassem para as demandas de uma maneira ampla, buscando assim desenvolver projetos a partir de objetivos gerais e específicos bem estabelecidos e organizados. Assim, pensando na forma como Darcy Ribeiro vislumbrava a universidade, esses projetos seriam atuais, válidos para os dias de hoje.

Expondo a consciência ingênua como um obstáculo ao desenvolvimento autônomo, sendo necessária uma transição do atraso histórico e do subdesenvolvimento a uma consciência crítica, Darcy explica e nos leva a refletir:

No plano ideológico, esta transição expressa-se por duas modalidades de consciência. A consciência ingênua, própria das nações historicamente atrasadas, caracterizada pela ressignificação com seu atraso e sua pobreza, por só ser capaz de percebê-lo como naturais e necessários; e a consciência crítica, correspondente à conjuntura do subdesenvolvimento e caracterizada pela rebeldia contra o atraso, considerando antinatural é explicado como fruto de fatores sociais erradicáveis. (RIBEIRO, 1975, p. 28).

Desse modo, para Darcy a universidade inexiste sem uma consciência crítica, pois a universidade traz a missão enquanto instituição social de nortear o desenvolvimento autônomo de um país. Tem um papel político que passa do conformismo à transformação, saindo do acúmulo do conhecimento científico e partindo para uma modernidade que é transformada em consciência crítica. Podemos considerar essa consciência crítica como o ponto de partida na luta contra os atrasos existentes nas universidades da América Latina, mormente no Brasil.

A crise em que se encontravam as universidades não se tratava ser apenas de estrutura, mas sim uma crise conjuntural, política, ideológica e intelectual como já citado anteriormente. Não teria sido simples o momento das universidades, pois as divergências em relação aos pensamentos e atitudes dificultaram o bom andamento de desempenho do papel científico que têm as universidades.

Darcy Ribeiro afirma:

[...] os sintomas desta crise conjuntural surgem como efeitos reflexos, entre os quais sobressai o de desafiar sua universidades – que fracassaram na tarefa da absorver aplicar e difundir o saber humano atingido nas últimas décadas – a realizar a missão quase impraticável de auto superar suas deficiências para dominar um saber nôvo que se amplia cada vez mais, ou ver aumentar progressivamente sua defasagem histórica em relação às nações adiantadas. (RIBEIRO, 1969, p. 8).

Sendo assim, é importante que haja uma preocupação em deliberar sobre tais problemas, a fim de que possam ser devidamente debatidos e levados a uma solução imediata. Podemos notar uma grande transformação advinda desde esse período, mas ainda há a necessidade de reflexão desta época (RIBEIRO, 1969), em que era momento de resistência, mas que continua sendo imprescindível nos dias atuais no Brasil, considerados os acontecimentos políticos que, em alguns momentos, tentam marginalizar as universidades com a desqualificação de sua importância no que tange à pesquisa e à discussão de ideias. Toda estrutura proposta por Darcy foi sendo incorporada ao longo dos anos, tornando-se a universidade necessária urgentemente para que o que foi conquistado não seja destruído.

O livro “A Universidade Necessária” foi extraordinariamente importante para a época, pois era fundamental uma mudança estrutural nas universidades brasileiras, e ainda hoje vemos o quanto atual são seus escritos diante das discussões ainda presentes. Leva-nos a refletir sobre as mudanças que vêm ocorrendo ao longo destes anos e as mudanças ainda necessárias.

[...] a cultura sobre a qual a Universidade opera é um símile conceitual do mundo, em sua totalidade no qual se refletem todas as alterações substanciais da vida social, e, por outro lado, por que a Universidade não atua como um multiplicador passivo de uma cultura exógena, mas tem certa capacidade de nela imprimir a sua marca e de propor-se projetos de transformação racional da totalidade social de que a universidade participa. (RIBEIRO, 1975, p. 14).

O professor Darcy Ribeiro se preocupou em seus estudos para apresentar um modelo teórico de universidade que atendesse de maneira adequada às exigências de uma universidade para América Latina. Darcy tinha a preocupação em herdar e cultivar com fidelidade os padrões internacionais da ciência e da pesquisa, assim como o saber humano, para que

pudesse iniciar a transformação da sociedade nacional por meio da aceleração evolutiva. Quando vemos a crise pela qual passam as universidades no Brasil, mediante o seu sucateamento e pela discriminação por parte das autoridades, percebemos o trabalho de Darcy, como o esforço de muitos outros que idealizaram as universidades sendo desrespeitado, pois apesar de os estudantes terem mais voz e participação, é notório que os investimentos em melhoria da estrutura física e no financiamento de projetos de pesquisa têm sido menores a cada ano. Darcy idealizou uma universidade como um projeto, uma utopia no mundo das ideias, pois ele tinha como pressuposto uma universidade para atuar como uma força mobilizadora na luta pela reforma da estrutura vigente da época.

Pensar numa universidade nos moldes internacionais e que pudesse atender as demandas da América Latina era algo que realmente deveria ser bem estruturado, pois, como dito anteriormente, o professor Darcy idealizava uma universidade com alto padrão de qualidade principalmente na estrutura de ensino, pesquisa e no desenvolvimento do saber humano. É possível que vejamos nos dias de hoje uma postura participativa dos estudantes nas universidades, mas em alguns departamentos, como já dito anteriormente, faltam verbas para iniciar ou até dar continuidade às pesquisas e projetos importantes para sociedade.

Na concepção de Darcy Ribeiro as universidades não precisavam ser reinventadas, pois já existiam desde outras civilizações/ o que deveria ser feito era dar autenticidade e funcionalidade mediante análise das estruturas particularistas que se disfarçavam na ideologia da universidade tradicional. Darcy Ribeiro corrobora isso quando afirma que:

Tomam sentido decisivo nesta emprêsa tanto as experiências passadas por êstes povos na criação de universidades — na medida em que se possa compreendê-las em profundidade — como as experiências de tôdas as sociedades modernas, na medida em que se entendam com clareza os acontecimentos históricos e os imperativos sociais que presidiram a sua estruturação. (RIBEIRO, 1969, p. 169).

É imperativo ressaltar que essas observações devem ser trazidas para os dias de hoje, no sentido de repensar as estruturas ideológicas de algumas universidades, dando assim importância à pluralidade e diversidade dentro dos centros acadêmicos.

A universidade desempenha um papel fundamental na sociedade, mas é importante que esse desempenho seja realizado de maneira eficaz. Para isso é necessário um projeto que, assim como apontado por Darcy, seja um projeto desenvolvido em âmbito nacional e que

integre as universidades, mas não somente no que diz respeito ao conhecimento individual, mas que sejam viabilizados novos intercâmbios científicos. Este era o pensamento de Darcy na época, mas que se faz ainda muito necessário e profundo, pois a sociedade avançou, a ciência avançou, mas é preciso mais investimentos no campo científico em todas as áreas do conhecimento.

A proposta apresentada por Darcy concebe a universidade não somente como um local de aula, mas um local que envolvesse projetos de pesquisa e a integração com a sociedade, um espaço de consciência coletiva e de transformação social.

Uma universidade assim, livre e libertária, só pode sobreviver numa ordem democrática. Quando subvertida a institucionalidade constitucional [...] os custódios da regressão tiveram que reprimir todos os que se opunham à nova ordem e, entre eles, naturalmente, também a UnB. (RIBEIRO, 1978, p. 84).

Essa estrutura física e intelectual pensada por Darcy só seria possível e só pode ser viável num ambiente de liberdade democrática, ao contrário do que ocorreu quando da instauração da ditadura militar, fazendo que a universidade perdesse a autonomia e a liberdade. No período de vigência desse regime ocorreu uma transfiguração da proposta original, que hoje se encontra em processo de reinvenção levando-se em consideração que temos uma geração renovada e que almeja o protagonismo na participação das discussões para as mudanças necessárias na universidade.

Considerando como foram pensadas as universidades e como até hoje funcionam, temos a oportunidade de participar de um diálogo com o professor Darcy Ribeiro, e dessa maneira, tentaremos abordar um pouco mais a temática de como foi pensada a universidade para a América Latina.

2. Diálogo com Darcy Ribeiro

Marilene: Professor Darcy, como o senhor enxerga a forma que a juventude pensa a sociedade ou a maneira como as coisas acontecem, levando em consideração a apresentação desses estudos ao público brasileiro tendo em vista contribuir para o debate que hoje se trava em todo mundo sobre o papel da universidade e sobre seu lugar na luta contra o subdesenvolvimento?

Darcy Ribeiro: Vejo que não se trata, obviamente, de um paralelismo ocasional, mas de formas comuns de manifestação de um mesmo descontentamento essencial. A rebeldia da juventude das nações subdesenvolvidas é uma forma de expressão da sua inconformidade com o atraso de suas sociedades. E se assenta na consciência generalizada de que a penúria de seus povos não é natural nem necessária, mas decorre de fatores sociais removíveis e só persiste porque é lucrativa para as camadas dominantes da própria sociedade.

Airton: Professor Darcy, o senhor refere a universidade questionada e demonstra um incômodo quando fala das alterações ocorridas na sociedade global e refletidas sobre a universidade e que exigem uma redefinição que justifique sua forma de ser de acordo com as necessidades do desenvolvimento nacional. O que o senhor propõe para que isso seja repensado de modo a definir uma melhor maneira de ver a universidade?

Darcy Ribeiro: Acredito que mesmo os portadores de uma consciência ingênua, vendo desmascarados os conteúdos reacionários e exógenos desta, buscam redefinir sua postura para formular uma ideologia modernizadora explícita. Isto se comprova pelo fato de que ninguém mais defende a estrutura arcaica vigente na universidade, que continua gerando tensões insuportáveis. E até para prosseguir cumprindo suas funções tradicionais, a universidade deve modificar sua maneira de ser e atuar.

Marilene: Darcy, diante de suas perspectivas, e até mesmo como apontou em seu livro, que uma universidade deve ser pensada inicialmente como uma utopia no mundo das ideias, na sua concepção, a universidade é necessária para que e para quem?

Darcy: Penso que seja para promover mudanças com base no desenvolvimento autônomo e na consciência crítica, desvincilhando-se de estruturas mentais voltadas ao conhecimento conceitual e científico, possibilitando a autonomia do pensamento livre e a imersão da consciência democrática, crítica e política. E essa universidade seria uma das formas de transfigurar a universidade dando um passo em direção à transformação da própria sociedade, a fim de lhe permitir, dentro de prazos previsíveis, evoluir da condição de um “proletário externo” destinado a atender as condições de vida e de prosperidade de outras nações, à condição de um povo para si, dono do comando de seu destino e disposto a integrar-se na civilização emergente como uma nação autônoma.

Airton: Professor Darcy, o senhor afirma que ao se pensar a universidade seria importante idealizar uma universidade utópica. Como poderia ser explicado esse pensamento e de que forma deveria ocorrer essa construção?

Darcy Ribeiro: Este modelo utópico será necessariamente muito geral e abstrato, distanciando-se assim de quaisquer dos projetos concretos que posso inspirar, pois somente desta maneira poderá atender conjuntamente aos requisitos básicos.

Marilene: Quais seriam esses requisitos e de que forma poderiam ser pensados levando em consideração o pensamento inicial de universidade necessária, mas tendo como parâmetro uma universidade utópica?

Darcy Ribeiro: Levando em consideração a forma como seriam feitos os projetos e planejamentos das universidades, o primeiro requisito seria ser um guia na luta pela reestruturação de qualquer das universidades latino-americanas, sem o que estarão sempre propensas a cair na espontaneidade das ações meritórias em si mesmas, porém incapazes de somar-se para criar a universidade necessária. O outro requisito seria poder converter-se em programa concreto de ação que leve em conta as situações locais de cada país, e que seja capaz de transformar a universidade num agente de transformação intencional da sociedade.

Arton: Professor Darcy, quando pensadas essas universidades, o que o senhor imaginou para que estas atendessem as necessidades ou ao desenvolvimento da sociedade, uma vez que a sociedade vive em constante mutação no referente ao desenvolvimento e comportamento?

Darcy Ribeiro: Foi possível observar e demonstrar que uma universidade pode cumprir melhor seu duplo papel de consolidação da ordem social vigente ou de agente de transformação desta mesma ordem, pois as universidades que atuam como meras guardiãs do saber tradicional somente podem sobreviver enquanto suas sociedades se mantêm estáticas. Entretanto, quando estas começam a mudar, a universidade também se vê desafiada a alterar suas formas para servir às novas forças sociais.

Marilene: Professor Darcy, o senhor afirma em seu livro que a universidade latino-americana tem como característica estrutural básica sua partição em faculdades e escolas profissionais autossuficientes e, dentro delas, em cátedras autárquicas. Com base nessa afirmação, como o senhor vê essa partição como algo positivo?

Darcy Ribeiro: Vejo esta estrutura compartmentada unicamente como o resultado de um processo histórico que a fez tal qual é agora, mediante sucessivos desdobramentos de órgãos governamentais e da adição de inumeráveis apêndices. Assim, vejo que a

universidade constitui um resíduo histórico e não um modelo, isto é, apresenta o resultado de uma sequência de acontecimentos passados em cujos termos se pode compreender sua configuração presente, porém não a justificar.

Airton: Professor Darcy, o senhor mencionou em seu livro que a Universidade de Brasília foi o resultado de uma consciência crítica dos mais autênticos intelectuais brasileiros e que não foi imposta à realidade nem tampouco nasceu de um desejo alienado de nivelação cultural e científica com universidades dos países chamados desenvolvidos. Pelo contrário, seu projeto transformado em lei pelo Congresso Nacional e que foi o fruto da convergência de experiências de um grande número de intelectuais brasileiros, cada um deles projetando seu setor por meio de uma visão pessoal e muitas vezes dramática da realidade brasileira. Baseado nessas premissas, o que senhor diria hoje para os jovens que ingressam nas universidades, tendo a Universidade de Brasília como uma referência de idealização?

Darcy Ribeiro: Diria que fico feliz, tanto pelos jovens quanto por toda comunidade acadêmica, em saber que podem ter à disposição tantos meios para estudar, que através de movimentos estudantis podem debater os currículos que ainda são engessados e verdadeiras peças de alienação em todos os cursos das nossas universidades, e que dessa maneira podem transformar a sociedade com a oportunidade de terem acesso a um conhecimento mais amplo, mais livre, mais rico de debates e mais crítico quanto à sua forma de pensar. Por conta disso, vejo como inestimável o valor da universidade para essas novas gerações.

3. Contribuições de Darcy Ribeiro na Perspectiva de uma Universidade Necessária

Para que possamos analisar e inferir sobre o que previa ou sonhava Darcy Ribeiro, é importante observar que em 1960 o Brasil tinha 70 milhões de habitantes, e destes, 99 mil estavam matriculados em cursos superiores, o que representava aproximadamente 0,14% da população (RIBEIRO, 1969, p. 77). Fazendo uma comparação com o número de estudantes matriculados em 2020 em universidades públicas, quando temos uma população de aproximadamente 212 milhões, constatam-se 4.714.434 matrículas, o que representa 2,22% da população do Brasil, ou seja, um número 15 vezes maior de estudantes matriculados em uma universidade em relação ao ano de 1960.

O projeto de uma universidade necessária ganhou vários capítulos na história, que desde a mudança de acesso à universidade que antes era apenas por meio de vestibular, e hoje tem-se o acesso também por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e no caso

de Brasília, há o Programa de Avaliação Seriada (PAS), caminhos que com o passar do tempo foram sendo ajustados para fazer valer o direito anteriormente negado às minorias.

No momento em que Darcy Ribeiro idealiza a universidade, ele fica incomodado com o fato de estas instituições atuarem como meras guardiãs do saber tradicional, assim sobrevivendo somente enquanto suas sociedades se mantiverem estáticas. Desse modo, é importante verificar que sua preocupação veio a ser de certa maneira mitigada quando da promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que em seu artigo 43, nos incisos que tratam das finalidades da educação superior, estabelece que a educação superior tem por finalidade: estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, mediante publicações ou outras formas de comunicação, e promover a extensão aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 1996).

Assim, tais princípios agregam finalidades que fazem com que a educação superior nas universidades traga para a sociedade o resultado dos estudos feitos e que essa mesma sociedade não fique inerte e nem alheia ao conhecimento produzido no âmbito das universidades.

A universidade necessária e ideal pensada por Darcy Ribeiro ainda caminha rumo ao seu destino, com passos largos e precisos, seguindo como idealizado em seus projetos utópicos, muitos deles tornando-se realidade conseguindo transformar a sociedade. O projeto de Darcy Ribeiro continua em plena execução, mesmo que em alguns momentos sejam necessárias correções de rota para que os objetivos para a atualidade sejam alcançados.

Com certeza, o professor Darcy Ribeiro hoje estaria pensando e planejando a estrutura curricular para os jovens que ingressaram no novo ensino médio e que em breve estarão na universidade com sonhos e projetos de vida encaminhados a partir dos itinerários formativos. Que essa universidade pensada por Darcy receba de braços abertos nossos jovens para essa longa caminhada que é a vida acadêmica e profissional.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 23/12/1996, Página 27833 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-pl.html> Acesso em: 27 jul. 2022.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

RIBEIRO, D. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

Série Diálogos com Darcy Ribeiro: Educação e Democracia

A Educação Necessária

Airton Rodrigues Gonçalves de Paiva
Marilene Nogueira da Silva

Assista o
vídeo sobre
o Capítulo



Curriculum dos Organizadores

Luiz Síveres

Pós-Doutor em Educação e Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Especialista em Aprendizagem Cooperativa e Tecnologias Educacionais pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em Psicologia junguiana pela Faculdade de Saúde de São Paulo (Facis). Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa: Comunidade Escolar, Encontros e Diálogos Educativos. Pesquisador Produtividade do CNPq (PQ2).

E-mail: luiz.siveres@gmail.com

Joaquim Alberto Andrade Silva

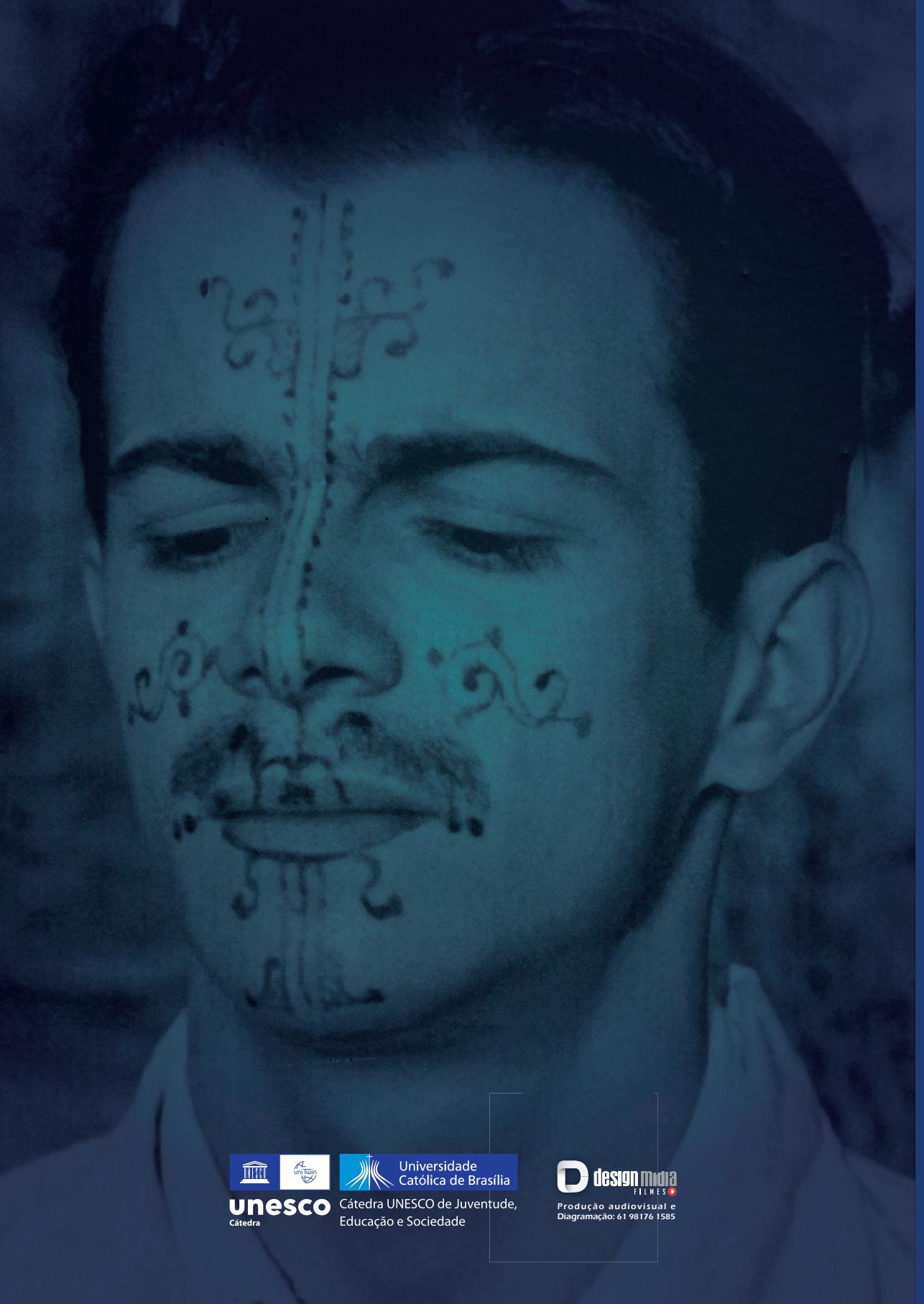
Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Especialista em Adolescência e Juventude. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Atualmente é Coordenador Corporativo de Pastoralidade da União Brasileira de Educação Católica – Grupo Ubec. Atua como membro do Conselho Consultivo do Movimento de Educação de Base (MEB). Participou como perito convidado do Sínodo dos Bispos para a Amazônia. Tem experiência nas áreas de pastoralidade, direitos humanos, educação, planejamento, ecopedagogia, vida religiosa consagrada, projeto de vida, comunicação, juventude e formação de lideranças.

E-mail: joaquimaasilva@gmail.com

Idalberto José das Neves Júnior

Doutorado em Educação e Mestrado em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Especializações em Aprendizagem Cooperativa e Tecnologia Educacional, Didática e Metodologia, Processamento de Dados – Análise de Sistema e Administração Contábil Financeira. Graduações em Ciências Contábeis e em Tecnologia em Processamento de Dados pela Associação Cultural e Educacional de Barretos. Professor e Pesquisador na UCB. Pesquisador Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da UCB. Pesquisador do Mestrado em Governança, Tecnologia e Inovação (MGTI) da UCB. Gerente de Soluções na Diretoria de Controladoria do Banco do Brasil S/A. Autor do livro É Possível Ser um Bom Professor? O Pensamento Ecossistêmico na Educação Superior.

E-mail: idalbertoneves@gmail.com



unesco
Cátedra



Universidade
Católica de Brasília

Cátedra UNESCO de Juventude,
Educação e Sociedade



FILMES